V Centenario do Descobrimento da Madeira

Publicação Comemorativa

Dezembro de 1922

Editora: «Comissão de Propaganda e Publicidade do Centenario»

A Ilha da Madeira

ARQUIVO DISTRITAL FUNCHAL

Corria a noite do mar tenebroso quando a Madeira surgiu da treva: era o mistério que amanhecia entre névoas desfeitas, o romper da lenda, o estremunho do sol. Para alem era a noite ainda, mas a terra já aqui se abria num abraço infinito de adolescência, de virgindade e de amor. Descobrira-se uma nova pátria misteriosa, ainda desconhecida e já adivinhada, como as princesas de encanto dos séculos de candura. Os descobridores pisavam, em êxtase, a terra de seus pais: o sol não lhes mordia a pele, o frio não lhes regelava os ossos, o céu azulava-se de clemência, as montanhas ergulam-se com a mesma alma devota das montanhas da Beira, os vales espreguiçavam-se com a indolência das várzeas do Douro, e a colgadura verde da natureza era mais sumptuosa e farta que as roupagens do Minho; até o mar, toucado de espumas virgens, no seu ritmo de obstinação profética, dialogava com o mar do Algarve, e ás águas eles ouviam absortos a mesma história de saudades no mesmo fio de queixumes. As caravelas tinham perdido a pátria no azul-horisonte, mas ela vinha de novo ao seu encontro, moça, virgem, portuguesa, com o sol do novo dia e a música da manhã, de vozes e de murmúrios, de explendores e de matizes. Sem padrões de armas, sem cruzar o ferro, os homens de Portugal devassaram a ilha ignota, celebraram com ela os esponsais da audácia e a ilha foi ninho de águias, foi terra-mãe. Alfobre de mareantes e de guerreiros, a história dos seus filhos retalhou-se pelo mundo, nos lances da descoberta e da conquista; não a podemos separar da glória portuguesa porque ela foi o estimulo da aventura, um reduto da vitória, a atalaia que guardou no Atlântico o sonho lusiada. Alcantil da águia henriquina, ofegante do primeiro vôo, prestes a levantar o surto da amplidão e do dominio!

Os povoadores cresceram como as árvores: eram uma raça forte, latejante de anceio ambicioso, que se refrigerava na gleba húmida como uma semente tropical. Operou-se lentamente o consórcio do homem com a natureza: a vertente basáltica fê-lo agil e robusto, a luta com a montanha, destorroada em hortas opíparas, fê-lo paciente e tenaz; a terra farta, fiel ao semeador, fê-

lo generoso e leal, como o horisonte infinito lhe deu nobreza ao espirito e o céu manso pôs na alma a mansidão. Mas pulsava perto o coração da pátria, o sangue da raça estuou sempre na mesma pulsação.

Desfeita a caligem do oceano, rasgados os caminhos das naus, a ilha foi, no Atlântico, a porta acolhedóra que o estrangeiro tomou pela porta do seu lar: cultivou então a hospitalidade dos gregos e o lotus reinou entre os frutos da sua mesa. Ouviram-se muitas e desvairadas línguas, mas o português manteve a sua pureza porque a ilha tem o coração ao pé da boca, posta como está á beira de Portugal. Quando o génio da raça, numa aurora tingida do sangue mouro, quebrou o encanto das ondas, foi no seu regaço que dormiu o sono infante a sonhar a grandeza dos destinos, e quando crispou as asas das alturas, para abrir o vôo que cingiu dois mundos, foi ainda nos seus cumes de névoa que veiu tentar o vento da epopeia o mesmo espirito imortal!

J. H.

UM CENTENARIO GLORIOSO

Já muito se tem escrito ácêrca do descobrimento do arquipélago madeirense, mas continúa envolvida em densas trevas a determinação precisa da época em que se realizou esse feliz e importante acontecimento. O problema não interessa apenas á Madeira, mas igualmente á historia dos nossos descobrimentos maritimos, pois que ele representa o inicio glorioso dos nossos feitos homéricos através de continentes e oceanos.

O descobrimento da Madeira é o grande padrão imorredouro que verdadeiramente marca o começo auspicioso da nossa odisseia de navegantes. Antes dos portuguêses aportarem a estas praias desconhecidas, só realizaram empreendimentos arrojados, mas quasi inteiramente infrutíferos, e depois disso é que descobriram os Açores, a Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Principe, Angola, o Cabo da Boa Esperança, a India, o Brasil e essa infinidade de ilhas dispersas na vastidão do Atlantico e do Pacifico. A descoberta dêste arquipélago não representa sómente uma notavel expansão territorial dos nossos domínios como nação, mas sobretudo assinala a nossa primeira grande conquista como navegadores e futuros dominadores dos mares.

Para uma nação, cujo principal papel na historia foi o das navegações e conquistas maritimas, não pode deixar de ser considerada como um grande e glorioso acontecimento a primeira importante descoberta que fizemos, devendo haver o mais acrisolado empenho em fixar-se com inteira e absoluta precisão a época em que se deu esse notavel acontecimento. A verdade é que coisa alguma se tem feito nesse sentido. Apesar de existir no seio da Academia das Sciencias de Lisboa uma comissão especialmente encarregada de promover a comemoração das nossas conquistas e descobertas, não nos consta que tenha encetado quaisquer trabalhos de investigação histórica, com o fim de determinar precisamente a época de algumas dessas descobertas e conquistas, como base segura e indispensavel para a celebração dessas mesmas comemorações.

Adoptara-se geralmente a data de 1419 ou 1420 como a mais provavel do descobrimento deste arquipelago, trilhando-se a esteira das antigas crónicas e nomeadamtnte a época que Gaspar Frutuoso fixára para esse acontecimento, que tambem por sua vez fôra seguida pelo ilustre e erudito anotador das *Saudades da Terra*.

Em 1920 surgiu a publicação dum interessante e valioso opúsculo intitulado *O Reconhecimento do Arquipelago da Madeira*, cuja autoria pertence ao distinto advogado e jornalista dr. Manuel Gregorio Pestana Junior, em que se abre uma nova rota para a fixação da data do descobrimento. Ter-se-ia então dado esse notavel acontecimento no periodo decorrido de 1421 a 1425. Embora se possa discordar das conclusões a que chega o dr. Pestana Junior, é no entretanto indescutivel que o seu trabalho representa um aturado e conscienciozo estudo, que conduzirá porventura a novas investigações e talvez a mais seguras e terminantes afirmativas sobre o assunto.

A devergencia de autorisadas opiniões ácêrca da fixação dessa data memoravel, justifica absolutamente o adiamento da comemoração do centenario com relação á época que era em geral adoptada pelos cronistas.

Alem do impreterivel dever que á Academia de Sciencias se impunha de celebrar condignamente este centenario, como o fez com o centenario da conquista de Ceuta, tambem ao governo da metrópole corria a indeclinavel obrigação de decretar a oficialisação das festas do centenario e de se associar publicamente a essas comemorações, pois que elas, mais que tudo, solenisam o facto glorioso do inicio das nossas descobertas e conquistas maritimas, unico facto que verdadeiramente nos faz ocupar um logar de destaque na historia da civilisação dos povos modernos.

F.

No V Centenário

do Descobrimento da Madeira

Ilha, ha quinhentos annos
E ao sol que flammejava assim como uma pyra,
Das amuras da ré amainados os pannos,
Fundeou o barinél nas aguas de safira.
Emergias viçosa: a nuvem cambiante,
Cingindo-te alcantís, cimos de rocha, glábros,
Aflorava o «pinhal» a sustentar ovante,
E para glória tua, os brônzeos candelábros.
«Robles» de tronco nu, viridente a folhagem,
Dragoeiros na chã, e tis, e azevinhos,
Giestaes em que ardia a floração: paisagem
Onde havia o choral das fontes e dos ninhos...
Madresilva em festão, urze do alto, aos mólhos,
—Tudo te dava emfim um encanto vivaz
Para teu Pae Oceano, ó Ilha, e para os olhos
De Zarco e Tristam Vaz!
Foi ha quinhentos annos...
E hoje ainda tens, quando te sinto a ti
Para além dos parcéis da Mágoa e Desenganos,
Esse encanto suave, ó terra onde eu nasci!...
Meu coração, missal de fervorosas préces,
Em sua voz te réza, humilde, o Parabém;
—Perfumado rosal, Ilha, nunca envelheces...

E's como a minha mãe.

FUNCHAL. JAYME CAMARA.

O Descobrimento

Ha varias lendas, conjecturas e hipoteses que fazem remontar o conhecimento da Madeira e outras ilhas do Atlantico a épocas remotissimas, mas nada de positivo se acha a tal respeito averiguado. E' bem conhecedora a afirmativa do celebre filosofo Platão ácêrca da Atlantida, que consistiu na existencia duma grande ilha situada áquem das colunas de Hercules, e que em virtude duma formidavel convulsão do globo desapareceu nos abismos do oceano. Nesta publicação e em artigo especial se fará mais demorada referencia á ilha Atlantida e por isso nos abstemos neste logar, de uma mais larga explanação do assunto.

Outra lenda, de que fazem menção alguns autores, é a das ilhas de São Brandão, monge irlandês que teria percorrido varias ilhas do Atlantico, uma das quais seria a Madeira. Ainda afirmam outros que os fenicios, os arabes, os cartagineses e os normandos, em épocas diversas, percorreram as costas ocidentais da Africa e visitaram muitas das ilhas dispersas pelo Atlantico, deixando em algumas delas vestigios da sua passagem. Em especial do cartaginês Hanon e de seu *Periplo*, ou descrição de sua rota maritima, se teem ocupado muitos escritores, havendo alguns autores de boa nota e de autorizada critica que reputam como verdadeira a existencia desta viagem. E deste modo se admitiria a possibilidade do arquipelago madeirense ter sido ponto de passagem de alguma ou algumas dessas duvidosas e problematicas navegações.

Crê-se geralmente, e com os mais bem alicerçados fundamentos, que essas viagens, devido ao atrazo da arte de navegar, á pequena lotação das embarcações, aos terrores que infundia a vastidão do oceano, á crença em animais marinhos de enorme corpulencia, capazes de tragar ou fazer sossobrar os navios, e ainda a outras lendas e superstições, essas viagens, diziamos, só se realisavam costa a costa, tendo-se principalmente como balizas e ponton de refereneia os cabos, promontorios e pontas mais salientes da terra, não se abalançando então os navegantes ás viagens de alto mar e ás largas e afastadas singraduras, que demasiadamente os desviassem da vista da terra firme. E' por estes ponderosos motivos que, embora se admita a possibilidade dessas remotas navegações, todas as possibilidades militam a favor do facto geralmente aceito e reconhecido de não haver sido o arquipelago madeirense visitado antes de João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz terem demandado estas ignotas paragens. O distinto geógrafo e historiador M. d'Avezac, na segunda parte da sua notavel obra *Iles de l' Afrique*, de pag. 2 a 41, ocupa-se largamente das lendas e tradições a que aqui apenas fazemos uma rapida referencia, e tambem delas se ocupa o ilustre anotador das *Saudades da Terra*, numa das eruditas notas á obra de Gaspar Frutuoso. Não nos referimos neste logar á conhecida lenda de Machim, porque dela nos ocuparemos em artigo especial.

Sem entrar em conta com essas lendas e tradições, teem alguns autores afirmado que não foram os navios portuguezes os primeiros que demandaram as praias deste arquipelago. Dessa opinião se fez éco o nosso ilustrado patricio e distinto investigador dr. Jordão de Freitas, no seu interessante opúsculo *Quando foi descoberta a Madeira?*, afirmando que um frade mendicante espanhol do século XIV fez uma viagem a esta ilha, e que na respectiva descrição, publicada em 1877 no boletim da Sociedade de Geografia de Madrid, menciona claramente as ilhas *Salvage, Desierta, Lecname* e *Puerto Santo*. Já o visconde de Santarem se referira setenta anos antes a essa viagem do monge espanhol, mas sem lhe dar fóros de cidade, e até considerando-a como de nenhum valor historico e geografico.

Outros ainda, fundamentando-se principalmente nas memorias historicas do academico Joaquim José da Costa de Macedo, insertas nas *Memorias* da Academia de Lisboa e publicadas em 1816 e 1835, em que julgaram haver-se provado da maneira mais concludente que os portugueses descobriram as ilhas Canarias no segundo quartel do seculo XIV, afirmaram por isso que o arquipelago madeirense teria sido descoberto por essa época, não sendo portanto as caravelas do infante, comandadas por Zarco e Tristão Vaz, as primeiras que aportaram á Madeira.

O ilustre publicista dr. Teofilo de Braga, pretendendo despojar D. Henrique da gloria de ter sido o verdadeiro iniciador das nossas grandes descobertas maritimas, compartilhou tambem daquela opinião, mas sem aduzir argumentos decisivos e nem ainda acreditaveis probabilidades que tentem dar fóros de verdade, ao menos aparente, á sua arrojada afirmativa. A argumentação de Costa Macedo baseia-se especialmente numa carta dirigida por D. Afonso IV ao Papa Clemente VI, carta copiada dum autor estrangeiro e que não oferece seguras garantias de autenticidade.

Estes diversos problemas historicos, a que aqui fazemos uma rapida referencia, foram tratados por Aires de Sá no seu notavel trabalho sobre Gonçalo Velho Cabral e mais tarde por João da Rocha na obra intitulada *Lenda Infantista*, publicada em 1916. Neste ultimo estudo, prova-se exuberantemente e sem receio de uma contradita bem fundamentada, que os portuguezes não estiveram nas Canarias no segundo quartel do seculo XIV

e que o arquipelago madeirense foi descoberto por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, na época comumente indicada pelos historiadores, não sendo anteriormente conhecido por outros navegadores nacionais ou estrangeiros. A *Lenda Infantista* é, sobre o assunto, uma obra completa e exaustiva, como modernamente costuma dizer-se, não só pelo indefesso e largo trabalho de investigação historica, mas principalmente pela critica imparcial e justa com que está escrita, e ainda pela segura e cerrada dialetica que norteia toda a argumentação do seu autor.

Parece ponto averiguado que João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz foram arrojados por um violento temporal ás praias da ilha do Porto Santo. Assim o afirmam os mais antigos cronistas que se ocupam do descobrimento desta ilha. Iam aqueles navegadores á ventura das descobertas, á exploração do desconhecido, demandando especialmente as terras da Guiné, que era então o ponto de atracção para as navegações arrojadas dos portugueses, quando a tempestade os conduziu inesperadamente ás costas duma ilha desconhecida. Gomes Eanes de Azurara o mais antigo narrador destes acontecimentos, diz que «vendo o Ifante suas boas voontades (as de Zarco e Tristão), lhes mandou aparelhar hũa bareha em que fossem darmada contra os Mouros, encaminhandoos como fossem em busca da terra da Guiné... e como Deos querya encaminhar tanto bem para este regno... guyouhos assy que com tempo contrario chegaram aa ilha que se agora chama do Porto Santo..... por cuja rezom leixara aquela ilha e passaronse aa outra da Madeira...». Para mais completo esclarecimento deste texto de Azurara, transcrevemos o judicioso comentario que lhe fez o dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo numa das anotações das *Saudades*:

«A' vista do precedente texto, de Azurara, é claro que *Zarco* e *Tristão Vaz*, quando pela primeira vez surgiram nas aguas deste arquipelago da Madeira, não os trazia cá alguma noticia dêste, de origem castelhana, ingleza ou outra; iam *«em busca da terra da Guiné»*, que era a mira constante de D. Henrique, e segundo elle dera regimento aos seus navegadores: ninguem senão «DEOS OS GUYOU», impellindo-os com *«tempo contrario»* á rota que levavam, até que «ASSY *chegaram aa ilha que se agora chama do Porto Santo:»* e *«no ano seguinte»* os mesmos descobridores «PASSARAM-SE» da ilha do Porto Santo *«aa outra da Madeira»*.

«Passaram-se», disse muito bem Azurara: que nesta só palavra se inclue perfeita a historia do descobrimento desta ilha; historia muito mais ingénua e sã que todas quantas teem sido depois phantasiadas: porque é physicamente impossivel estar alguns tempos na ilha do Porto Santo, e, em dias claros, não avistar reconhecidamente a terra da Madeira, tão alta como é. Neste ponto Azurara tem por si o testemunho unanime de quantos aqui vivem e confirmado pelo de quantas gerações aqui teem vivido de Zarco para cá. O descobrimento de uma importava de força o da outra.—*«Passaram-se»*, sim, os descobridores portugueses, e de moto-proprio, sem aventura de Machim, nem aviso de castelhano, simples e chãmente, por mar de rosas: e assim ficou o descobrimento consumado.

«A' luz da prova resultante do exame local, Azurara foi escrupulosamente veridico. Não o acoimem de deficiente; que escreveu as palavras precisas para referir e afirmar o facto.

«*Deos guiou-os* pela mão da tempestade á ilha do Porto Santo: e desta *passaram-se* Zarco e Tristão Vaz á da Madeira:—está dito tudo».

Os cronistas que imediatamente a Azurara se ocuparam do descobrimento da Madeira foram João de Barros e Damião de Goes, cujas narrativas não diferem essencialmente da descrição do autor da *Chronica da Guiné*. Anteriormente a Barros e a Goes, é certo que Diogo Gomes de Cintra e Luis de Cadamosto, não como historiadores ou cronistas, mas como simples navegantes, se referiram nas suas narrativas ao descobrimento dêste arquipelago, não se encontrando contudo nelas quaisquer afirmações que contrariem as terminantes asserções dos historiadores citados, particularmente Eanes de Azurara, que foi contemporaneo dos factos que narrou.

Em que ano foi descoberta a ilha do Porto Santo? Como já acima fizemos notar, não está ainda averiguada a data precisa desse acontecimento. Ouçamos no entretanto a narrativa de Gaspar Frutuoso.

«Chegando um poucos dias ao Porto Santo... viram logo do mar aquele negrume... E assim se detiveram alguns dias... Hum demingo ante manhaa, tres horas antes de sahir o sol, mandou fazer os navios á vela... Correram hum bom tempo a cometer o negrume... E sendo já tempo do meio dia... tendo pouco espaço andado... viram... terra... e por ser já muito larde não sahiram aquele dia em terra... Ao outro dia... desembarcado... tomou posse... dia da visitação de Santa Izabel, dous de Julho do ano acima dito de 1419».

Os trechos do dr. Gaspar Frutuoso, que ficam transcritos, são comentados pelo ilustre anotador das *Saudades*, o dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, nos termos seguintes:

«Quanto a ter o dia 1 de Julho, apontado pelo dr. Frutuoso, sido aquele em que Zarco chegou pela primeira vez a esta ilha, não temos razões que oppõn: pelo contrario, a minudencia de precedentes, concomitantes e consequentes com que o indica, leva a presumir que esta passagem seja uma das conservadas no antigo manuscripto attribuido a Gonçalo Ayres e que depois foi correcto e augmentado pelo conego Leite».

Para os menos versados em cousas histo-

ricas madeirenses, convém lembrar que Gonçalo Aires Ferreira foi um dos companheiros de Zarco, a quem se atribui a autoria dum escrito intitulado *Descobrimento da Ilha da Madeira*, cujo original se transmitiu, por herança, de pais a filhos, entre os capitães donatarios do Funchal, até que no tempo do sexto capitão e segundo conde da Calheta, João Gonçalves da Camara, se serviu desse manuscrito o conego da Sé do Funchal, Jeronimo Dias Leite, para escrever as notas que enviou ao dr. Gaspar Frutuoso e que este aproveitou para a sua importante obra *As Saudades da Terra*.

A termos como absolutamente certa a narrativa de Frutuoso, a Madeira fôra descoberta no *domingo 1 de Julho de 1419*, efectuando-se o primeiro desembarque na praia de Machico no dia imediato, isto é na *segunda-feira 2 de Julho* do mesmo ano. A esta terminante afirmativa do autor das *Saudades*, opõe o dr. Manuel Sardinha, em artigo publicado no *Diario de Noticias* desta cidade, de que é redactor, as seguintes judiciosas reflexões:

«Escrevendo o distinto açoreano em seu «Descobrimento das Ilhas ou Saudades da Terra» que os navegadores Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira alcançaram na sua nau «S. Lourenço» a Madeira *em um domingo, primeiro dia do mez de Julho*, essa descoberta só poderia ter sido efectuada em 1414 ou 1425, anos mais proximos dos pretendidos, em que o dia 1 de Julho caiu num domingo. Em 1420 o dia 1 de Julho era uma segunda-feira. Com certeza a indicação de Frutuoso tem um erro: ou do dia de semana, ou do dia do mez. Emquanto que 2 de Julho de 1419 era um domingo!» O dr. M. Sardinha chegou a estas conclusões, que são inteiramente verdadeiras, depois de serias investigações e estudos, podendo, pois, peremptoriamente afirmar-se que o dia 1 de Julho de 1420 caiu numa segunda feira e o dia 2 de Julho de 1419 caiu num domingo.

E' bem possivel que os detalhados pormenores de Frutuoso sejam em tudo verdadeiros, com excepção do ano assinalado á descoberta, harmonisando-se dêste modo as conclusões do historiador das ilhas, do dr. Manuel Sardinha e do dr. Manuel Gregorio Pestana. Talvez que ulteriores investigações e mais aprofundados estudos façam brevemente lançar uma intensa luz sobre este debatido assumpto e se chegue a determinar com inteira e absoluta precisão o dia, o mês e o ano em que as caravelas de Zarco e Tristão Vaz dobraram a ponta de S. Lourenço e fundearam na baia de Machico.

Para terminar esta sucinta resenha historica ácêrca do descobrimento dêste arquipelago, convem advertir que embora se admita, como alguns pretendem, que os hespanhoes e até mesmo portuguezes tivessem aportado a estas plagas desconhecidas antes da arrojada viagem de João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, o facto não eclipsaria o feito heroico dos dois audazes navegadores e nem com isso sofreria a gloria das nossas homéricas emprezas atravez dos mares desconhecidos.

Sonho de Zargo...

(EXCERTO DA «INSULANA»)
Livro III, pag. 129

A Ilha sóu famoza, que buscando
Com famma vás, no Mar caminho abrindo,
Que a gloria estou de ti alta esperando
Que a famma levará do Tejo, ao Indo.
Guiádo vens do Céo, porque augmentando
O que, te vaõ seus Astros influindo,
Com novo nome me farás gloriosa,
E á esse Atlante ouvida por famoza.

Sou a que guardo, em meu feliçe assento
Ao nome téu, que o Céo estima, & ama
Alto princípio, de ditoso augmento,
Ovánte em glorias, em grandeza, & famma.
De Túa gram Progenie o Fundamento,
E a generosa Etyrpe em quem derrama
Tantas graças o Céo; no Mundo honrada
Será, & em meu Terreno propaguáda.

Este, gozarás bello em varias flores
Em quem te há de mostrar a Natureza
Com seu engenho vivo, altos primores.
E de seu graõ pinsel, toda a belleza,
Em perfeiçaõ, & em graça mil louvores,
Com arte naõ, mas com tam gràm destreza,
Que do mesmo Terreno, em qualquer parte,
Do natural verás vençida á Arte.

Que este lugar que agora alegre pizo
Despois que o mundo foi por Deus criado
Em deleites segundo Paraizo,
Com gloria para ti, foi reservado,
Por téu ser: com prudençia, & com avizo,
Será felix ao mundo divulguádo
Porque conhessa, quando queira honrarte,
Que da fee lhe arvoraste o Estandarte.

Nelle com ordinarios. & votivos
Sacrificios, que á Deos obrigaõ tanto
Prolonguarás os annos fugitivos,
Com elles dándo em famma. ao mundo espanto;
Porque téus pensamentos sempre altivos,
O favor tendo do Estrellado Manto,
Te haõ de fazer por ella, tam famozo.
Como hás de ser vivendo venturozo.

Se a Impudica May do vil Cupydo
Se préza em ter por Patria deleitoza
A Chypre, & ser honrada em Papho, & Gnido
E lá na Amatha riqua & populoza,
Naõ Marte em mim verá, de Amor vençido.
Mas tú, que o es, em famma gloriosa,
Pois mais que estas. insigne Lusitano
Mas hás de fazer famoza, no Oceano.

O Tempo hé já chegado. & oportuno
Em que hás de vér téu desejado intento
Mais riquo, em meus avéres, que os que Juno,
Goza soberba, em alto pensamento.
Séu Már em calma, te dará Neptuno,
Enserrarteha de Heleno o filho, o vento,
E com pax, sem temor da dura guerra
Gozarás, como Antheo favor da Terra.

Naõ tens que reçear a nevóa escúra
Com que me oculta o Grande Autor da vida,
Que em ser mostrada, á tua gram ventura
Hé, por te estar de longe prometida,
O vaõ reçéo, desterrar procura
Que deixou sempre a famma, escuressida.
Quando do feito. o alto vençimento,
Consiste no ouzado atrevimento.

E posto que do bem, que se deseja
Esque trás por cuidado o pensamento,
Tal vez procede o sono, hé bem se veja
A cifra em mim, de teu ditoso intento,
Que por honrar a Militante Igreja,
Quem tantas lúzes déu ao Firmamento.
Com este, por favor te manda avizo,
Deste novo, & occulto Paraizo.

Animate qual deves, que esta empreza
Só por tua no mundo conhesçida.
Há de ser estimada: com a alteza,
Que a mayor fama, & gloria hé já devida,
Tomar nestas atrás, hé graõ beixeza,
Seguillas, hé victoria conhesçida,
Seu nome estima agora, este só ama.
Que naõ há poder na morte, contra a famma.

Isto dizendo, lhe dezaparesse
E do Jardim alegre, a nova via.
Torna a tomar. mas Ecco que se offreçe.
As ultimas palayras repetia.
Acorda o Zargo, em cujo esforço cresçe
Da empreza singular alta ouzadia.
E se mais çedo os braços lhe lançára
Com o bem que esperava se abraçára.

Pretendendo seguilla. vio que estava
Distante do Jardim, aonde a vira.
E que em hum verde bosque se embrenhava
E que do trato humano se retira,
Mas conheçéo que a ilha que buscava
Na Nympha o alto Céo lhe descubrira.
Com cuja vista, vendosse animado,
Torna a tratar do intento comessado.

1635 MANOEL THOMAS (1585-1665)

Monumentos da Descoberta

Capela de Santa Catarina

O capitão João Gonçalves Zarco... abrigando os navios aos ilheos que no cabo dêste logar estão, por haver ali uma formosa enseada determinou de fazer em terra sua morada de madeira. a qual logo fez pegada com o mar em hum logar alto. onde depois a capitoa Constança Rodrigues Jardim fundou huma egreja de Santa Catharina». Eis aí ficam as palavras com que Gaspar Frutuoso descreve o primeiro assentamento de Zarco com a sua moradia e capela adjunta. Apezar do autor das *Saudades* dizer que a egreja de Nossa Senhora do Calhau foi a primeira edificada no Funchal e o seu ilustre anotador sustentar ter sido a antiga ermida de São Sebastião, compartilhamos no entanto do sentir dos que afirmam, fundamentando-se em antigos documentos, que a capela de Santa Catharina tem o direito de prioridade na construção das egrejas do Funchal. Entre outras, seguimos a opinião do autorisado anotador da *Historia Insulana*, quando claramente afirma «que a primeira sem contestação alguma era a de Santa Catharina, construida de madeira pelo Zarco com as casinhas anexas que lhe serviam de morada logo que chegou á ilha». Edificada por João Gonçalves Zarco ou por sua mulher D. Constança Rodrigues de Sá, o que vale o mesmo, foi sem duvida a capela de Santa Catharina o primeiro templo

que se levantou no Funchal. Como todos os edificios que nesta ilha se construiram nos tempos primitivos da colonisação, teria sido esta capela uma edificação de madeira, da mais singela arquitectura e despida de toda a decoração e ornato, o que somente deste modo poderia então ajustar-se ás circunstancias ocorrentes. A pequena e primitiva ermida sofreu varias reconstruções e repairos no decorrer dos tempos, sendo a capela actual uma construção dos fins do seculo XVII. E' no entretanto o unico edificio que no Funchal recorda o facto da descoberta. Como tal deverá ser religiosamente conservado. Na sua pequenez, na sua modestia e na sua pobreza comemora o inicio das nossas brilhantes descobertas maritimas e para os madeirenses representa além do descobrimento o começo da colonisação dêste arquipelago. O actual edificio tem gravada na cantaria superior do portico a data de 1425 que decerto representa o ano da construção primitiva.

Capela de Cristo

Na vila de Machico e na margem esquerda da ribeira que a atravessa, se encontra a pequena distancia da igreja paroquial a antiga capela de Cristo, que actualmente é conhecida pelo nome de capela do Senhor dos Milagres e a que tambem se chamou da Misericordia, por haver pertencido a esta instituição de beneficencia, que tinha a sua séde naquela vila. E' das mais antigas capelas da Madeira e afirmam alguns que foi o primeiro templo que se erigiu nesta ilha. A lenda de Machim, de que noutro logar nos ocuparemos, diz que os descobridores ao desembarcaram nas praias de Machico, encontraram as sepulturas de Roberto Machim e Ana Arfet, deparando com um singelo epitafio em que se narrava a aventura dos infelizes amantes e se pedia que naquele local fosse construida uma capela da invocação de Cristo. A darmos crédito á amorosa lenda, estaria nessa desgraçada aventura a origem da fundação desta capela. O dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo nas suas eruditas e interessantissimas notas ás *Saudades da Terra*, reduziu o caso de Machim ás suas ligitimas proporções, e depois deste exaustivo trabalho não é licito admitir a possibilidade dessa lenda como varios autores, seguindo D. Fernando Manuel de Melo, a pretendem poeticamente descrever.

O que parece averiguado é que os descobridores, no proprio dia em que pela primeira vez pisaram a terra virgem desta ilha, fizeram erguer um improvisado altar, e ali celebrou o sacrificio da missa um dos religiosos franciscanos que vinham na frota de Zarco, em acção de graças pela importante descoberta que acabavam de realizar. Fizeram os descobridores o voto de levantar uma igreja neste local, e é esta a verdadeira origem da fundação da capela de Cristo. «E como, diz Frutuoso, neste logar a primeira missa que se disse foi a da Visitação, que é a 2 de Julho, ficou esta igreja sendo casa de Misericordia».

Embora simples e modesto, é este pequeno templo um verdadeiro monumento historico, que comemora o facto da descoberta. Assim tem de ser considerado e venerado pelos habitantes desta ilha, impondo-se a sua conservação através dos tempos, como um sagrado e patriotico dever de todo o madeirense que présa o bom nome da sua terra.

Da construção primitiva restam talvez apenas a porta ogival e as cruzes do frontispicio, que constituem a parte caracteristica do pequeno templo. A grande aluvião do 1803 deixou-o em completa ruina, sendo quasi inteiramente reconstruido no ano seguinte, pelos irmãos da Misericordia. Houve o cuidado de conservar-lhe a primitiva feição arquitectonica, o que igualmente se deu quando ha cêrca de meio século se procedeu a uma nova reedificação. «Não só se conservou, diz o anotador das *Saudades*, o que da primitiva restava, mas tambem no de novo feito se tem seguido o antigo risco. O pórtico é o da origem, com algumas pedras novas lavradas como as antigas: o lavor unico que nelas ha consiste em uma fileira de cruzes da Ordem de Cristo, que engrinaldam a portada, e são inconcussa prova de que o templo foi edificado dessa Ordem».

Do poema "Zargueida"

—Estancias em que é celebrado o Descobrimento—

...E vós, Varões Illustres, que animosos
Não tendes atégora descórado,
Descei aos Escaléres pressurosos,
Para que seja o lenho rebocado:
Aires, e Gago, Lusos valorosos,
Isto a vós he sómente encarregado,
Ide pois co'os mais fortes marinheiros
Sirgando o Lenho áqdelles nevoeiros.

Apenas assim dito, os Heróes descem
Aos equoreos bateis com gosto ingente;
Como á porfia os Nautas se offerecem
Descendo pelos bordos velozmente:
Seus animos de todo fortalecem;
Viva Zargo, (repete toda a Gente)
E estendidas as sirgas pela prôa,
Navega o Lenho docemente á tôa.

Tinha o Monarca Lúcido do Dia
Vingado já do Olympo o Excelso Cume,
Quando o Valente Zargo dividia
As negras sombras do Infernal Negrume:
D'hum lado, e doutro, horrisono se ouvia
Bramir o Mar tão fóra do costume,
Que a não ter Zargo hum animo constante,
Não passaria a curva Quilha ávante.

Manda Zargo emproar a Quilha dura
Para a parte, em que o mar mais bravo berra,
Porque enxérga por entre a névoa escura
Huns altos serros, que figurão terra:
Dos Nautas cada qual a vista apura,
Em quanto ao Susto a Intrepidez faz guerra,
E a poucos sulcos (oh! Portento raro!)
Descobrem terra, vendo o mar mais claro.

Que transportes de gosto! que altos vivas
Se escutam retinir então nos ares!
Que transportes de gosto! que expressivas
Graças se dão a Zargo singulares!
Com mais vivo valôr, forças mais vivas
Os Nautas em maritimos Cantares,
Viva Zargo, mil vezes repetindo,
As ondas vão co'os remos dividindo.

Graças ao Grande Deos Omnipotente
(Começa Zargo então desta maneira)
Que me deixou topar co'a Terra ingente,
Que eu buscava na quilha aventureira!
A' Grande Ilha, que vemos florescente,
Desde já fique o Nome de Madeira,
Porque Terra, que entre Arvores se some,
Madeira deve em fim só ter por Nome.

M. DCCCVI.

Francisco de Paula Medina e Vasconcellos (1768-1824)

Arquipelago da Madeira

O arquipelago madeirense compõe-se das ilhas Madeira, Porto Santo, Deserta Grande, Bugio e Ilheu Chão, constituindo as tres ultimas o grupo das Desertas.

Segundo o capitão Vidal, está o arquipelago da Madeira situado entre os paralelos 32° 22' 20" e 33° 7' 50" latitude norte, e entre os meridianos 16° 16' 30" e 17° 16' 38" longitude oriental de Greenwich.

A sua superficie, segundo os calculos tidos por mais seguros, computa-se em cêrca de 890 kilometros quadrados.

Ilha da Madeira

A ilha da Madeira, situada no Oceano Atlantico, tem 67,5 quilometros de comprimento, desde a Ponta de S. Lourenço até á Ponta do Pargo, e 27,7 de largura, desde a Ponta da Cruz á de S. Jorge, abrangendo uma superficie de cêrca de 828 quilometros quadrados. Demora entre 32° 52'8" e 32° 37' 25" latitude N. e entre 16° 39' 30" e 17° 16' 38" longitude W. de Greenwich, e tem, segundo o ultimo senso publicado, 169:783 habitantes.

Uma cordilheira elevada, que corre de L. a W., estabelece a divisão da Madeira em duas costas, a meridional e a setentrional, sendo nessa cordilheira, onde ha eminencias que vão desde 1000 a 1950 metros, que teem origem as grandes ribeiras da ilha, as quais trazem de inverno grandes volumes de agua

que não poucas veses teem causado estragos no Funchal e noutros pontos do litoral. As vertentes da serrania central são em geral mais abruptas para lado norte do que para o do sul, havendo naquele lado apenas dois portos sofriveis, o do Porto do Moniz e o do Porto da Cruz, emquanto que na costa meridional ha varias enseadas e baias, onde os navios e os barcos podem encontrar abrigo contra os ventos dominantes. Os principaes contrafortes da referida serrania são a Penha de Aguia e o Cortado de Sant'Ana, na costa do norte, e a Ponta do Pargo, o Cabo Girão e o Cabo Garajau, na costa do sul.

Os cumes mais altos da região central da Madeira são os picos Ruivo, das Torres, do Canario, do Arieiro, de Santo Antonio, Grande e das Torrinhas, os quais rodeiam o Curral das Freiras, vasta profundidade considerada por alguns geólogos como uma cratera, e por outros como um vale de erosão, e as ribeiras mais notaveis da ilha são a de Machico, a de Santa Cruz, a de S. Pedro, a do Porto Novo, a de João Gomes, a de Santa Luzia, a de S. João, a dos Socorridos, a de Camara de Lobos, a da Ribeira Brava, a da Ponta do Sol, a da Madalena, a de S. Bartolomeu, a da Janela, a do Seixal, a de S. Vicente, a dos Moinhos, a de S. Jorge e a do Faial.

Na enseada do Funchal fundeam os navios em plena segurança com todos os ventos que não sejam os dos quadrantes desde o S. W. até o S. E. pelo sul, e em volta dela está edificada na falda das montanhas, e em anfiteatro, a cidade do mesmo nome, capital da ilha e de todo o arquipélago, conhecida desde remota data pela amenidade do seu clima, pela beleza dos seus arrabaldes, pelas lindas quintas que a ornam e pela polidez dos seus habitantes.

Tem a ilha da Madeira uma só cidade, que é a do Funchal; oito vilas, que são, começando pelo lado de leste, as de Machico, Santa Cruz, Camara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol, Calheta, Porto do Moniz e S. Vicente; e cinco logares, que são os do Caniço, Madalena do Mar, Paul do Mar, Ponta Delgada e Porto da Cruz. Ha tambem alguns logarejos, achando-se dispersa a demais população da ilha.

Os pontos do interior da ilha mais dignos de ser visitados pelos soberbos panoramas que dêles se disfrutam, são o Rabaçal, o Monte Medonho, as Fontes da Ribeira de Inferno, a Cumeada de S. Vicente, o Pico Ruivo, o Pico do Areeiro, a Boca dos Namorados, o Ribeiro Frio, a Ribeira de S. Jorge, Sant'Ana, o Pico da Suna, etc., e no litoral ha logares que tambem merecem ser vistos, taes como a Piedade, a Ponta de S. Lourenço, o Garajau, a Praia Formosa, o Fojo, o Cabo Girão, a foz da Ribeira da Janela, a da Ribeira do Inferno, a Ribeira de João Delgado, a ermida de S. Vicente, a Entroza, a Ponta de S. Jorge, a Rocha do Navio e o Porto da Cruz. Em muitas ribeiras ha belas quedas de agua, e de todos os pontos elevados se admiram vistas extensas e variadas, de uma beleza inexcedivel.

O Paul da Serra é a unica planice de uma certa extensão que aparece na Madeira, sendo porem um logar inospito durante o inverno, devido á violencia com que ai se desencadeiam as tempestades.

As estradas madeirenses são muitas vezes péssimas, e nalgumas o ângulo de inclinação é tal que só com grande esforço se pode transitar por elas. O viajante pode visitar quasi todos os pontos dos arrabaldes do Funchal, servindo-se dos carros puxados por bois, mas para abrançar certos pontos do interior e subir ás fragosas eminencias que formam uma boa parte da ilha, necessario é recorrer ao cavalo ou á rêde, sendo êste ultimo meio de transporte o mais adequado a certo genero de viagens.

O Funchal está ligado ao Terreiro da Luta, acima da igreja do Monte, por um elevador ou caminho de ferro, de cremalheira, e a Machico e á Ribeira Brava vai-se hoje com bastante comodidade, visto as estradas permitirem o transito de automoveis. A Cumiada de S. Vicente, ponto do interior donde se desfrutam vistas surpreendentes tanto para o norte como para o sul da ilha, póde desde 1916 ser visitada em automovel, estando já começadas outras estradas destinadas a facilitar aos turistas o conhecimento das belezas naturais da nossa terra.

A Madeira produz vinho, cana sacarina, cereais, batatas, semilhas, cebólas, varias cucurbitaceas e leguminosas uteis, linho, sorgo, etc., e a sua flora é riquissima, vendo-se nas quintas e jardins plantas de quasi todas as regiões do globo, vegetando tão bem como no seu paiz natal. Alem de todas as arvores de fruto europeias, aparecem na ilha as anoneiras, as bananeiras, as goiabeiras, as papaias, maracujás e outras especies originarias dos paises quentes.

A foca ou lobo marinho e dois morcegos são os unicos mamiferos que parecem ser indigenas, mas as aves, e principalmente os moluscos e insectos, acham-se representados na ilha por grande numero de especies. Os mares madeirenses fornecem grande numero de especies de peixes, algumas delas de carne muito saborosa, e a tartaruga não é rara se bem que os seus ovos não tenham nunca sido achados na Madeira ou no Porto Santo.

Não existem na ilha minas de metais e depositos de enxofre, mas as pirites de ferro e o ferro especular teem sido achados em pequenas quantidades perto da Ponta do Sol, e em Santo Antonio, e noutras localidades encontram-se aguas mais ou menos ricas em carbonato de ferro. Em S. Vicente encontra-se a pedra calcarea e em S. Jorge existe um deposito de lignite bastante impura.

As chuvas são pouco abundantes na estação quente, e anos há em que não cái uma

unica gota de agua na região baixa da Madeira durante os mezes de Julho e Agosto. Para remediar esta falta, construiram-se numerosos canais ou levadas que conduzem a varias localidades as aguas do interior, sendo graças ás irrigações, que se praticam aqui desde tempos antiquissimos, que certas culturas se manteem não só durante o estio, mas noutras épocas em que as chuvas faltam ou são pouco copiosas. Ha levadas construidas pelo Estado, e levadas construidas por particulares, sendo estas em muito maior numero do que aquelas.

A Madeira exporta os seus excelentes vinhos, obras de vimes, bordados, cebôlas, manteiga, açucar, etc., e importa cereais, tecidos, azeite, petroleo, sal, generos de mercearia, etc. Entre as industrias madeirenses, são dignas de referencia especial a dos bordados, a do fabrico do açucar e aguardente, a da manteiga, a das conservas do atum, a dos tecidos de palha para chapeus de diferentes qualidades e a das obras de verga.

Os primeiros povoadores da Madeira foram os donatarios e as pessoas que os acompanharam. Refere Frutuoso que quando se tratou de povoar a ilha o Rei «mandou dar os homecidas que houvesse pelas cadeas do Reyno, dos quais João Gonçalves não quiz levar nenhuns dos culpados por causa da fee, ou treição, ou por ladrão; das outras culpas e homisios levou todos os que houve, e foram delle bem tratados; e da outra gente, os que por sua vontade queriam buscar vida e ventura, foram muitos, os mais delles do Algarve».

Mas, se é certo que vieram de Portugal, e em especial do Algarve, as primeiras pessoas que colonizaram as terras do arquipelago, não é menos certo que a este nucleo de povoadores se juntaram sucessivamente variados elementos provenientes de outras partes. O comercio dos açúcares e depois o dos vinhos atrairam á Madeira numerosos estrangeiros, desejosos de fazer fortuna, ao mesmo tempo que muitos cativos mouros e escravos negros o canarios eram transportados para esta ilha afim de arrotearem as terras e serem empregados noutros serviços.

Por 1486 havia na Madeira muitos estrangeiros que se tinham tornado cultivadores e fabricantes de açucar, pelo que foram por duas vezes mandados sair da ilha e depois readmitidos, e quando em 1590 Frutuoso escreveu as *Saudades da Terra*, existiam no Funchal muitas familias inglesas e flamengas, que exerciam o seu negocio na rua dos Mercadores. A colonia flamenga, importante ainda nos principios do seculo XVII, desapareceu mais tarde ou fundiu-se com a população madeirense, ao passo que a colonia inglesa se manteve e aumentou mesmo desde 1640, chegando a adquirir no seculo XIX verdadeira preponderancia no comercio da ilha.

O dominio castelhano, que se dilatou por espaço de 60 anos, trouxe á Madeira grande numero de espanhoes, e quando as tropas inglesas se retiraram desta ilha depois de a terem ocupado de 1801 a 1802 e de 1807 a 1814, deixaram estabelecidas aqui algumas familias.

Do que fica dito vê-se pois que a população da Madeira está muito longe de ser homogenea. Os cruzamentos em diversas proporções e em diversas direcções realizados durnate mais de 4 seculos modificaram um tanto o tipo primitivo dominante, dando origem a desvios que se não harmonizam muitas vezes com a situação geografica da ilha.

E' em ocasiões de arraiais e de procissões que melhor se observam os vestigios que deixaram na população madeirense os varios elementos que se estabeleceram nesta ilha desde o meado do seculo XV. As peles brancas, os cabelos loiros e os olhos azuis, proprios das raças do norte da Europa, não são raros entre as mulheres, e pode-se dizer que 20 a 30 por cento das crianças são loiras até á idade de 6 a 8 anos. Os homens são em regra mais ou menos morenos, mas observa-se algumas vezes entre êles e tipo loiro, se bem que com muito menor frequencia do que entre as mulheres.

O tipo berbere caracterizado pela côr trigueira, especialmente no homem, pelo nariz um tanto curvo e pelos cabeios negros e corredios, aparece já um tanto modificado nalguns pontos da costa de leste, sendo natural que proceda principalmente dos antigos mouros que habitaram a ilha. «A cidade do Funchal, diz o dr. Azevedo nas notas ás *Saudades da Terra*, teve a sua *mouraria*, e é tradição que na freguesia da Ponta do Sol viveram muitos mouros».

E' de crêr que a vinda de muitas familias castelhanas para a Madeira durante o dominio filipino influisse algum tanto na propagação do tipo berbere na ilha; no entretanto não foi da Espanha, onde ele é comum, mas de Marrocos, que primeiro nos veiu esse tipo, tão facil de reconhecer ainda entre a população de certas localidades madeirenses.

Nos livros paroquiais do seculo XVIII encontram-se muitos termos de baptismos, casamentos e obitos de escravos negros, e na narrativa da segunda viagem do capitão Cook lê-se que havia na Madeira em 1772 um numero prodigioso de negros e de mulatos, uns livres, outros escravos. O dr. Azevedo, que escreveu em 1870 as notas ás *Saudades da Terra*, diz que abundavam nessa época os mestiços da raça africana «mormente no Curral das Freiras e no norte da ilha».

Certos individuos pertencentes principalmente ás classes baixas da sociedade, revelam ainda no encarapinhado dos cabelos, na forma do nariz e na côr da esclerotica e ás vezes da pele, as suas afinidades com a raça etiópica, mas estas afinidades tendem a desaparecer mercê dos cruzamentos, podendo

mesmo afirmar-se que não existem já num grande numero de localidades da ilha.

Os habitantes dos campos da Madeira são em regra de constituição vigorosa e suportam sem se ressentir as maiores fadigas. O temperamente sanguineo é vulgar entre eles, ao passo que na cidade predomina o temperamento bilioso-sanguineo, com um mixto mais ou menos pronunciado umas vezes de linfatico, outras de nervoso.

«Os grandes roubos e assassimos, diz o Dr. Barral, são raros na Madeira; a mendicidade estudada, organisada, imoral e caluniadora das grandes cidades ainda ali não existe; e um grande numero de habitantes da ilha não chega a ter uma idéa dos extraordinarios crimes que se cometem hoje na Europa, em plena civilisação».

A gente do povo na Madeira, bem inclinada quasi sempre, vive hoje geralmente despreocupada e feliz. O exercicio de qualquer ramo de industria ou de comercio deixa actualmente lucros consideráveis, e a elevação dos salarios e a valorização dos produtos da terra trouxeram ás classes operarias e aos agricultores uma independencia e bem estar que não usufruiam noutras épocas. Este estado de cousas não afectou porem de modo sensivel os costumes singelos das populações campesinas, cujas aspirações continuam a ser as mesmas dos seus antepassados, e é somente na cidade e proximidades que se observam por vezes nas classes trabalhadoras habitos perdularios e uma certa tendencia para o gozo, que certamente não existiam ainda bem ha poucos anos.

A ilha da Madeira é incontestavelmente uma das mais importantes colonias portuguesas. Notavel pela uberdade do seu solo, pelos seus óptimos vinhos, pela suavidade do seu clima e pelas belezas naturais de que é dotada, ela é conhecida de ha muito como um país privilegiado, graças ás excelentes descrições que a seu respeito teem publicado muitos estrangeiros.

Muito ha, porem, a fazer ainda para que esta ilha se torne aquilo que pode e deve ser. Se a natureza foi prodiga para com ela, revestindo-a de encantos que poderão ser igualados, mas não excedidos, nem sempre tais encantos se patenteiam aos olhos do estrangeiro ávido de impressões, em consequencia do atrazo em que se acha a nossa viação.

A construção de boas estradas onde possam transitar automoveis, destinadas a ligar o Funchal aos pontos mais afamados pela sua beleza ou pelas soberbas paisagens que dêles se dosfrutam, é uma necessidade que se impõe, se quisermos tirar da vinda dos estrangeiros a esta ilha todo o proveito que ela é susceptivel de dar. Se ámanhã os turistas poderem visitar tão comodamente o Rabaçal, o Fanal, o Paúl da Serra, o Ribeiro Frio e o Santo da Serra, como visitam hoje o Monte e outros pontos dos arredores da cidade, teremos dotado a ilha com um grande melhoramento e assegurado aos seus habitantes um futuro cheio das mais largas prosperidades.

Ilha do Porto Santo

A ilha do Porto Santo que, segundo diz Frutuoso, foi assim denominada por ter sido nela que Gonçalves Zargo e Tristão Vaz se salvaram duma violenta tempestade que os havia feito perder «a esperança das vidas,» faz parte do arquipélago da Madeira e mede 11,4 quilometros de comprido por 7 de largo, sendo a sua superficie calculada em cêrca de 50 quilometros quadrados. Está situada, com os seus ilheus extremos, entre 32º 59' 40" e 33º 7' 50" latitude norte, e entre 16º 16' 30" e 16º 24' 35" longitude oeste de Greenwich, sendo a sua capital a vila Baleira, ou do Porto Santo, situada ao fundo duma vasta e formosa baia, abrigada dos ventos de SE. a NW. pelo W.

O Porto Santo é muito mais plano de que a Madeira, e o seu ponto culminante, o Pico do Facho, está apenas a 507 metros acima do nivel do mar. Os outros picos duma certa importancia que existem na ilha são os seguintes: o da Gandaia, com 491 metros; o de Juliana, com 454; o do Castelo com 441; o Branco, com 423; o de Ana Ferreira, com 277; o do Facho da Malhada, com 264; e o do Concelho, com cêrca de 300 metros.

Possui o Porto Santo a maior praia que existe no arquipelago. Esta praia que tem cêrca de 10 quilometros de comprido e é formada de areia calcarea, tem pequeno declive, não subindo ali as marés mais de $2^{m},13$. Não existindo nela por emquanto cais algum, têm as pessoas que querem desembarcar na ilha de ser levadas ás costas de homens desde os barcos até logar enxuto.

Alem do vasto porto da vila existem no Porto Santo os portos da Morena, do Zimbralinho, dos Porcos, das Cagarras, dos Frades, etc., mas sem que nenhum deles tenha movimento algum. O limitadissimo movimento maritimo do Porto Santo está concentrado no porto da vila.

Circundam a ilha alguns ilheus, sendo os maiores o Ilheu de Baixo, ou da Cal, o de Cima, ou dos Dragoeiros, o do Pescador, ou das Cenoiras, e o de Ferro.

O Porto Santo é muito sujeito a estiagens e pobre em aguas. As principais fontes que ali existem são as seguintes: a da Areia, no norte, a do Tanque, que fornece agua para

algumas culturas da vila, a da Fontinha, conhecida em todo o arquipelago por causa das propriedades medicinaes das suas aguas, a das Voltas e a das Enguias. As aguas da fonte da Areia são tão boas como as melhores da Madeira; as das outras fontes contem em geral alguns sais que as tornam desagradaveis ao paladar das pessoas que visitam a ilha.

O Porto Santo constitue um só concelho com uma unica freguesia—a da Nossa Senhora da Piedade—e faz parte hoje da Comarca do Funchal. Teve donatarios até ao reinado de D. José, e depois governadores, o ultimo dos quais esteve na ilha até 1848.

Tanto na vila como fora dela, veem-se muitos casebres toscos e cobertos de barro, em que se abrigam ás vezes numerosas pessoas. Nesses casebres, quasi todos sem luz nem ventilação, observam-se o desalinho e a pobreza em toda a sua fealdade, mas sem que os seus habitantes pareçam resentir-se das pessimas condições higienicas em que vivem.

A vila não tem edificios alguns notaveis, mas as suas casas são em regra de boa aparencia. No largo do Pelourinho, que é ajardinado, está o edificio dos Paços do Concelho, perto do qual se vê a igreja parochial. Existem ainda na vila a capela da Misericordia e a de Santa Catarina, estando junto desta o cemiterio, um dos mais antigos do arquipelago, pois foi aberto em 1838, no dia de Corpo de Deus.

Os dragoeiros e zimbreiros que revestiam o Porto Santo ao tempo do descobrimento, acham-se agora completamente extintos. As unicas especies arbustivas indigenas dignas de atenção e que ainda podem ser encontradas ali, são o espinheiro, o marmulano, a urze durasia e a oliveira.

A tamargueira, introduzida em 1834 por João Antonio Pedroso, é frequente no Porto Santo, e a palmeira, a arvore do paraiso, o álamo, o mióporo, uma especie de acacia e o pinheiro maritimo aparecem nalgumas partes da ilha, êste ultimo, porém, só em terrenos não calcareos. Se se aproveitasse convenientemente o miéporo, que tão bem se adapta aos terrenos do Porto Santo, seria facil arborizar em pouco tempo uma boa parte daquela ilha.

Produz a ilha vinho, trigo, cevada, centeio, lentilhas, favas, aboboras, melões, melancias, semilhas, batatas, alhos, cebólas, milho e algumas couves e cana de assucar. Tambem existe ali muitas figueiras e amoreiras, e algumas amendoeiras, pereiras, pereiros, roumeiras e tabaibeiras.

Das numerosas sondagens realizadas por Vidal nos mares do Porto Santo parece depreender-se que a ilha foi em muitas épocas mais vasta do que é hoje; nalguns pontos do seu territorio encontram-se sinais evidentes de levantamentos provocados por acções vulcânicas. Segundo Cockerell, os mais antigos depositos de fosseis são miocenicos em arinos, podendo encontrar-se na ponta da Calheta conchas e corais misturados com uma rocha vulcanica negra, que parece provir numa zona inferior. Entre os picos do Castelo e o do Facho encontram-se traquites esbranquiçado—acizentadas e no alto desta ultima eminencia ha um dique bastante digno de atenção.

Para a irrigação das terras do Porto Santo existem varios poços abertos por particulares e donde a agua é extraida por meio de noras. Sem este recurso, estariam talvez maninhos muitos terrenos que dão agora boas colheitas, visto a falta das chuvas se fazer sentir frequentes vezes na ilha.

O Porto Santo, cuja população excede hoje a 2000 habitantes, é uma terra interessante e curiosa sob varios pontos do vista, encontrando-se nela certos usos e costumes desconhecidos na Madeira, ao menos actualmente. Se se estabelessecem carreiras amiudadas de vapores para aquela ilha e se o visitante encontrasse ali as comodidades e confortos exigidos pela civilisação moderna, é de crêr que a terra do arquipelago onde primeiro aportaram Zargo e Tristão Vaz, hoje quasi desconhecida, viesse a tornar-se em determinadas épocas o ponto de reunião de nacionais e de estrangeiros, desejosos quer de experimentar os efeitos curativos das aguas da Fontinha nas molestias de estomago, quer de aproveitar os magnificos recursos que a mesma terra oferece como estação balnear.

Ilhas Desertas

Distante 20 quilometros para o sul da Ponta de S. Lourenço, extremo leste da ilha da Madeira, fica o grupo das ilhas Desertas estendendo-se ao prolongamento uma das outras, formado por 3 ilhotas esguias desabitadas: Ilheu Chão, Deserta Grande e Ilheu do Bugio, de costas escarpadas e de dificil acésso.

O Ilheu Chão, o mais pequeno tem 1850 metros de comprido, a Deserta Grande 14 quilometros e o Bugio 6, e acham-se separados por boqueirões apenas praticaveis por barcos de pesca.

Ao norte do Ilheu Chão existe um rochedo de forma cónica, o Farilhão ou Rocha do Navio, assim chamado por se assemelhar, a distancia, com uma embarcação á véla.

Quando se extraia a soda das barrilhas e tintas corantes de urzéla, estas ilhas tinham

uma certa importancia pelas plantas que produzem, havendo mesmo antigamente alguns pastores ali empregados e tendo o infante D. Henrique mandado construir na Deserta Grande uma capela, segundo se vê do seu testamento.

Hoje servem as Desertas apenas para a caça das aves marinhas, cabras e coelhos e ainda se encontram nas furnas do litoral, as fócas da especie mediterranea que eram tão abundantes na Madeira por ocasião da descoberta.

O principe Alberto do Monaco dedicou ás Desertas um interessante capitulo do seu livro «La Carriere d'un Navigateur» pormenorisando as peripecias duma caçada.

Ilhas Selvagens

Na linha Desertas-Tenerife demoram as Selvagens, grupo formado de uma pequena ilha, duas ilhotas e grande numero de pequenos ilheus espalhados de nordeste para sudoeste, numa extensão de 10 milhas.

A primeira noticia de caracter historico é dada por Diogo Gomes, navegador ao serviço do Infante que vindo a ultima vez da Guiné, topou com uma pequena ilha, a meio caminho das Canarias para a Madeira e nela esteve, onde encontrou raquitica vegetação sedenta e muita urzela, lichen que abundava nos rochedos.

No seculo XVI pertenciam estas ilhas a uma familia madeirense do titulo de Caiados, razão porque politicamente pertencem ao arquipelago da Madeira.

A Selvagem Grande apresenta a forma tendente a circular, porem muito corroida na periferia por grande numero de abras, havendo uma superficie aproximada de 5 quilómetros quadrados e o ponto mais elevado 150^{m}.

O Ilheu Grande fica a oes-sudoeste da Selvagem a uma distancia de 15 quilómetros. De fórma alongada com cêrca de 2 quilómetros de comprimento, tem um cabeço com cêrca de 140^{m} de alto.

A oeste, uma milha, demora o Ilheu Pequeno extenso areial de pouco mais de 1 quilómetro rodeado de cachópos.

Industrialmente estas ilhas teem idéntica importancia ás Desertas, acrescidas com as pedreiras calcareas da Selvagem Grande, porém sob o ponto de vista da historia natural são dum excepcional interesse pela prodigalidade de surpresas que patenteiam ao naturalistn tendo sido carinhosamente estudadas este ano por Adolfo Noronha que ali quasi ficava abandonado.

Camões e a Madeira

Como se sabe, o nosso grande épico refere-se á Madeira no seu imortal poema os *Lusiadas*. São os versos seguintes, que formam a 5.ª estancia do canto V, que conteem essa bela e laudatoria referencia:

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama,
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama;
Mas nem por ser do mundo a derradeira,
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Paphos e Cythera.

Tendo os *Lusiadas* sido publicados em 1572, a referencia feita por Luis de Camões á Madeira é de cêrca de 150 anos após a descoberta.

(SECULO XVI) LUIS DE CAMÕES.

Algumas considerações sobre a fauna das ilhas da Madeira

ARQUIVO DISTRITAL

Quando no' seculo XV abicaram os portugueses pela primeira vez ás praias deste arquipelago não encontraram animais alguns da natureza daqueles que fazem supôr que a terra encontrada tivesse sido já habitada pelo homem ou feito parte de algum continente que por motivos de ordem geologica se viu fragmentado, conservando os fragmentos, á laia de amostra, restos caracterisados da fauna e flora do vasto territorio a que pertenciam.

De facto os animais que os navegadores portuguezes aqui encontraram são daqueles que, excluindo a intervenção do homem, ou dispensando a ligação com outras terras, podem aportar, pelos diferentes meios de que a natureza dispõe, a qualquer ilha oceanica que surja á flôr dos mares evoluindo geologicamente em perfeita independencia de outras massas insulares ou continentais.

Começando pelos animais superiores vemos os mamiferos terrestres representados na fauna indigena apenas por quatro especies de morcego, *Plecotus auritus*, *Vesperugo leisleri*, *V. maurus* e *V. madeirensis*, esta ultima propria da Madeira e das Canarias.

Adaptados para o vôo, estes animais fariam por si mesmos o percurso do mar que separa estas ilhas das terras mais visinhas; e quando porventura se não abalançassem a tanto, quem nos garante que, embora numa associação heterogenea, não tivessem vindo até nós transportados ás costas de qualquer ave de largo porte? Ultimamente observou-se a cerrica da Europa viajando levada pelo môcho, e ha quem afirme que o grou transporta ás vezes as avesitas mais fracas nas suas migrações longiquas.

Dos mamiferos anfibios vive no arquipelago aquela especie de pinipede, o lobo marinho (*Monachus albiventer*), que tanto impressionou os companheiros de Zargo quando estes o encontraram em grande numero numa vasta grata que já hoje não existe, ou descansando ao sol da canicula de julho na pequena praia que junto lhe ficava, a qual por esse facto recebeu dos mareantes o nome de Cama de Lobos. E' este pinipede a foca que ainda hoje se encontra no Mediterraneo, mas não em Portugal, e segundo alguns deu origem entre os gregos e latinos á famosa lenda das sereias mitologicas.

No brasão de armas de Gonçalves Zarco estão figurados dois lobos terrestres, quasi verticais, postos sobre um monte a romper contra uma torre: a geografia zoologica, parém, e a propria verdade historica mandavam que esses lobos fossem marinhos e ao invez daqueles guardassem a posição horizontal, o ventre a rastejar sobre uma praia de calhau rolado, como são quasi sempre as praias da ilha da Madeira.

Mas este mamifero, não precisando de pontes intermediarias para chegar até nós, limitou-se a atravessar o mar livre deante de si, como fazem os seus afins de classe, os cetaceos que frequentam estas aguas, entre os quais poderiamos mencionar, ainda que de passagem, além de algumas especies de baleia propriamente dita, a boca de panela (*Orca gladiator*) a toninha (*Phocaena communis*), o golfinho (*Delphinus delphis*).

Estes são os unicos vertebrados mamiferos, aos quais, por direito natural, se póde conferir a carta de indigenas madeirenses.

Alguns roedores existem neste arquipelago no estado mais ou menos selvagem, e são eles a ratazana (*Mus decumanus*), o rato preto (*M. rattus*), o murganho (*M. musculus*), o coelho (*Lepus cuniculus*), mas todos estes animais se estabeleceram aqui pela acção, deliberada ou não, do homem.

E' conhecida a historia da introdução do coelho no Porto Santo por intermedio de uma femea prenha trazida por Bartolomeu Perestelo, aquele governador cuja filha casou com Cristovam Colombo.

Os seus caracteres modificaram-se notavelmente nesse novo meio, mas não de modo tal que a natureza tivesse creado, ao cabo de pouco mais de quatro seculos e meio, uma especie distinta, o *Lepus Huxleyi*, como pretendeu o alemão Haeckel. Fundava-se este naturalista não só no seu aspecto exterior como no facto de Carlos Darwin não ter podido fazer cruzar, em Inglaterra, o coelho domestico com dois descendentes da coelha de Bartolomeu Perestelo. Se em Inglaterra esse crusamento não foi possivel, por motivos que se desconhecem, outro tanto não sucede no Porto Santo ou na Madeira.

Ha poucos anos foi o coelho do Porto Santo estudado sob o ponto de vista osteologico pelo dr. Carlos França, do museu Bocage, chegando este naturalista á conclusão de que ele constitue uma sub-especie bem caracterisada do *Lepus cuniculus*, diferindo das duas fórmas europeias, a do sul e a do norte.

O gato, importado como animal caseiro, fugiu por vezes do povoado e foi abrigar-se nos mais inacessiveis alcantis da serra ou da beira-mar, onde vive no estado selvagem adquirindo caracteres que tendem a faze-lo voltar a um tipo primitivo ancestral. Um naturalista madeirense, o rev.º Jaime de Gouveia Barreto, alcançou da serra de Santo Antonio um magnifico exemplar de gato bravo, de pelagem como que leopardisada

e cujo comprimento, exceptuada a cauda, mede não menos de 65 centimetros. Acha-se hoje, montado pelo mesmo naturalista, no museu do seminario do Funchal.

Relativamente aos carneiros de que nos fala o geografo arabe Aldrisi, se é que de facto aqui estiveram os seus compatriotas e encontraram tais ruminantes, tudo leva a supôr que estes animais foram introduzidos aproveitando-se as fartas pastagens de tão fertil região.

A vinda dos arabes á ilha dos Carneiros—a *El Ganham*, segundo a expressão arabe;—se um dia podesse ser provada de modo indiscutivel, em nada prejudicaria a gloria dos portuguezes, pois só estes é que deram estas ilhas á civilisação europeia, como Colombo ao velho mundo deu a America, sem que o brilho do seu feito fosse ofuscado pelos normandos e talvez outros que anteriormente haviam colonisado as costas da chamada Terra da Vinha, hoje dos Estados Unidos da America.

As aves, dotadas da locomoção aerea e para as quais o espaço de cêrca de 400 milhas que nos separa da costa marroquina não é dificil de transpor, teem farta representação na fauna do arquipelago. Em conjunto teem sido observadas muito perto de 200 especies, mais do que nas Canarias e muito mais que nos Açores, apesar da maior extensão desses dois arquipelagos.

Segundo o rev.º Ernesto Schmitz o numero averiguado das que aqui se reproduzem sobe a 36, havendo 12 formas peculiares, das quais 3—o bisbis (*Regulus madeirensis*), o tentilhão (*Fringilla madeirensis*), e o pombo trocaz negro, de dedos compridos, (*Columba trocaz*)—são por alguns consideradas boas especies, ao passo que as restantes 9 são meras variedades locais.

Entre as aves de passagem contam-se a pequena tutinegra do deserto, dos oasis do Sahara, (*Sylvia deserti*), o pequeno *Phylloscopus superciliosus* da remota Siberia oriental, além de outras de reduzido porte, a par das grandes pernaltas europeias, como as garças (*Ardea purpurea, A. cinerea*) e as cegonhas (*Ciconia alba* e *C. nigra*) e dos grandes palmipedes, como o ganso patola (*Sula bassana*), o mergulhador (*Phalacrocorax carbo*), as grandes gaivotas ou alcatrazes dos mares articos (*Larus glaucus, L. marinus*), os gansos (*Anser anser, A. segetum*) e muitos outros ainda.

A passagem ora é regular ora acidental, e neste ultimo caso tanto póde efectuar-se com bom tempo como por ocasião de rijos temporais. Entre as especies de arribação regular umas ha que passam o inverno na Madeira, como a lavandeira de fóra (*Motacilla alba*), a laverca (*Alauda arvensis*), a gavina (*Rissa tridactyla*), emquanto outras poucos dias se demoram e neste caso estão as andorinhas (*Hirundo rustica* e *Chelidon urbica*), o vira-pedras (*Strepsilas interpres*), o maçarico (*Numenius phaeopus*), para não falar de muitas outras.

Não menos numerosas são as de arribada acidental, entre as quais merece ser assinalada aqui, como novidade ainda não incluida no catalogo geral, a interessante *Aedon galactodes*, uma aliada das tutinegras que o naturalista madeirense tenente-coronel Alberto Artur Sarmento recebeu em 1916 das Selvagens,—aquele pequeno grupo de ilhotas geograficamente distinto da Madeira, donde dista para o sul quasi 160 milhas, embora administrativamente incluido no distrito do Funchal.

Notavel pelo seu valor comercial é a cagarra (*Puffinus Kuhli*), indigena, mas não sedentaria, que chega a estes mares na primavera e se ausenta no outono depois de ter deposto um ovo por cada casal nas anfractuosidades das rochas maritimas, principalmente nas Desertas e no arquipelago das Selvagens.

Muito antes da chegada dos portuguezes abundava este palmipede marinho na ilha do Porto Santo, a julgar pelos seus restos semi-fossilisados nas camadas arenoso-calcareas do quaternario daquela ilha. Com efeito, ossadas e alguns ovos atestam em certas formações eolicas da beira-mar a existencia de colonias desta especie em épocas já muito afastadas.

A ilha de *Raca* ou das Aves do velho Aldrisi corresponderia pois á ilha do Porto Santo dos modernos?

Os reptis teem como representante uma só lagartixa (*Lacerta Dugesii*), se excluirmos a osga das Selvagens (*Tarentola Delalandii*), mas tanto uma como outra podem ter alcançado estas costas pela intervenção humana ou trazidas por qualquer madeira ou objecto flutuante.

Conforme relata Gaspar Frutuoso já os descobridores portugueses encontraram uma pequena lagartixa, provavelmente a actual, e nas areias quaternarias da Ponta de S. Lourenço, ao oriente da Madeira, foram achados alguns restos dum lacertideo que infelizmente não poude ser determinado pelo paleontologista R. Owen, a quem haviam sido submetidos para exame.

Dos batraquios apenas se nota uma especie de rã (*Rana temporaria*), introduzida no seculo XIX e hoje comum na Madeira, não falando na *Hyla arborea*, por algum tempo vista no Funchal, mas que parece ter desaparecido; e dos peixes de agua dôce apenas se poderá citar a iró ou enguia (*Anguilla vulgaris*), cuja patria natal é o vasto oceano, pois está indiscutivelmente estabelecido que a iró vai reproduzir-se no mar, muito embora a encontremos nesta ilha em tanques de irrigação que parecem ser-lhe inacessiveis, ou em ribeiras cujo percurso se faz atravez de cascatas elevadas.

Passando aos invertebrados vamos encontrar muitos artropodos, como os insectos coleopteros, os aracnoideos e outros grupos daquele vasto sub-reino representados por especies nitidamente distintas das congéneres de outras regiões, e o mesmo se deve dizer dos moluscos terrestres, podendo afirmar-se a respeito destas ilhas e em particular do Porto Santo que poucas ou nenhumas partes do mundo abarcam em tão limitado espaço tão grande numero de espécies endemicas de gasterópodos pulmonados.

Por seu lado o mar limitrofe, sem solução de continuidade com os mares visinhos, ainda que farto em especies, pouco acusa de peculiar em

comparação com a vida terrestre, como era natural supôr. A sua facies, mais mediterranica que lusitanica, parece indicar a existencia de uma larga e franca comunicação em épocas remotas entre o Mediterraneo e o mar Makaronesico,—esta parte do oceano ao noroeste da Africa —estendendo-se ao mar a expressão usada por Webb e Berthelol para designar o conjunto caracteristico das floras açoreana, madeirense e canaria.

A riqueza da fauna terrestre não só se manifesta em peculiaridades como tambem e sobretudo no numero absoluto das suas especies, contrastando extraordinariamente com a dos Açores, cuja area sendo algumas vezes maior que a da Madeira, foi por certo mais dificil de provar, dada a situação daquele arquipelago que dos tres mais importantes do mar Makaronesico é o que mais ao largo se acha das terras continentais.

O caracter da fauna do arquipelago madeirense é pois insular, o que significa que o povoamento e evolução biologica das suas ilhas se devem ter efectuado pouco a pouco por dilatados periodos num meio isolado em pleno oceano Atlantico.

João Gonsalves Zargo

João Gonsalves Zargo era cavaleiro da casa do infante D. Henrique, tendo-se distinguido na tomada de Ceuta e especialmente no cêrco de Tanger, em muitos apertos e fortes combates, pelejando esforçada e valorosamente: em coisas do mar desdobrava boa manha e ousadas voltas pelo que era muito temido dos mouros.

El-rei por estas e outras, o presava e lhe fazia mercê de cargos de substancia, como o de capitão da costa do Algarve, que servia ao tempo em que o Infante quiz buscar por mar, o caminho da Guiné.

Dos descobridores, portanto é o que tinha maior categoria e melhor pedaço houve na repartição da Madeira, onde tudo lhe correu bem, pois só trouxe gente limpa de Portugal, não aceitando os frequentadores das cadeias, como lhe queriam impingir.

Zargo foi um bele organisador e só se correspondia com o Mestrado uma vez por ano.

Aos senhores de mais possança, para os aproveitar, e á gente de qualidade, melhor quinhão lhes distribuia das terras marginais das ribeiras, subindo pelos lombos e lombadas. Os nucleos da povoação formaram-se rapidamente, as plantas introduzidas carregavam-se de frutos e os cereais multiplicavam pão como na benção do Senhor.

Videiras mariinhavam pelos castanheiros novos em cachos de oiro pendentes, e viçosos canaviais produziam mel e remel como o maná caindo numa terra melhorada de Promissão, onde não existia nenhum animal de peçonha.

Era bem um recanto do Paraiso onde num enlace de vida, os sêres primeiro nascidos foram gemeos e se chamaram tambem Adão e Eva.

Zargo estabeleceu-se no Funchal formoso vale olhando ao sul e abrigado num recôsto de montanhas, principal centro de comercio em madeiras e plantas medicinais e de tinturaria; começavam os moinhos de calhas a trabalhar á maneira dos de Tomar e as serrarias movidas a agua davam lindas taboas odorantes.

As primeiras habitações foram de madeira e Zargo teve casa em S. Catarina, ali junto, uma albergaria e defronte dos Ilheus fizeram os franciscanos a primeira pousada.

Vieram depois clerigos e beneficiados da Ordem de Cristo; de pedra já é a capela de N.ª S.ª da Conceição e Zargo melhora de residencia construida já longe do mar.

O primeiro donatario do Funchal pode ser considerado um homem feliz, amado de seus filhos e de toda a sua gente, mantendo a justiça, trabalhando pela paz e segurança de todos, organisando um sistema de defensão e ori tão boa ordem que até D. Duarte lhe agradece o bom auxilio e reforço prestado á armada que veiu limpar estes mares em 1433.

O navegador Cadamosto diz-nos que a Madeira em 1445 tinha «coisa de 800 homens dos quais 100 de cavalo» e Zargo era tão esforçado cavaleiro que já muito velho, relata um outro cronista «se mandava pôr a cavalo para reger a sua gente».

Soares da Silva, nas suas memorias ácêrca de D. João I, deixa vêr que Zargo foi quem usou pela primeira vez da artilharia a bordo, mas parece ligar-lhe pouca importancia, apesar de canta-lo Manuel Tomaz na «Insulana»

> Bem é certo que este, o Lusitano
> primeiro foi no mar com nome eterno
> que usou da dura fruta de Vulcano
> e o salitrado aljofre do inferno

Era mais cavaleiro que bombardeiro pois á data da sua morte, 1451, apenas existia na Madeira e só no Funchal um trabuco, no cabo do calhau, para assustar as embarcações inimigas.

A ilha da Madeira

«Esta é a ditosa patria minha amada»,
Açafate de flores sobre os mares
Lançando seus aromas pelos ares
Como por mão de misteriosa fada.

Nem joias de Golconda ou de Granada
Valem suas bellezas singulares.
E quão bons os costumes populares
Da Madeira — princeza decantada! —

. . . . . .

Nas serras verdejantes, nas colinas,
Por entre os lyros e as boninas
Casas de colmo s'erguem té além...

E por 'li perto alegres raparigas
Cantam, ceifando milharaes e espigas:
— Amo esta terra como a minha Mãe!

A. F. R.

A Madeira e a sua Flora

A flora indigena da Madeira tem, como a dos Açores e Canarias, o cunho mediterraneo, distinguindo-se principalmente da flora do meio dia da Europa e norte de Africa, no grande numero de especies que lhe são peculiares. Como na região mediterranea, dominam na Madeira as arvores e arbustos de folhagem persistente, sendo este tipo ou fácies vegetativo, que é favorecido pelas condições climatologicas, uma das coisas que mais ferem a atenção do naturalista que percorre a ilha com o fim de vêr e estudar o tapete vegetal que a reveste.

A uniformidade do caracter das floras dos arquipelagos atlanticos e da região mediterranea, não só no que diz respeito ás familias e generos, mas ainda a um avultadissimo numero de especies, parece ser devida á circunstancia dos elementos que constituem as mesmas floras haverem tido uma origem comum. Depois que Darwin deu a lume a sua *Origem das Especies*, que tanta luz veiu

lançar sobre a proveniencia das floras insulares, a ninguem é licito pôr em duvida que êsses arquipelagos fossem povoados numa época geologica anterior á actual por especies oriundas de latitudes setentrionais, tendo sido as aves, os ventos e as correntes maritimas o veículo das mesmas especies através do Oceano.

As formas endemicas, que parecem constituir um argumento a favor da multiplicidade dos centros de criação, não são outra coisa mais, ao menos na Madeira, do que os representantes de especies que tiveram outrora uma larga área de dispersão. O estudo da flora fossil da ilha não nos autorisa a admitir que a vegetação terciaria se modificasse aqui a ponto de dar origem a formas especificas autonomas, devendo procurar-se portanto no resfriamento produzido pelo periodo glaciario, menos sensivel sob o nosso clima do que em climas mais setentrionais, a verdadeira causa da extinção na Europa de muitas plantas talvez frequentes até em épocas muito afastadas de nós.

Na Madeira, como em todos os paises montanhosos, as plantas estão distribuidas em zonas distintas segundo o seu grau de adaptação ao clima, mas modificações ha no tapete vegetal que só pela influencia da natureza quimica ou fisica do subestrato se podem explicar. Nas quatro zonas em que os botanicos dividem a Madeira, reconhece-se facilmente o papel que o factor termico exerce na distribuição das plantas, havendo todavia numerosos factos que atestam que êle nem sempre está só na delimitação das linhas de vegetação de certas especies.

E' incontestavel que os incendios e a exploração agricola provocaram o desapparecimento de muitas especies vegetais, talvez abundantes antes do povoamento, mas em compensação são numerosas as produções de outros paises que se teem naturalisado ou aclimado na Madeira, havendo algumas delas trazido á sua flora modificações que se não harmonizam em muitos casos com a situação geografica da ilha. A cana de açucar, das Indias Orientais, a vinha, da Europa e Asia Central, o pinheiro maritimo, da Europa, as acacias, da Australia e a abundancia, do Mexico, são especies mais ou menos aclimadas ou naturalisadas, que imprimem em muitas partes á vegetação da nossa ilha um cunho que destôa bastante do cunho primitivo.

A flora actual conhecida do arquipelago da Madeira compreende 951 fanerogamicas, 50 criptogamicas vasculares, 265 muscineas e 916 talófitas, mas se puzermos de parte as plantas naturalisadas, fica o grupo ou divisão das fanerogamicas apenas com 641 especies e o das criptogamicas vasculares com 45. No grupo das fanerogamicas ha 104 especies que consideramos endemicas e 55 que são comuns ao arquipelago da Madeira e a outros grupos de ilhas do Atlantico, o que equivale a dizer que das referidas 641 especies a que costumamos chamar indigenas, 159 se não encontram nas regiões continentais proximas, embora sejam provavelmente legitimos representantes duma flora ali existente outrora.

Conhecem-se no nosso arquipelago 106 vegetais lenhosos indigenas, entre arvores, arbustos e subarbustos, estando os dois primeiros grupos, que são os mais importantes, representados por 54 especies, 10 das quais são europeias, 1 da Madeira e Açores, 3 da Madeira, Açores e Canarias, 11 da Madeira e Canarias e 9 peculiares ou endemicas. Distribuem-se estas especies por 22 familias, 4 das quais se não encontram na Europa, estando, porém, uma delas representada no visinho imperio de Marrocos.

Ha na Madeira dois generos de fanerogamicas que se não encontram na Europa e no norte de Africa, mas que vivem na America Tropical e estão representados aí por especies que não existem na nossa ilha. Este facto, muito interessante sob o ponto de vista fitogeografico, parece demonstrar que ao Novo Mundo chegaram tambem os elementos da flora que em remotos tempos povoou os arquipelagos atlanticos, flora que o dr. Engler denominou artico-terciaria e foi tronco ou origem duma boa parte da vegetação actual de muitos paises.

Impossivel se torna num simples artigo, que não pode ser muito extenso, espraiarnos em considerações botanicas sobre a ilha da Madeira, a gentil filha do Atlantico onde as mais formosas plantas das zonas temperada e subtropicais crescem e se desenvolvem ao lado duma pujante vegetação indigena. Não faltam, porém, trabalhos que elucidem o naturalista sobre as riquezas da nossa flora indigena e naturalizada, sendo apenas dificil reuni-los todos, em razão de muitos deles terem sido publicados em revistas scientificas estrangeiras que se não encontram fora das grandes bibliotecas da especialidade.

Se as fanerogamicas e criptogamicas vasculares madeirenses se podem considerar bem estudadas, graças ás pacientes investigações do barão de Castello de Paiva, João M. Moniz, Mandon, Lowe, Gonçalves da Costa e outros, o mesmo se não pode dizer ácêrca das criptogamicas celulares, muito embora sobre alguns grupos delas existam trabalhos dignos do maior apreço e que muito facilitam a determinação das especies. São os musgos, os liquenes e os fungos as plantas celulares que mais teem merecido as atenções dos coléctores, não significando isto, porém, que se um dia se fizerem explorações metodicas e cuidadosas em muitas regiões da ilha, não venha a resultar daí descobrirem-se muitas especies dos mesmos grupos não assinaladas até agora na nossa terra.

Não sabemos quando é que as plantas inferiores da nossa flora serão tão conhecidas como as plantas superiores, visto as sciencias naturais terem infelizmente muito poucos adeptos entre nós, mas o que sabe-

mos, e nisso sentimos um certo desvanecimento, é que a Madeira é uma das terras portuguesas que tem a sua vegetação mais perfeitamente estudada e uma daquelas que pela sua feição botanica e variedade das suas produções, mais enlevam e impressionam o cultor das sciencias naturais.

Ao comemorarmos o quinto centenario do descobrimento da Madeira por Gonçalves Zargo e Tristão Vaz, não devemos esquecer que as conquistas da inteligencia não teem hoje menos valor do que as conquistas da espada ou os feitos heroicos dos nossos navegadores, e que para sermos grandes e respeitados, se torna necessario que por investigações e trabalhos scientificos saibamos revelar aos estrangeiros o nosso progresso intelectual e o nosso amôr ás coisas da nossa terra.

C. M.

Ilha Atlantida

Segundo Platão, o celebre filosofo grego da antiguidade, a Atlantida ficava situada áquem das Colunas de Hercules, era maior que a Africa e a Asia reunidas e desappareceu no espaço de um dia e de uma noite, em virtude de uma formidavel convulsão do globo.

Por largo tempo se considerou como simplesmente fabulosa a narração de Platão, mas hoje que a sciencia procura estabelecer o seu dominio até sobre os pontos mais recônditos do globo, pode dizer-se que se a existencia da Atlantida não adquiriu ainda foros de verdadeira, tambem não pode ser considerada impossivel.

Refere o sr. Termier no numero 256 do *Boletim do Instituto Oceanografico de Mónaco*, que tendo rebentado no verão de 1898 o cabo telegrafico que vai de Brest ao cabo Cod, notaram os individuos encarregados de o levantar do fundo do mar, que ele se prendia com frequencia em rochas de pontas agudas e arestas vivas, de que as fateixas traziam alguns fragmentos. Recolhidos e estudados estes fragmentos, reconheceu-se que pertenciam a uma lava vitrea denominada *traquilite*, com a composição quimica dos basaltos, a qual no estado em que se apresentava, só podia ter-se consolidado sob a pressão atmosferica.

Como as rochas a que nos referimos fossem encontradas a tres mil metros de profundidade e a novecentos quilometros ao norte do arquipelago dos Açores, concluiu o sr. Termier dos factos que ficam apontados, que naquela região do globo deveria ter existido um continente que depois se submergiu, continente do qual bem poderia fazer parte o referido arquipelago, o qual está situado, como se sabe, na zona vulcanica atlantica. Entre a emissão das lavas e a submersão do mesmo continente deveria ter mediado um curto espaço de tempo, pois que do contrario teria a erosão atmosferica nivelado e aplanado a superficie das rochas.

Para o professor Eduardo Forbes, todas as ilhas do Atlantico deveriam ter estado unidas numa época recente á Europa ou á Africa, e para Unger e o Dr. Heer, a hipotese da existencia da Atlantida nada oferecia de extraordinario, pois que só ela podia explicar satisfatoriamente as affinidades notadas pelos naturalistas entre as produções das mesmas ilhas e dos continentes proximos.

Demonstrada, porem, como está pelos notaveis trabalhos de Darwin, que não só muitas sementes de plantas, mas tambem certas especies de animais podem ser transportadas pelos ventos, pelas aves e até pelas correntes maritimas a grandes distancias, desnecessario nos parece recorrer ás referidas hipoteses para explicar a presença nos arquipelagos do Atlantico, de uma fauna e uma flora variadas.

A Atlantida de Platão parece-nos diferir um tanto da Atlantida concebida pelos naturalistas, mas quer consideremos como uma ilha essa região verdadeira ou fabulosa, quer como um prolongamento dos actuais continentes, o que parece certo é que a Madeira e as ilhas proximas nada teem que vêr com ela. A estructura geologica destas ilhas, a grande profundidade do mar que as rodeia e a ausencia em todas elas dos pequenos quadrupedes que abundam nos continentes proximos, levam-nos a crêr que o nosso arquipelago é uma criação independente, e não uma reliquia de vastos territorios agora submergidos.

O que dizemos ácerca da Madeira, talvez tenha aplicação aos arquipelagos visinhos, não obstante a opinião emitida pelo snr. Termier a respeito da origem das ilhas dos Açores. Diz este geólogo que para haver o direito de afirmar que as ilhas Canarias são fragmen-

tos de um continente submergido, seriam necessarias certas observações locais, não realisadas até o presente.

No nosso humilde entender a hipótese formulada por alguns geólogos de que os arquipelagos do Oceano Atlantico estiveram ligados á Europa, á Africa e talvez á America, num periodo geologico recente, não vai de acôrdo com o que se sabe ácêrca dos mesmos arquipelagos, muito embora seja licito acreditar que aquele mar banhou já vastissimas terras, que se submergiram numa época de ruinas e de cataclismos de que não é possivel precisar o inicio nem a duração.

A MADEIRA

Do oceano entre as vagas frementes,
onde o ceu mais se tinge de azul,
e co'as auras suaves, cadentes,
vêm as ondas rolando do sul.

tem seu throno a Madeira orgulhosa,
ergue a fronte a rainha do mar,
e na escuma das aguas, vaidosa,
vae seu manto de flores banhar.

Nas montanhas, cobertas de relva,
brotam jorros de puro crystal,
ha cardumes de rosas na selva,
ha gorgeios perennes no vall'.

De boninas o campo se veste,
de oiro é o sol, que o espaço allumia,
mil encantos de noite reveste,
o luar, mais formoso que o dia.

Pelas veigas, ridentes, amenas,
se matisa de flores o chão,
onde as moças, nas tardes serenas,
vão do amor suspirar a canção.

Eis aqui minha terra adorante,
primavera de eterno brilhar,
do occidente qual perla gigante,
engastada na face do mar.

Quem viveu nestes montes agrestes,
quem sonhou seus amores aqui,
nunca olvida os encantos celestes
d'este mar, d'estes bosques, de ti!

Já busquei uma vez, arrojado,
outras plagas, mais bellas talvez,
mas, ao ver-me de ti separado,
soube amar-te inda mais cada vez.

*

Patria, patria! as harmonias
que tu envias aos ceos,
são échos das melodias
da lyra etherea de Deus.
Eu vi as terras formosas,
canteiros de lindas rosas,
vi Portugal e Brazil,
e vim pedir-te nas vagas
perfumes das tuas plagas,
encantos do teu abril.

Em teus vergeis tão floridos
desponta a nivea cecem,
ouvem-se os carmes sentidos
da rola gemendo além;
lá da serra perfumada,
quando acorda a madrugada,
surge mystica harmonia,
e pelo are se desata,
d'entre a ramagem de prata,
celeste, infinda poesia.

Tua brisa diz mysterios,
sob um ceo d'almos fulgores,
de teus rochedos aéreos
pendem festões de mil flores;
de tuas altas montanhas,
a resaltar entre as penhas,
desliza a lympha da serra,
e no leito de verdura
vem murmurar com ternura
segredos da minha terra.

Ninguem mais, patria querida,
tem teu condão d'encantar,
linda alcachofra nascida
nas brancas serras do mar.
Sou teu filho, sei amar-te;
poeta, sei consagrar-te
o canto da inculta lyra,
que na alteza dos teus montes,
no crystal das tuas fontes
do bardo a musa se inspira.

Salve! terra d'harmonias,
envolta em candidos veus,
harpa de ethereas magias
tocada por mão de Deus;
salve, berço de candura
da minha infancia tão pura,
salve, meu lindo rosal!...
«Patria, ao pobre caminheiro
no seu dia derradeiro
Dá-lhe o jazigo final.»

Luiz d'Ornellas Pinto Coelho

GEOLOGIA

A formação das ilhas que constituem o arquipelago da Madeira remonta á época terciaria do mioceno. Levantamentos submarinos, formando colunas de emersão; nos quais se manifestaram acções vulcanicas até os primeiros tempos do quartenario, alteraram o seu contorno em periodos sucessivos de convulsões. Da Madeira se insularam as Desertas: do Porto Santo os ilheus adjacentes; e no grupo Selvagens, uma se biparte, talvez mesmo depois dos tempos historicos.

Na Madeira, o principal fóco eruptivo manifestou-se na parte central da ilha, no Curral das Freiras, imenso, brutal, produzindo relêvos parciais de longada, estadios que se ergueram de 300 a 600 metros daí a 1200m num grande diluvio de lavas, marcando e definindo o dorso da cadeia central acumulando escorias envolvidas em novas torrentes, elevando-se progressivamente até a altura de 200 metros.

Fócos adventicios e secundarios se abriram, quer em parte no massiço central, quer irrompendo em pontos bem distanciados, e a inclinação exterior dos cones é por vezes bastante áspera, de forma que as lavas nem sempre se solidificam em camadas regulares e então se dispersam em blocos e fragmentos.

Aos longos periodos de repouso sucederam-se maiores paroxismos e numa das durações de tranquilidade se formaram terras pela desagregação natural das rochas, e puderam assim vegetar algumas plantas, flora inicial descoberta na liqnite de S. Jorge soterrada por subsequentes emanações vulcanicas. Num dos periodos convulsivos se deu o levantamento marcado pelos fosseis marinhos de S. Vicente encravados n montante dum vale de erosão, a 360 metros de altitude.

As primeiras formações sub-aereas manifestaram-se no plioceno por uma grande ejaculação de lavas basalticas irradiando do primitivo fóco, ora mais densas, ora mais fluidas, solidificando-se mais rapidamente á superficie, estendendo-se mais para o norte, recortando-se para o sul, correndo e escoando em diferentes declives que proximo ao mar tendem para a horisontalidade.

As lavas traquiticas sucederam-se ás basalticas depois da Madeira ter atingido um relêvo médio e nelas se abrem fendas e fócos que determinam a corda de montanhas do espinhaço da ilha, lavas elevadas a uma grande percentagem de alumina ao norte do Curral.

As traquidolerites alternam com as traquites e a sua maior expansão é principalmente para oeste e norte notando-se que as lavas desta natureza no vale de Boa Ventura são mais modernas do que as da formação superior do Curral.

A cratera principal de formação que na sua maior amplitude acusa 2.500 metros de diametro, interrompida no segmento sul, arcava-se de oeste para leste pelos Picos Grandes, Arranhamento, Torrinhas, Eirinhas, Ruivo, Cidrão e os focos adventicios a dentro da mesma cratera deram origem a outros picos mais modernos e aos montados da zona central.

O ultimo arranco vulcanico é manifestado fora da zona média, nos extremos da ilha Porto Moniz e Caniçal, e na região sul por Camara de Lobos, Funchal, Caniço, onde se encontram os cones mais recentes de formação.

Se toda a acção vulcanica se tivesse patenteado na caldeira central, o relêvo maximo da Madeira ascenderia para o Pico Ruivo uma altitude de 2.500 metros.

O Porto Santo teve o seu principal foco de erupção, ao norte, hoje submerso.—opinião Noronha—adornou nesse sentido depois de varios levantamentos e ergueu no sul a sua extensa praia fossilisada, coberta na maior parte de areia conchilifera moderna.

S.

Moradias de Zargo

Santa Catarina—São Paulo—Conceição de Cima—Quinta das Cruzes —O Montante do descobridor

Não é certamente essencial para a historia da Madeira a determinação segura dos logares em que João Gonçalves Zargo levantou as suas casas de morndia, e nem isso constitui um ponto capital de investigação para a biografia do ilustre navegador e descobridor do nosso arquipelago. Não deixa, no entretanto, de oferecer algum interesse o conhecer-se com inteira exactidão os sitios em que estabeleceu residencia e onde decorreram as tres ou quatro dezenas de anos da sua longa permanencia nesta ilha. Esses logares devem merecer aos poderes publicos,

e especialmente ás corporações administrativas que teem a sua séde no Funchal, o respeito e a veneração que por toda a parte se costumam sempre tributar aos objectos e ás cousas que se acham intimamente ligados á vida dos homens ilustres. Determinar com absoluta precisão os edificios e os recintos que muito de perto se prendem com a existencia do descobridor, é despertar nos madeirenses a veneração devida á sua memoria e estimular as generosas iniciativas, que tenham por fim perpetuar condignamente, entre nós, essa mesma gloria e inolvidavel memoria.

Refere o historiador das ilhas: «...o capitão João Gonçalves Zargo... abrigando os navios aos ilheos que no cabo deste logar estão, por haver ali uma formosa enseada, determinou de fazer em terra sua morada de madeira, a qual logo fez pegada com o mar em logar alto, onde depois a capitoa Constança Rodrigues fundou uma igreja de Santa Catharina.» Foi este o primeiro assentamento de Zargo, e foi tambem o primeiro templo erigido na Madeira a capela mandada construir pela mulher do discobridor.

A capela conserva no limiar do pórtico a data de 1425, que representa o ano da primitiva construção. Foi junto dela que João Gonçalves Zargo teve durante alguns anos a sua primeira morada, construida talvez dos ricos e odoriferos cedros que em matas cerradas abundavam por toda a parte. Seria sem duvida uma mais que modesta e desconformavel habitação, edificada num só pavimento e despida de todo o aparato arquitectonico, como o foram todas as primitivas habitações, que entre nós se construiram. Lê-se algures que só mais tarde é que um individuo, por nome João Manuel, levantou no Campo do Duque a primeira casa sobradada e construida de madeira de cedro lavrado, o que na época causou uma não pequena admiração.

Do solitario retiro de Santa Catarina, pois que o primitivo e mais denso núcleo de população, com as suas correlativas habitações, se formou na margem esqoerda da ribeira mais oriental do Funchal, dirigiu Zargo os trabalhos iniciais de colonisação e lançou os fundamentos da futura vila, que rapidamente progrediu e ainda em sua vida atingiu um extraordinario desenvolvimento. Sonharia ali com o progresso da capitania, de que era donatario, e com o engrandecimento da casa que fundara, entrevendo num futuro proximo as honras e os privilegios de que seriam comulados os seus descendentes e sucessores. Teria talvez adivinhado que o monarca o galardoaria com os timbres da nobreza e com o uso dum brazão de armas, vendo já os pergaminhos dos seus netos esmaltados com a corôa de conde e de grandes do reino, como homenagem tributada aos serviços prestados pelo avô...

Alguns anos depois, transferiu o descobridor a sua residencia para a margem esquerda da ribeira, no sopé do morro que teve mais tarde o nome de o Pico dos Frias e proximo da capela que ali edificára com a invocação de São Paulo. Afirma-se que foi esta a primeira casa de moradia construida de pedra, que se levantou no Funchal. Nestas proximidades se erigiu o primeiro hospital, sobre terreno doado por Gonçalves Zargo no ano de 1454, e que ali funcionou durante alguns anos, até á sua mudança para a margem esquerda da ribeira de João Gomes.

Não parece ter sido muito longa a permanencia de João Gonçalves Zargo nas suas duas primitivas moradias. O seu definitivo assentamento onde passou a maior parte da sua existencia, foi nas proximas imediações do local em que erigiu a egreja da Conceição de Cima. Diz um antigo manuscrito: «determinou tambem fazer morada para si como fez em um alto que está sobre o vale do Funchal: logo defronte uma igreja de Nossa Senhora da Conceição para seu jazigo e dos seus, a qual começaram a chamar Nossa Senhora de Cima, por estar fundada em um toco de rocha ao pé de um pico». E' neste templo, que depois tomou o nome de igreja de Santa Clara, onde jazem os despojos mortais do ilustre navegador, e foi certamente nas casas de moradia que edificou naquelas proximidades que ele terminou a sua carreira mortal. Lê-se no ja citado manuscrito:—«chegou a tanta velhice o grande Goncalves Zargo, que em colos de homens se fazia levar a pôr ao sol, com que muito se corroborava. De ali dispunha as coisas da sua jurisdição, governando e administrando justiça com o seu entendimento inteiro, em que não experimentou nunca a imbecilidade de homem decrépito.»

A' vista de varios documentos que examinámos detidamente, chegámos pela primeira vez a averiguar que a velha residencia do descobridor da Madeira corresponde á antiga casa solarenga dos morgados Lomelinos, que hoje conserva o nome de Quinta das Cruzes, embora com o decorrer dos seculos tenha sofrido tão profundas modificações que, presentemente, não restará ali cousa alguma da primitiva construção.

Parece que esta antiga moradia do descobridor se conservou na posse dos seus descendentes, sendo certo que um seculo depois da sua morte, pertencia a seu neto Pedro Gonçalves da Camara, casado com D. Joana Eça, camareira-mór da rainha D. Catarina, estando em 1575 no usufruto e posse de um neto dêstes, tambem chamado Pedro Gonçalves da Camara, o qual por escritura publica de 16 de Setembro daquele ano, a vendeu ao seu proximo parente Francisco Gonçalves da Camara, neto de João Gonçalves Zargo. Era este Francisco Gonçalves da Camara, que governava a capitania do Funchal, na ausencia de seu sobrinho João Gonçalves da Camara, sexto donatario, quando em 1566 foi esta cidade assaltada pelos corsarios francezes, que aqui deram um terrivel saque e massacraram cêrca de trezentas pessoas. Gaspar Frutuoso dizia em 1590 que Gonçalves da Camara residiu nas imediações do Convento de Santa Cruz «em uns paços grandes e sumptuosos.»

Esta vivenda passou á posse de uma filha de Francisco Gonçalves da Camara, por nome D. Joana de Noronha, e depois ao filho desta Antonio de Carvalhal Esmeraldo, que a possuia no anó de 1624. Nos fins do seculo XVIII pertencia a Francisco Esmeraldo Henriques, que

ali fundou a capela de Nossa Senhora da Piedade. Conserva no alto do pórtico a data de 1692, mas é de 1695 o ano da escritura de doação e nêle é que se iniciou ali o exercicio do culto religioso. Nesta capela se encontra um carneiro de marmore, que se afirma encerrar os despojos mortais de Urbano Lomelino, fundador do convento que existiu na vila de Santa Cruz e um dos troncos da familia Lomelino nesta ilha. Na instituição vincular deste importante morgadio se encorporou, provavelmente por ligação matrimonial, a vivenda das Cruzes, em ano que não podemos determinar, e nesta famila se conservou até os nossos dias, passando ha poucos anos a ser propriedade dos barões do dardim do Mar.

E' ocasião bem azada de fazermos uma especial referencia ao montante de João Gonçalves Zargo, que sempre se conservou nesta casa e que uma tradição constante, transmitida de geração em geração no seio da familia que o possuia, faz indubitavelmente pertencer ao ilustre descobridor. Como tal foi sempre considerado, e a profunda veneração que ali se tributou em todo o tempo áquela reliquia, mais confirma ainda a verdade da sua origem. E' uma arma antiga, destinada a ser brandida com ambas as mãos e que não prima pelo esmerado fabrico. Não tem, por certo, valor intrinseco ou artistico, mas vale muito pelo seus quinhentos e tantos anos de existencia e mais que tudo por ter pertencido ao grande navegador que descobriu este arquipelago. E' talvez a espada que Gonçalves Zargo empunhou em Marrocos, nas suas arremetidas contra os mouros, conquistando a fama de valente e arrojado cavaleiro. Essa reliquia veneranda encontra-se nesta cidade nas mãos dum estrangeiro, que a conserva com o apreço que ela verdadeiramente merece. Deveria no entanto estar na posse da Camara Municipal desta cidade. A esta corporação administrativa cumpre promover a sua acquisição e guarda-la religiosamente nos seus arquivos, até que possa condignamente figurar no museu de arte e antiguidades que um dia se ha de forçosamente fundar nesta cidade.

A Ilha da Madeira

(SECULO XV)

Reinava D. João, nobre Mestre de Aviz
heroico vencedor das hostes de Castela,
quando se dilatou o império do paiz
á lusa Historia dando uma pagina bela.

Corria o mez de julho. Airosa caravéla,
Panos soltos ao ar, garbos de imperatriz,
singra as ondas veloz a salvo da procéla,
o Atlantico transpõe com êxito feliz.

Traz nos mastros a Cruz, da Liberdade marco,
e ao leme a firme Fé revela-se altaneira
no grande heroi do mar — João Gonsalves Zarco

Um quadro surge, então, de ingenita beleza:
E' a presença gentil da — Ilha da Madeira,
a perola sem par da patria portugueza.

FUNCHAL

MANOEL RIBEIRO

O clima da Madeira

O CLIMA É O CONJUNTO DAS CIRCUNSTANCIAS FÍSICAS PRÓPRIAS DE CADA LOCALIDADE, SOB O PONTO DE VISTA DAS SUAS RELAÇÕES COM OS SEUS ORGANIZADOS.

Hipócrates.

O que o Pai da Medicina escreveu há vinte e quatro séculos ficou escrito duma vez. E' a voz duma resolução que se não dobra: *Quid scripsi, scripsi.*

O clima é o meio externo, é a actividade da natureza sobre os seres vivos, como o temperamento é o meio interno, é a actividade do próprio organismo.

Ainda uma das analogias frisantes de temperamento e clima existe no facto de que todas as divisões dum e outro são arbitrárias.

Não há temperamentos definidos, nem há climas definidos.

Cada individuo tem o seu temperamento; cada localidade tem o seu clima.

Entretanto, num regimen conciliador de aproximações, há-os, então, iguais e admitem-se, quanto aos homens, os biliosos, os linfáticos, os sanguineos, os nervosos; e, quanto ás regiões, as quentes, as húmidas, as tempestuosas, segundo o predominio duma das condições que caracterizam os respectivos estados.

Mas, na verdade, o que devemos, dizer é que o clima da Madeira é o clima da Madeira.

Haverá um clima igual?—Não há; rigorosamente, não há. Aproximadamente, porem, sim.

Dum modo geral, nós, os insulares, temos um clima maritimo, opôsto aos climas continentais.

Como tal é humido.

Sob êsse ponto de vista higrométrico, há de menor percentagem, o meio humido, como o de Biarritz, e o sêco, tal é o de Nice.

Sob as indicações que as escalas termométricas apontam, não é clima quente, nem é clima frio. De cada um dêles tem as vantagens menos acentuadas e os inconvenientes reduzidos por uma atenuação facil de compreender.

Não ocupa os extremos, possui a fôrça e a beleza expressas no velho prolôquio: *é no meio que está a virtude*; para o caso diremos: o triunfo, a comodidade, o encanto, uma perfeição relativa, uma excelencia que não fere, porque se não veste de vaidade.

Ora, o clima não é so representante da quantidade relativa de vapor de água que a atmosfera pode conter e dos graus de temperatura atmosférica, ao sol e á sombra.

Hipócrates—e com êle todos os higienistas e fisiologistas—ligou a noção de clima ao *conjunto das circunstancias fisicas*, de modo que há, a dar-lhe côr e consistencia, ainda a pressão atmosférica, a direcção dos ventos com a sua velocidade e frequencia, a arejação e humidade do solo, a altitude e outras condições que criam a constituição médica ou a possibilidade de se desenvolverem determinadas enfermidades.

De tal modo o clima duma região influi sobre os seres organisados, que é êle um dos ramos da higiene mais estudados e dêle um se forma um capitulo terapêutico, chamando a clima-toterapia, que faz a aplicação dos efeitos da temperatura, do ar, do solo e dos produtos dum país, no tratamento de grande numero de morbos, com que a humanidade paga duros tributos, em troca do seu direito de viver.

E, neste ponto de vista, sem nos prendermos com quadros de temperaturas, de pressões, de chovas e de situações higrométricas, podemos assegurar que a Madeira gosa dum bom clima, atendendo, apenas, ás afirmações de reconhecimento de milhares de pessoas que o vieram experimentar e ás centenas de livros du folhas avulsas, em que seus autores o preconizam, como homens de sciencia, delegados de Academias, ou publicistas de profissão.

Aquêles quadros entram, porém, num estudo ou num processo documental, que não está no plano ligeiro, que estas linhas procuram representar.

Está feito êsse estudo numa extensão suficiente, para que se chegasse a conclusões unânimes; está elaborado êsse processo numa documentação razoavel para a publicação de sentença.

*
* *

O clima da Madeira é bom, proclamam os autores: o seu ar, até mesmo o do Funchal, raras vezes toma agreste aspecto com a impetuosidade dos ventos, e pelo acidentado dos terrenos oferece abrigos, que se alternam, é claro, com a direcção das correntes aéreas.

O Funchal é um exemplar dos sitios amenos, de verão e de inverno.

Está a cidade envolvida num arco de montanhas, cuja corda é da espuma que reveste a costa maritima.

O oceano fica ao sul, donde as monções sopram frescas, embora húmidas.

Emquanto ao vento, poucos dias do ano há que tragam inquietações.

A disposição dos seus relevos influi, necessariamente, nas particularidades, que todo o cli-

ma oferece por caracteristica, fazendo de climas *iguais*, climas distintos e únicos.

Cá estamos, outra vez, caidos na fórmula: *O clima da Madeira é o clima da Madeira.*

***

Este clima é bom, continuam os Mestres, porque, se dos ventos passamos ás temperaturas, ou níveis de calor, e ocultamos—não está bem!—e negamos apreço ao *tempo leste*, por se limitar a horas, e nalguns poucos anos a mais três dias, num qualquer dos seus ímpetos, não sendo, propriamente uma calamidade, mas apenas uma indisposição para certas suscentibilidades, a Madeira é um paraiso.

Voz e pena teem a eloquencia de quem fala de primores alheios, sem a brotoeja dum *chauvinismo*, que seria delituoso.

A beleza dum clima, sob o ponto de vista termométrico, está na fraca distancia dos máximos aos minimos de temperatura, exatamente porque as oscilações infimas são incompativeis com temperaturas extremas.

O primeiro facto a observar, com relação á Madeira, é que em nenhum dia do ano se tem notado uma diferença entre máxima e minima, superior a 5 graus centigrados.

Há excepções para o *vento leste*.

E muitos dias, em que a variação mais lata, observada dêsde um nascer ao pôr do sol do mesmo dia, deixa de atingir um grau.

Note-se que as noções assim expressas dizem respeito ao Funchal, pois só aqui existe um Pôsto Meteorológico, oremos que funcionando dêsde 1864, achando-se hoje, nas suas instalações, um anemómetro, um anemógrafo, um belo barómetro de Adie, barógrafos, termómetros varios, ao sol e á sombra, redómetro, psicómetro e psicógrafo, evaporómetro.

Raras e não seguidas teem sido as observações feitas fóra da cidade.

Mas das poucas realisadas infere-se que nos planaltos da ilha, as temperaturas são mais baixas, com médias mensais, de que vamos falar, inferiores á do Funchal em um a dois graus, no Santo da Serra, até quatro graus, no Poiso.

Estas diferenças foram notadas de julho a novembro.

Tambem foram notadas pelo amador de sciencias naturais, o falecido párocn do Machico Padre Fernando Pontes, temperaturas, no Paul da Serra,abaixo de zero,quando no Funchal havia a de 14 centigrados.

Observadores estrengeiros estiveram entre nós e oportuno é citarmos Heberden, Kirwan, Gourlay, Heineken, Dove, Mason, Young, Mac-Erien e White.

Se quiséssemos nomear ainda os nomes de quantos homens de sciencia, de nacionalidades estranhas, salientaram os favores do nosso clima, além dos já ditos, tendo á frente, com justiça,Heberden,que no meiado dó século XVIII falou da nossa ilha, enaltecendo-a, sendo talvez o primeiro que assim se pronunciou, viriam formar ala Fothergill, Adans, Clark, Hampfer, Harcourt, Lund, Mittermayer, Garnica, Jaccond, Embleton, Taylor e outros que não chegaram ao nosso conhecimento.

Entre os autores portugueses que se ocuparam do clima madeirense, há Nicolau Pita, Souza Vaz, Barral, Acúrcio Ramos, Mourão Pita, Teles da Menezes e Adolfo de Noronha.

Foram todos êles outros tantos arautos da benignidade dos céus madeirenses.

O amor pela sciencia trouxe cá, os que de cá não eram. Bemvindos foram, porque carrearam elementos para os conhecimentos gerais da Meteorologia, sciencia que mal sai do periodo empírico, e com os seus dados colhidos na **Pérola do Oceano,** cimentaram esta mesma designação e prestaram serviço a uma pléiade numerosa de enfermos e necessitados duns ares suaves, que se poderiam dizer carinhosos.

O professor Jaccond, autor do livro precioso «*Curabilité et traitement de la phtisie pulmonaire,*» escreveu nessas paginas palavras que nunca receberam desmentido, dizendo que a Madeira era «a Suiça do Oceano».

E Jaccond não romanciou. Escreveu o que viu á luz do seu saber de medico eminente.

Depois de nos referirmos á oscilação diária, volvemos a atenção á oscilação mensal.

Calcule-se a média num mês pelas médias quotidianas.

Temos como mais elevada, ora em agosto ora em setembro, uns 23 gráus; mais baixa, ora em janeiro, ora em fevereiro, os seus 15°. Diferença: 8. Mas, seguindo a sucessão dos mèses, nunca a diferença em dois consecutivos excedem três graus.

Não há, pois, violencias no desnivelamento; quasi que diriamos: o leito sobre que a corrente termo-atmosferica se desloca, é como uma linha obliqua e não quebrada.

A vida do homem, que olha, dia a dia, mês a mês, o seu termómetro de quarto, passa-se em declive, sem abalos de quebra brusca ou ascenção rápida.

Marcha que não fatiga! Todos a suportam, todos a estimam, todos a deixam com saudade!

Formemos os grupos da estação. Suponhamos que vivemos na ilha, quatro dias num ano, um em cada estação, os quatro dias em que a temperatura seja a da média da estação correspondente!

Que médias excepcionais são essas! Num dia do inverno, talvez, em fevereiro, 15°, 57 de média; num de primavera, provavelmente, em abril, 17°; num de verão, cabe a julho, 21°, 37; num de outôno, será em outubro, 20°, 33.

A maior diferença, em todo o ano, 5°, 8.

Um encanto nessas eternas relações do sol com a Terra!

Porque tem o sol estas comiserações para com a Madeira?

Não é simpatia.

E' a colocação destas rochas insuladas, no largo, bem ao largo do oceano, numa zona temperada, sem abrazamentos nem regelamentos, em que o proprio periodo canicular se envergonha da má fama que lhe dão e protesta contra ela.

As canículas, na Madeira, são deliciosas para quem as tem suportado, duras e mordentes fora desta ilha.

Destas médias tão benignas, que são um orimor da distribuição do calor pela atmosfera, que forma e caracteriza os nossos ares, podemos prever o que será a media anual, calculada, principalmente, em grupos de anos, em decénios, por exemplo. Dá-nos 18º e alguns décimos.

E ainda a média das máximas confrontada com a das mínimas, nésses períodos, oferece-nos uma diferença que mal atinge 14 graus.

Todos os quadros que as observações termométricas realizam, indicam ser a Madeira, e principalmente, o Funchal, uma estancia, que pode ser exigida por todas as pessoas de constituição delicada.

E tornam, plenamente, justificadas as palalavras escritas pelo capitão inglez Burton, em 1883.

«Na Madeira pode-se viver confortavelmente; até é difícil encontrar a poucos dias de viagem da Inglaterra, ou do continente, um logar tão agradavel, onde se pode habitar durante o ano inteiro.»

De modo que os ventos, raramente tempestuosos, como quem diz: devastadores para as culturas e perturbadores da saude do homem, a ausencia de poeiras na atmosfera, devido ao chão, que, onde não é vestido de arvoredo, é coberto de vegetações mais modestas, até as ervas ou os musgos, e nunca é sêco, demasiadamente sêco, demasiadamente pulverulento; finalmente, a caraterística geografica [latitude e insulamento], a constituição geológica, a flora, o regimen das chuvas, a distribuição da humidade no solo e na atmosfera, tudo concorre para que o clima da Madeira, os seus ares ligeiramente varridos e impregnados dos odores balsâmicos da floresta, os quais descem dos montes, e dos aromas que as flores mandam na aragem que as visita pelas encostas, tudo concorre, sem duvida, repetimos, para que êste clima, universalmente conhecido, seja universalmente admirado e invejado.

***

Dar-se-á o caso de ser este uma formosura sem senão?

Impossivel.

A humidade no ar, não pequena, é mancha de que se não lava a nossa ilha; mancha, entretanto, que só implica, dum modo mais ou menos sensivel, com as pessoas aclimatadas a um meio sêco, meio essencialmente continental, do interior, a pessoas que não viveram anos seguidos noutros climas tambem humidos.

Porisso é mancha em absoluto. Relativamente, já o não é!

A humidade suavisa as temperaturas. A agua nas terras é indispensavel; o vapor de agua na atmosfera é util.

Como que se coloca nos extremos da escala termométrica e não a deixa distender-se em sentido algum, nem para altos nem para baixos graus.

O estado higrométrico na meteorologia madeirense é devido ao vapor de agua que nos vem do oceano, que abraça a ilha num abraço completo, de mãos unidas.

São as nuvens, depois, a formarem-se desses vapores.

E' a propria natureza que nos proporciona mais êsse espectaculo dum firmamento envôlto, por onde, a custo, rompe a luz do sol.

Como diz uma comédia de Aristófanes, o Oceano é o pai das nuvens, e estas as mães dos raios.

As proprias nuvens são tambem causadoras da electricidade atmosferica, segundo o parecer dalguns fisicos, atribuindo o estado electrico á condensação de vapores ou á refracção de certos raios solares nas palhetas de neve que constituem a nuvem branca, de algodão, chamada *cirrus*.

E se se mantiver a hipótese de que a electricidade atmosferica produz ou concorre para a formação do ozono, e ainda outra de que este gaz, um purificador da atmosfera, tem acção impeditiva da marcha duma epidemia, se o estado nebuloso do nosso ceu, nalguns dias e durante algumas horas, nos priva duma luz do sol, franca e magestosa, fornecer-nos-á, porventura, um contingente forte e constante para o aperfeiçoamento da constituição média da região.

Alguns beneficios se arrancam donde se julgava existir, apenas, o mal.

Por outro lado, será talvez pela maior intensidade ou mais adequada distribuição da electridade meteórica madeirense que pessoas nervosas ha, a lastimarem este clima.

Não nos consta que tenham sido feitos estudos ácêrca do estado electrico dos nosses ares, sabendo-se que, em qualquer altura, existe um potencial variavel de instante para instante, como sobre toda a superficie do globo terráqueo.

***

Afinal, pela orientação e quasi sempre fraca velocidade dos ventos que varrem a ilha, pela suavidade incomparavel das temperaturas, olhadas da mais alta á mais baixa, e pelas vantagens que derivam da existencia dalguns graus de humidade, a ponto daquelas asségurarem condições benévolas e apreciaveis, o clima da Madeira está, certamente, a par das excelencias que, sem favor, visitantes experimentadores e academicos de observação lhe hão conferido.

Se êste clima é doce para o corpo enfermo e organisações delicadas, muito mais aprazivel é ao espirito, que nêle vive acalmado, e muito mais agradavel a corações que padeçam.

E estas ultimas qualidades mais sobressaiem ao nosso entendimento, que sabe e vê que o nosso corpo é para a morte, por mais que o acariciemos, e a nossa alma é que é para a vida, prolongamento, sem fim da propria morte.

Á ILHA DA MADEIRA

Ao nauta, que do mar tempestuoso
Vem dos baldões asperrimos cansado,
Tu te mostras, ó ilha da Madeira,
Como, depois de somno fadigoso
De horriveis pezadellos,
Um dia delicioso,
Todo alegria e festa e raios bellos,
Um claro dia pelo sol doirado.

Se isto é hoje d'estr'arte,
O que seria d'antes,
Quando te desvendaste a vez primeira
Da nevoa e do mysterio em grande parte
A' vista dos pasmados navegantes!
Em manto de neblina te embuçavas;
E até do mar que ás plantas te gemia,
E até do proprio sol que te queria
A virgem formosura recatavas.

Porêm chegou o dia
Pelo Eterno marcado,
Em que, apesar d'esquiva,
Te rendeste captiva,
Do sol da nossa gloria á viva chamma,
Ao generoso brado
Do grande Infante de perpetua fama.

Pandas as brancas velas,
Atravessadas pela cruz de Christo.
Eis no liquido argento
As fortes, portuguezas caravellas
Correm ao sopro do inconstante vento.

Ruem os furacões; trôam os ares;
E' plumbeo o céu; das lôbregas entranhas,
Quaes liquidas montanhas,
Volvem-se em desespero os torvos mares.
Pelas ondas corridos
Os pequenos baixeis tragam a morte,
Já quasi submergidos;
Porêm não desanima a gente forte.
Invoca a soberana potestade,
Que a protege de ha muito, e a praia ignota,
Na escura cerração da tempestade,
Compadecida, lhe dirige a rota.

Então alçando as mãos a Deus, molhadas
Ainda pelas ondas salitrosas,
A maritima turba lh'agradece
As terras deparadas,
As vidas tanto a pique assim poupadas.
Com palavras piedosas,
E murmura esta prece:

Senhor, se, como outr'ora do teu povo
Os passos pelo ermo encaminhaste,
A este porto santo nos guiastes,
Dá-nos, dá-nos ainda um signal novo,
Outro maior signal de teus favores:
Faze que esta primeira descoberta,
Que o dom d'esta ilha esteril e deserta
Seja seguido d'outros dous melhores.

Dizem: abaixam da cerulea altura
Os olhos: e, ao baixal-os, de repente
Vêem longe sahir de nevoa escura,
Que mais e mais se torna transparente,
Uma visão do imaginar potente?
De um monte a sobranceira catadura?

Eia, ao mar: o Senhor nos presta ouvidos;
Temos fé que é verdade essa apparencia,
Não devaneio apenas dos sentidos.
E' da sua clemencia
Quem sabe se o signal: ao mar corramos.

Bradam; soltam ao vento a larga vela;
Já chegam; já de todo a alva neblina,
Aqui, alli, se esva'e ou se adelgaça,
E mostra, meio occultos, com mais graça,
Flores, verdura, emmaranhados ramos.
Uma terra tão bella,
Que mais semelha apparição divina,
Ou cahida do céu fulgida estrella.

Assim aos denodados portuguezes
Appareceste, ó ilha da Madeira,
Para os avigorares nos revezes;

Como és bella! Da Grecia conhecida,
Tu serias de Venus a morada,
Ou fôra, ao ver-te assim do mar sahida,
A nascença de Venus fabulada;
Ficara a téla dos jardins d'Armida,
Sendo modelo tu, mais bem pintada;
E Camões juntaria á dos Amores
Insula imaginaria os teus primores.

1898 RAMOS COELHO.

Influencias etnograficas

Entre as origens da colonisação madeirense destaca-se o nucleo algarvio sentimental, poetico e aventureiro, alegre e sonhador, seguindo-se-lhe gente do Minho, laboriosa, devota e mistica, muitos estrangeiros, flamengos e genovezes que obtiveram igualmente repartição nas terras doadas de sesmaria, cruzando-se, amalgamando-se numa sub-raça laboriosa, psicologicamente portuguesa, amante do seu lindo torrão, nascida num clima sem igual e numa paisagem linda, patriotica e desinteressada como o atesta o auxilio prestado ás praças de Marrocos, á India e ao Brazil.

No esforço agricola trabalham os escravos pretos, mouros e judeus trazidos pelos senhores nas incursões á costa de Africa, chegando em 1552 a haver um numero aproximado a 3 mil.

A antiga denominação de Rua das Pretas e Mouraria, no Funchal recordam a existencia dos escravos na Madeira, alem de alguns nucleos dissolvidos das grandes casas morgadias do Funchal, Ponta do Sol, Machico e Calheta, onde em alguns logares se notam ainda traços caracteristicos diluidos daquelas raças.

O nosso historiador das Ilhas se refere no seculo XVI, ás ricas vozes das mulatinhas de Machico, aos mouros das fazendas de Esmeraldo e aos indios trazidos pelo governador geral Tristão da Veiga.

Estas raças, porem, mais tarde libertas, emquanto não beneficiadas até terceira geração, não podiam exercer certos misteres que eram vedados até os *baços* nome por que se designava a segunda folha de cruzamento.

Nos seculos XVIII e inicio do XIX, uma corrente inglesa predominou: familias de negociantes de vinho e militares da ocupação durante a guerra peninsular, notando-se linhas fisionomicas em tipos de sombria beleza, e especialmente no Santo da Serra, Camacha e Gaula.

Não são bastantes as averiguadas observações, necessarias para estabelecer sub-tipos, mas são importantes factores no caracter e no sentimento e no desenvolvimento fisico, o horisonte, a paisagem, o meio da vida, a alimentação.

O «pesquito» ou pescador de Machico, Camara de Lobos e Paul, é ousado franco e comunicativo. O lenheiro carvoeiro da serra é desconfiado, manhoso, e pouco falador. No primeiro revive o algarvio, no segundo notam-se laivos de mouro ou mulato.

A Agricultura na Madeira

A Madeira é desde os tempos da colonização um país essencialmente agricola, podendo afirmar-se que mais de dois terços da sua população vive hoje da exploração do solo. A área da ilha susceptivel de ser cultivada regula por uns 30.000 hectares, não indo porem talvez alem de 20.000 hectares a superficie aproveitada pela agricultura, em razão da altitude e acidentação de varios terrenos e da falta de agua de irrigação que se faz sentir nalguns dêles. A população, concentrada nas zonas de clima mais temperado, só em poucos logares se estende até acima de 700 ou 750 metros, reservando em geral os terrenos superiores para a produção das lenhas, dos matos e das giestas, e ainda para a criação e pastagem dos gados, apesar do que ácêrca dêstes dispõem a lei de 1913 e outros diplomas anteriores.

Os solos agricolas da ilha proveem de basaltos, traquites e assentadas de escorias e de cinzas, que pela acção do tempo adquiriram um aspecto terroso, tendo o homem concorrido para modificar ou melhorar muitos dos mesmos solos, quer pelas cavas e lavouras fundas e a remoção de tudo quanto possa prejudicar o desenvolvimento das plantas, quer pela mistura racional das terras e o adicionamento dos elementos organicos necessarios ás culturas. As aguas fluviais correndo pelos declives dos montes, depositaram em muitas partes os produtos da corrosão das rochas, formando assim os chamados solos fundos das zonas baixas da ilha, desprovidos ou quasi desprovidos de cal, mas ricos quasi sempre de potassa e acido fosforico, e contendo tambem o azoto fornecido pelas mesmas aguas ou acumulado pela vegetação.

Os terrenos da ilha são trabalhados á

enxada; só em muito raras localidades se faz uso da charrua, quando os mesmos terrenos permitem o emprego desta maquina agricola. Extremamente dividida em virtude de varias circunstancias, a propriedade rustica madeirense oferece geralmente nas suas courelas uma associação de culturas que, embora curiosa, nem sempre nos parece de vantagem para os interesses do agricultor.

Pode-se admitir a existencia na Madeira de quatro zonas agricolas, correspondentes ás quatro zonas botanicas em que é uso dividir a ilha, estendendo-se a primeira desde a beira mar até 200 ou 300 metros, a segunda até 700 ou 750 metros, a terceira até 1600 metros e a quarta até 1950 metros.

A cana de açucar, a bananeira e os cactos caracterisam a primeira zona, a que podemos chamar subtropical, adoptando a classificação de Koppen, cultivando-se, porém, nela alem daquelas plantas, a vinha, o trigo, a cevada, o milho, as couves, os nabos, a aboboreira negra ou da Guiné, a aboboreira de Tenerife ou chilacaiom, a cabaça, a cáluta, as favas, os feijões, as ervilhas, as batatas, as semilhas, etc., etc. Entre as fruteiras frequentes abaixo de 200 ou 300 metros, citaremos a anoneira, a mangueira, a goiabeira, a pitangueira, a papaia e a abacate, especies oriundas dos paises quentes e que exigem um certo grau de calor para viver e prosperar.

São especies caracteristicas da segunda zona a vinha e os castanheiros, vendo-se, porem, em muitas partes as mesmas plantas hortenses da zona inferior, assim como varias fruteiras que tambem ali existem, tais como as laranjeiras, as pereiras, as macieiras, as ameixieiras, os pessegueiros, os damasqueiros, as nespereiras, as nogueiras, as figueiras, as amoreiras, etc., etc. Os cereais, e em especial o trigo, são abundantemente cultivados, principalmente nos terrenos não irrigados artificialmente, ao passo que a cana sacarina é a partir de 300 ou 400 metros uma planta pouco remuneradora, em virtude do baixo grau das suas garapas. As cerejeiras são cultivadas nos vales humidos e frescos da parte superior da segunda zona, vivendo ás vezes associadas aos loureiros, aos tís e aos vinhaticos, magnificas louraceas que fazem parte da flora florestal indigena.

A terceira zona, quasi inteiramente destinada á produção das forragens, dos matos e das arvores silvestres, apresenta, ainda, aqui e alem, alguns campos cultivados de trigo e de centeio, e algumas courelas onde vegetam as couves, os feijões, as semilhas, etc., mas aí já a batata não produz tuberculos aproveitaveis, a bananeira e a anoneira não frutificam e a vinha não amadurece seus frutos senão nalgumas localidades menos visitadas pelos nevoeiros. E' na terceira zona que existem os bardos, que separam a região inculta da região cultivada.

A quarta zona, que abrange os pincaros dos mais altos montes, tem-se conservado inculta até o presente, e não cremos que em tempo algum venham a utilisa-la com proveito para trabalhos agricolas, por ser inospita durante a maior parte do ano e as suas terras serem escoriaceas e pouco fundas.

Das especies uteis que assinalámos nas quatro zonas em que se sub-divide a Madeira, as mais importantes já pelo seu rendimento, já pela área que ocupam, são a cana sacarina, a vinha, a bananeira e o trigo. A cultura da cana, que abrange agora uma superficie de cerca de 1000 hectares, foi até ha pouco tempo uma das mais rendosas da ilha, mas hoje é menos lucrativa que a da vinha e sobretudo que a da bananeira. A bananeira abrange uma área de 120 a 150 hectares, e a vinha e o trigo uma área que deve regular, para cada uma destas plantas, por uns 2000 a 2200 hectares.

Não nos ocuparemos, por falta de espaço, nem dos processos de cultura, nem dos de aproveitamento de varias especies uteis existentes na Madeira, mas o que não podemos deixar de dizer é que sob o ponto de vista agricola, não está a nossa terra tão atrazada como geralmente se supõe. Se os trabalhos agricolas se fazem a braços por quasi toda a parte, é porque a conformação dos terrenos se não presta ao emprego de maquinas aratorias, e se não está em uso o sistema da rotação das culturas, tão necessario para se obterem boas colheitas, é porque ele é contrario á extraordinaria divisão da propriedade e tambem ás vezes aos interesses do agricultor. Nas terras inclinadas das vertentes meridional e setentrional, são as aguas que corream dos altos os principais elementos fertilizadores, sendo assim que muitos solos não adubados nem beneficiados pelos afolhamentos, manteem constantemente um certo grau de produtibilidade.

As sorribas, o emprego dos adubos, a limpeza e beneficiação das terras, etc., fazem-se quasi sempre na Madeira dum modo racional, e se alguma coisa nos parece digno de censura é principalmente o pouco cuidado que se presta as mais das vezes á selecção das sementes e á conservação das boas variedades, e a maneira pouco criteriosa como é encaminhada em muitos casos a cultura das arvores frutiferas. A baixa qualidade de muitos dos nossos frutos e o mau aspecto de muitos dos exemplares que povoam os nossos pomares, são quasi sempre consequencia da falta ou má execução das podas e do excesso de produção a que as fruteiras são forçadas na ilha.

A construção das levadas que cortam a Madeira em todas as direcções para irem levar a vida e a fertilidade a solos incapazes outrora de qualquer genero de cultura, o estabelecimento dos socalcos que revestem as encostas dos montes e em que as terras são sostidas por espessas paredes construidas ás vezes á custa de grandes sacrificios, e a transformação de muitos terrenos rochosos

ou pedregosos em boas terras aráveis, após uma luta persistente contra um meio adverso, são provas eloquentissimas do zelo e dedicação que o nosso povo consagra á agricultura e dos esforços que ele teve de empregar para conseguir a situação vantajosa que ha muito disfruta.

As obras e trabalhos executados para a exploração vantajosa do nosso solo, alguns dêles bem dignos da nossa admiração pela sua magnitude e importancia, devem fazer esquecer as praticas rotineiras e condenaveis ainda em uso na Madeira, as quais são consequencia do isolamento geografico e do espirito conservador do povo da ilha.

C. M.

Festas populares

O que mais caracterisa a psicologia duma raça são as manifestações colectivas das massas populares.

O povo, na sua rude insciencia ou no seu obstinado fanatismo, é ingénuo e cego: marulha com as tempestades subversivas das suas paixões, mas no fundo é crente, sincero e verdadeiro. Não sabe, muitas vezes, discriminar o bem do mal, o verdadeiro do erroneo, o supersticioso do ortodoxo, o maravilhoso do dogmatico: crê pela necessidade de crêr, e aceita tudo que lhe transmite a tradição ou satisfaz ao seu estado psiquico, pela força imanente da alma ancestral.

Não raciocina o povo; as suas manifestações colectivas são impulsos de alma, eclosões do sentimento. Dominam-no todos os elementos étnicos que se cruzam na sua origem e que por influencia do meio contribuem para informar o seu caracter, desde o genio da raça até as lições da Historia, as impressões dos factos, a experiencia do tempo, os aspectos da natureza e as condições mesologicas. Na sua natureza o povo guarda de geração para geração a caracteristica da propria raça; nos seus costumes, porém, altera de meio para meio a psicologia da vida propria.

Por isso, quando na alma das multidões vibra a paixão, o fanatismo ou a religiosidade, expontaneamente fala a caracteristica dum povo, actuam os factores mais preponderantes duma nacionalidade.

As festas populares, portanto, qualquer que seja o seu caracter, profano ou religioso, social ou patriotico, são sempre o reflexo nitido e preciso do espirito tradicional, e a mais fiel caracteristica psicologica duma região.

Não ha fontes mais seguras para a etnologia dum povo do que são as suas festas.

O povo da Madeira, que em nada se isenta das leis necessarias por que se caracterisam os outros povos, revela, nas suas festas, não só o caracter da raça lusiada, mas o de algumas outras raças cujas influencias sofreu através de todas as épocas, desde a sua constituição historica, por cruzamentos de sangue e por assimilação de costumes.

No fundo porém, de todas as tradições populares da Madeira, existe sempre latente e fortemente arreigado o espirito nacional. Nem todas se distinguem por uma feição absolutamente portuguesa, mas algumas ha que são puramente regionais.

As festas populares da Madeira refletem a alegria e a vivacidade das festas das nossas provincias do norte; teem a tristeza e o saudosismo das canções portuguesas do sul; mas no seu aspecto exterior resentem-se das influencias extranhas dos povos que desde o descobrimento viveram em contacto comnosco, e que da sua raça com a nossa raça, sangue, indole e costumes misturaram. Desde o estabelecimento dos primeiros povoadores nesta ilha, constituiram um importante elemento de colonisação navegadores genovezes e espanhois, cativos mouros e indios, escravos negros, colonias estrangeiras de mercadores e fanqueiros, cultivadores e fabricantes, consules, turistas e emigrantes.

Não nos revela a Historia traço ou indicio das primitivas festas com que se divertia o povo: mas era natural que as tivesse para aliviar o jugo da odiosa escravidão com que servia, suportar as revoltantes agruras do seu captiveiro e esquecer as guerras de Africa e da India em que o levavam a pelejar sob ordens absolutas de nobres e donatarios. E' de crêr, pelo menos, que se recreasse com o folgar da nobreza nas touradas do *terreiro defronte da See*, nos celebres jogos de canas e escaramuças de Machico, em que entravam cavalgadas de *sessenta cavalleiros de esporas douradas muito bem postas, e encavalgados por industria de Lançarote Teixeira, o melhor ginetario da ilha*.

Posteriormente aos periodos das capita-

nias e conquistas, em que imperavam os preconceitos da nobreza e obrigavam os direitos dos senhores sobre as condições da *vilania*, as festas populares de que temos mais antiga noticia são as festas religiosas. Assim o referem crónicas do seculo XVI.

A fé e a superstição foram junto de todos os povos, selvagens, gentios, barbaros e civilisados, a razão mais forte e a origem das suas diversões. Escusado é nomea-los: desde os hebreus até os nossos dias, a Historia prova como o povo é ingenuo na sua crença, cego na sua idolatria, e sempre escolheu como objecto das suas principais festas um motivo da sua fé.

O povo pode não distingnir entre a realidade e a legenda, mas basta-lhe a necessidade de crêr para informar em si a devoção e praticar colectivamente o voto.

A oração e a promessa são os maiores agentes colectivos da massa popular.

Por todos estes factores e pela indole e caracter essenciais dos primitivos colonisadores da Madeira, as festas populares de que ha mais segura e remota tradição, são as romarias e os arraiais religiosos. Daquelas, segundo Gaspar Frutuoso nas *Saudades da Terra*, parece ser mais antiga a de Nossa Senhora do Faial. «Pelo seu dia, que vem á outo de Setembro, se ajuntão de romagem de toda a ilha, passante de outo mil almas, onde se vê huma rica feira de mantimentos de muita carne de porco, vaca e chibarro, a qual he huma estremada carne de gostosa naquela ilha, ainda que em outras minhas terras, e ilhas seja a peior de todas. Ali se ajuntão muitos cabritos e fructas, e outras cousas de comer, para os romeiros comprarem, os quais muitas vezes se deixão estar dous, tres, e mais dias em Nossa Senhora, descansando do trabalho do caminho, porque vem de dez, e doze legoas por terra mui fragosa, e juntos fazem muitas festas de comedias, danças, e muzicas de muitos instrumentos de violas, guitarras, frautas, rabis, e gaitas de fole; e pelas faldas das ribeiras, que tem grandes campos, no dia de Nossa Senhora e em seu outavario, se alojam os romeiros em diversos magotes, fazendo grandes fogueiras entre aquelas serranias. Dizem que ali apareceo Nossa Senhora onde tem a igreja.»

Além desta romaria, que ainda existe na tradição popular, conservando intactos os seus costumes immemoriais, outras novas crieu o povo, onde a sua fé se robustece dia a dia, com a crença dum milagre ou o sentimento duma lenda, e o numero de forasteiros aumenta de ano para ano. As mais concorridas são: Nossa Senhora do Monte no Funchal, Bom Jesus da Ponta Delgada, Senhor dos Milagres em Machico, S. Pedro na Ribeira Brava, Senhora do Loreto no Arco da Calheta, Santa Maria Madalena no Porto do Moniz, Espirito Santo na Camacha, Santo Antonio no Santo da Serra, S. Braz em Santa Cruz, Senhora do Livramento no Caniço e no Curral, Senhora do Rosario em S. Vicente, e Senhora da Piedade no Caniçal.

Todas estas romarias têm o mesmo caracter religioso que a de Nossa Senhora do Faial: o objecto é o milagre, o motivo é a promessa; e o mesmo caracter profano que aquela têm. Distingue-se, porém, cada uma delas por um cunho especial de atracção para os romeiros, tirado do seu motivo religioso geral, condições topográficas ou caracter profano particular. Em Ponta Delgada, Monte e Arco da Calheta são as promessas, em Machico e Santa Cruz as procissões na vespera de velas a arder, no Caniço rozarios de pêras passadas, na Ribeira Brava o imperio das oferendas e a barquinha do pescador, no Caniçal a procissão de barcos, na Camacha, S. Vicente, Porto do Moniz e Curral, a liberdade do campo e a rusticidade do logar.

Tem, além disso, cada freguezia o arraial do seu patrono ou orago que são as festas de maior brilhantismo e devoção no norte; no sul não revestem tanto esplendor as festividades do orago, são mais pomposas as solemnidades do S.S.^{mo} Sacramento, Espirito Santo e Vera Cruz.

A's romarias concorrem peregrinos de quasi todas as localidades aos grupos de dezenas, com cestas de vime ou farneis cheios de merendas para a viagem e providos de bebidas em bexigas de porco, chifres ou cabaças, dançando homens e mulheres em todo o percurso ao som de gaitas, sanfonas, machetes, braguinhas, castanholas, pandeiros ou ferrinhos.

Nas danças, canções e instrumentos do nosso povo, temos bem definidas as influencias das raças estranhas que comnosco se cruzaram. O batuque dos negros repete-se no ritmo pulado e saltante ao som de apupos, guinchos e gritos com que os romeiros movimentam clamorosamente os arraiais; as canções monotonas e tristes, dum saudosismo amoroso, acordam impressões trovadorescas do lirismo provençal; e os instrumentos arabes ecoam vozes do deserto, clamando protestos de revolta contra as irreverentes mãos tangedouras.

Caracterizam-se os arraiais das principais romagens da Madeira pelo ajuntamento duma massa compacta e foliona de gente de todas as partes da ilha que aflue áqueles logares em manifestações de fé e piedade a cumprir votos, fazer promessas, tratar de negocios e procurar diversões. E' de costume e necessidade abaterem-se dezenas de rezes para a indispensavel *espetada* ao ar livre no binzeiro; improvisam-se barracas de louro para petiscos, cosinhados e bebidas; o vinho espuma cantante de barris encanteirados sobre muros; ha taboleiros de rebuçados, cavavas doces e bonecas de milho enfeitadas a penas coloridas de aves; os bazares tilintam campainhas e ronfenham gramofones; insidiam-

nos cirios de promessas á volta do templo; despicam-se ao desafio trovadores borrachos: na egreja destilha a bicha do osculo á imagem, da compra dos registos bentos e do toque no santo com raminhos de mangerico. No adro ha musica, arcos e bandeiras; o alecrim e a murta rescendem de pisados nos caminhos, estralejam os dedos das môças como castanholas, aos ranchos, batendo rodas do principio ao fim do arraial.

A dança mais caracteristicamente regional é a do bailado das camacheiras. Musica de motivo puramente madeirense só temos o *charamba* tocado no machete e no braguinha. Com estes dois berdões de romaria, geralmente estropiados, de mistura com outras rodas e modinhas, sem desenho coreografico aquelas e sem ritmo tecnico estas, o nosso povo faz sem fadiga os longos itonerarios das suas romagens, e atura sempre de pé os dois dias de pagode que essas verdadeiras ágapes pagãs costumam durar.

E' nestas fesras sobretudo, onde melhor se estuda a psicologia do povo madeirense, de feição tipicamente primitiva e estacionaria, e se descobre o elemento mourisco a superar á luz da tradição.

Afóra estas festas existem ainda outras de costumes inveteradas e de caracter mais profano que religioso, embora as confundam á mistura na sua ignorancia o povo: são as festas de S. Pedro, S. João e Santo Antonio, aquela com os folguedos e regatas no mar, e todas com fogueiras e sortilegios duma sugestionadora superstição.

São tambem muito tipicas as festas das tosquias do gado na Serra, sobresaindo entre todas, pelo numero de forasteiros, entusiasmo de arraial, quantidade de gado e inevitaveis desordens as do Paul da Serra que chegam a prolongar-se por mais de tres dias; por onde se vê que o caracter peculiar das festas populares da Madeira é o religioso-pagão, por influencia dos factores étnicos que formaram a nossa raça.

Daria um interessante estudo de analise psicologica a investição historica das festas populares da Madeira, mas não é trabalho que se possa compendiar num artigo de superficial observação, nem materia para tratar de pronto com os limitadissimos recursos bibliograficos de que dispõe sobre o assunto a Historia deste arquipelago.

5/XII/922.

EDUARDO C. N. PEREIRA.

Organisação Militar

Cada donatario na sua capitania era o chefe maior da sua gente de guerra e em redor das ilhas, nos logares imediatos ao mar, onde podia fazer-se um desembarque de canarios ou mouros, havia povoações governadas pelo principal morador com o nome de *capitão-cabo*, o qual dirigia a defesa e respondia da sua conduta ao donatario que, por sua vez, estava sob as ordens do grão mestre da Ordem de Cristo.

Os cargos desta milicia voluntaria eram da eleição dos respectivos donatarios, que acumulavam todas as jurisdições, a eles obedecendo directamente os fidalgos senhores das terras doadas de sesmaria, a estes os colonos subalternos e a multidão dos escravos.

Nas pequenas povoações da costa se defendiam os sesmeiros do ataque dos piratas barbarescos, intrincheirando-se em logar defensavel e lançando mão do calhau rolado, como a melhor arma de arremessar, suprindo a quasi ausencia de lanças, piques e arcabuzes.

No «regimento dos condeis» de D. Duarte é estatuido em algumas provincias que quem possuisse bens moveis ou de raiz no valor de 40 marcos de prata devia ter cavalo, recebendo bacinete de camal ou de baveira e cota e londel ou pratos ou solhas e avambraços; os que possuissem 32 marcos, eram obrigados a ter cavalo e não armas; os que possuissem 24 marcos deviam ter besta de guarruncha e folhas e bacinete de camal ou de baveira e um cento de virotões; e finalmente os de mais pequena contia a ter lança e dardo ou escudo. No Algarve donde nos veiu o nucleo da população, os aconteamentos eram reduzidos a metade e talvez assim nos regulassemos.

O certo é que a gente de guerra da Madeira reforçou e prestou auxilio á armada portugueza que veiu limpar estes mares, merecendo o agradecimento de D. Duarte em carta regia datada de 1433.

Nas justas, jogos de canas e escaramuças que pelas festas se organisavam, era tal o luzido cortejo de cavaleiros que acorriam, que *mais parecia preparativo de guerra* que *folgar de festa*.

E muitas vezes a meio dos folgares, davam sinal os facheiros nos montes que vélas inimigas estavam á vista, os sinos tangiam a rebate e todos de pronto tomavam o logar determinado na defeza da costa.

Sabendo os inimigos que Zarco era morto, vieram com muitas vélas e gente contra o Funchal. Não havia então artilharia mais

que um trabuco e com ele carregado aos hombros, o segundo donatario fazia pontaria e mandava aos seus que lhe puzéssem fogo. Acudindo a todos os pontos, animando sempre a sua gente, tal estrago fez nas embarcações dos inimigos, que nenhum ousou pôr o pé em terra, assim se expressou o cronista da «Noticia das Coisas da Ilha».

O mesmo donatario soccorre depois a Ilha do Porto Santo; preparando á pressa embarcações, mete-lhes gente, besteiros e espingardeiros e salva assim a vila Baleira dos horrores do saque.

Consolidada a defesa das ilhas da Madeira e Porto Santo, o genio aventureiro da raça se abalança a conquistas. Na Madeira se organisa uma armada que vai em busca duma ilha que deve demorar a oeste dela, avistada por Gonçalo Fernandes Tavira á sua volta do Rio Ouro. Da Madeira parte a expedição de Rui Gonçalves da Camara, 2.º filho de Zarco, á procura das ilhas proximas a Cabo Verde. Uma expedição se organisa á custa de quatro moradores dos mais ricos da Ilha para se fazerem á costa de Guiné.

Arguim, Arzila, Castelo Real, Magador, Mazagão, Azamor e Safi falam bem alto do prestigio madeirense, e a Madeira é a nova Cartago acudindo pressurosa a todas as praças de Africa, de cujos serviços lhe ficam subordinados a praça de Safi e o castello de Arguim, no tempo do donatario Simão Gonsalves, o Magnifico.

Para a defeza da Madeira vieram em 1515 «seis bombeiros ou bombardeiros com seus ordenados taxados e ordinarios de pão e vinho» destinados ao manejo de pezada artilharia e dirigidos por um condestavel, sendo quasi todos de origem estrangeira e com alvará de filhamento para poderem exercer este oficio.

As ordenanças foram estabelecidas na Madeira em 1559, sendo formadas esquadras de 40 a 70 individuos, conforme as povoações, comandadas por um cabo, pessoa da mesma terra que formava barreira aos domingos e os instruia sobre o manejo dos arcabuzes, béstas e lanças. Cada 4 esquadras formava uma companhia dirigida por um capitão que fazia alarde nas oitavas do Natal, Pascoa e Espirito Santo. Superintendia no serviço das ordenanças um sargento mór que ensinava aos capitães a maneira de ter em ordem as coisas da guerra. Recebia o cabo 5 cruzados anuais, o capitão 10 e o sargento mór 12.

Foi creado tambem em 1567 um sistema militar de defesa do litoral, a que se deu o nome de «vigias», afim de dar prontamente o alarme de corsarios ou inimigos, sendo-lhe dado regimento, isto é, instituição especial, completando a antiga organisação dos facaeiros que guarneciam os picos sobranceiros á costa maritima.

Durante o dominio filipino foi a Madeira ocupada por uma força castelhana chamada do «presidio», composta de quatro companhias de confiança sujeitas a um comandante com autoridade independente da do governador português que superintendia nas ordenanças e vigias.

Com o estabelecimento das tropas pagas, na Restauração, foi organisada a companhia de S. Lourenço e uma instrução intensiva receberam as tropas de 2.ª linha, dando a Madeira contingentes para as fronteiras do Alemtejo e um terço para o Brazil (600 a 800 homens).

Em 1661 foi criada uma companhia auxiliar de forasteiros, composta de voluntarios estrangeiros, a maior parte inglezes residindo nesta ilha, e em 1698 organisou-se uma companhia nacional de artilharia para reforço da guarnição dos fortes.

Em 1707 remodelaram-se as ordenanças que deram socorro a Angola, e em 1778 nasceram os terços auxiliares com sédes no Funchal, Calheta e S. Vicente, sendo em 1796 convertidos em regimentos de milicias.

De 1801-02 e 1807-14 esteve a Madeira guarnecida por tropas inglezas que retiraram depois da Paz Geral, ficando a defeza confiada ao corpo de artilharia auxiliar que chegou a ter catorze companhias, uma das quais tinha aquartelamento na Ilha do Porto Santo. Os auxiliares eram conhecidos pelo nome de *papoilas* por usarem uma borla vermelha erecta á frente das barretinas. Este corpo foi dissolvido em 1868.

Diferentes contingentes de tropas continentais vieram de Portugal destacados para a Madeira, sendo depois do recrutamento regional criado o batalhão de caçadores 12, transformado na organisação de 1899, no regimento de Infantaria 27.

A guarnição dos fortes está confiada á bateria n.º 3 de artilharia de campanha, com séde na fortaleza de S. Tiago.

Industria Sacarina

Foi pelos anos de 1425 que a cana sacarina foi introduzida no Madeira, tendo as primeiras estacas desta especie que, segundo se diz, vieram da Sicilia, por ordem do infante D. Henrique, sido plantadas no Campo do Duque, que era a parte da cidade do Funchal onde estão hoje a Sé Catedral e o seu adro e terreiro, o largo da Sé, a rua do Capitão-tenente Carvalho de Araujo, o largo do Comercio e parte da Avenida do Dr.

Manuel de Arriaga. Do Funchal passou a cana a Machico, e ai prosperou a sua cultura de tal modo, que logo produziu treze arrobas de açucar, o qual foi do primeiro vendido na ilha.

A cultura da cana e a industria sacarina prosperaram e desenvolveram-se na Madeira até o meado do seculo XVI, em que esta ilha chegou a produzir 300.000 arrobas de açuçar, mas em 1590, quando Frutuoso escreveu as *Saudades da Terra*, já a mesma industria tendia a decair, mercê da affluencia aos mercados europeus do açucar do Brasil e das colonias espanholas, se bem que houvesse ainda aqui valiosas plantações daquela graminea.

Para conjurar a crise que principiava a manifestar-se, solicitou e obteve a Camara do Funchal em 1598, um alvará para que nenhum navio podesse carregar aqui açucar de outras paragens, mas esta medida nenhuns beneficios trouxe á ilha, como tambem os não trouxe um contrato celebrado em 1608 entre os moradores da cidade e a mesma Camara, para que se não vendesse a estrangeiros açucar importado do Brasil, senão depois destes terem feito o terço dos seus carregamentos com açucar da terra.

«Por um alvará de 1649, diz o dr. Alvaro de Azevedo nas notas ás *Saudades da Terra*, foram promettidos premios e emprestimos aos que refizessem os antigos engenhos, já então em ruinas, ou que levantassem outros novos; porém a industria sacarina na ilha da Madeira, ficára ferida de morte, desde que, pelos fins do seculo XVI em diante, o açucar americano veiu surtir os mercados europeus por preços com que ela não podia rivalisar. De feito a concorrencia tornava-se-lhe impossivel, já porque a America se fecundava pelo quasi gratuito trabalho do escravo, emquanto a Madeira, na maxima parte, pelo do colono livre; já porque na America, a terra, a cultura, o fabrico e talvez o capital tambem, constituiam um interesse, uma força, uma empreza identica, e aqui não: a heterogenea dualidade *senhorio* e *colono*, ou *morgado* e *villão*, por tempos adormecida em suas reciprocas invejas, á sombra da opulencia a que não dera impulso, acordou destruidora de si propria, logo que á segúre da adversidade, a arvore protectora lascou e caiu.»

O illustre anotador das *Saudades da Terra* aponta o ano de 1748 como demarcando o termo do periodo sacarino nesta ilha; deve-se notar, porém, que foi sómente a industria da manipulação dos açucares que desappareceu por então quasi inteiramente, pois que a cultura na cana, essa continuou a manter-se, embora em muito menor escala que anteriormente.

«A Madeira, diz ainda o dr. Azevedo, ficou do meado do seculo XVIII em diante, reduzida a mera consumidora do açucar americano, com o qual mantinha a *confeitaria*, que, bem se pode dizer, aqui foi elevada, desde o seculo XVI, a verdadeira arte e valiosa industria de exportação, como se mostra dalguns diplomas... e de diversos trechos das *Saudades da Terra*, especialmente o que diz que o capitão Simão Gonçalves da Camara mandou a Roma visitar o Papa com um grande serviço... maitos brinces e mimos da ilha de conservas, e o Sacro Palacio, todo feito de açucar, e os cardeais todos feitos de alfenim... da estatura de um homem.»

Poucos engenhos existiam na ilha em 1730, e em 1736, 1739, 1741, 1748 e 1765, foram solicitados alvarás para a importação de açucar do Brasil.

Bowdich, que esteve na Madeira em 1823, diz que se fabricava aqui uma quantidade insignificante de açucar, e o autôr dos *Rambles in Madeira*, que nos visitou em 1826, refere quasi a mesma cousa ácêrca deste produto, acrescentando que havia então em toda a ilha um unico engenho de espremer cana dôce.

Em 1827, refere um jornal da época, havia na Madeira mais outro engenho destinado ao mesmo fim, mas vinte e cinco anos mais tarde, já o numero desses estabelecimentos subia a quatro, todos movidos pela força de bois, segundo atesta Harcourt na sua *Sketch of Madeira*.

«O fabrico do açucar e da aguardente, refere o dr. Azevedo, ressuscitaram quasi immediatamente á destruição dos vinhedos de 1846 para 1852.»

De 1847 a 1861 foram montados dezanove estabelecimentos em toda a ilha, todos para o fabrico de aguardante, tendo vindo depois as fabricas de açucar, as mais antigas das quais foram as de W. Hinton & Sons, a de Ferraz Irmãos e a de Ferreira Nogueira, que começaram a funcionar em 1856, as duas primeiras no Funchal e a ultima em S. Martinho. Muitas fabricas de açucar produziam tambem aguardente.

ARQUIVO DISTR... FUNC...

Em 1865 produziu a Madeira 14.688:043 quilogramas de cana, de que deveriam resultar 84:918,98 heetolitros de garapa, representando um capital de 175:039$550 reis, e entre 1870 a 1873 regulava a produção do açucar na ilha entre 800 a 900 mil quilogramas anualmente,

A cultura sacarina manteve-se florescente na Madeira até 1881, mas em 1882, uma molestia até então completamente desconhecida na ilha, começou a atacar os canaviais, acabando por destrui-los quasi completamente em 1884, 1885 e 1886.

Foi a cana *Bourbon*, importada de Caiena nos principios do seculo XIX e de Cabo Verde no meado do mesmo seculo, a casta destruida por essa molestia, mas a introdução desde 1883 de castas novas e seleccionadas vindas da Mauricia e de outros paises, permitiu a rapida reconstituição dos canaviais, os quais já em 1890 se achavam espalhados por quasi toda a região-baixa da ilha,

havendo mesmo uma casta, a *bambú*, que se tinha reconhecido poder ser cultivada em altitudes onde antes não chegara nunca a cana sacarina.

As castas que vieram substituir a cana *Bourbon* estão agora extintas na ilha, sendo os modernos canaviais madeirenses constituidos quasi exclusivamente pela cana *Yuba*, importada do Natal por 1897. Esta cana tem uma vitalidade superior á de qualquer das outras castas, levando-lhes tambem vantagem na produção, o que é devido á abundancia dos seus colmos. O rendimento médio por hectare que noutros tempos era de 20, 25 e 30.000 quilogramas, atinge agora 30, 35 e 40.000 quilogramas, correspondendo sempre as maiores produções ás terras eminentemente proprias para a cultura da cana e convenientemente fertilizadas por meio do estrumes e adubos quimicos.

Diziam os antigos proprietarios de fabricas que 100 quilogramas de cana *Bourbon* produziam 7 a 10 quilogramas de açucar: hoje sabe-se que a percentagem média da cana *Yuba*, em açucar, é de 10 e 12 por cento, devendo atribuir-se este acrescimo não á melhor qualidade da materia prima, mas á grande perfeição dos maquinismos empregados na extracção daquele produto. Está calculado que 30 quilogramas de cana produzem em média 2 litros de aguardente.

A Madeira produziu 648.500 quilogramas de açucar em 1898, 1.823:350 em 1908, 4.161:550 em 1912 e 4.943:675 em 1916, ao passo que a produção de aguardente que antes de1911 regulava por 1.200:000 litros, não falando nas aguardentes de bagaço, desceu em 1911 a 700.000 litros, para subir a 1.098.175 em 1916 e a 1.162.398 em 1917.

Das 51 fabricas ou engenhos que laboraram emquanto vigorou o regime sacarino estabelecido pela lei de 24 de Novembro de 1904 e decreto de 11 de Março de 1911, 49 só distilavam aguardente a 26° Cartier, destinada toda ao consumo publico na Madeira, tendo estado a cargo das duas restantes, as unicas matriculadas, o fabrico do açucar e o alcool a 40° destinado ao tratamento dos vinhos. Das referidas fabricas a mais notavel é a do Torreão, podendo mesmo dizer-se que é o mais importante estabelecimento industrial do distrito do Funchal, e no seu genero, um dos mais perfeitos de todo o mundo, visto o seu podêr de laboração atingir 500 toneladas de cana em vinte e quatro horas.

As leis de 4 de Fevereiro de 1876, 18 de Maio de 1881 e 22 de Março de 1886 isentaram do pagamento de direitos, as duas primeiras durante cinco anos e a ultima durante tres anos, o açucar madeirense importado em Portugal e nos Açores, mas o verdadeiro proteccionismo sacarino só se iniciou com a publicação do decreto de 30 de Dezembro de 1895 ou, melhor, da mencionada lei de 24 de Novembro de 1904, que instituiu tambem em monopolio a industria do açucar e do alcool na Madeira, subrogando o exercicio dela nos fabricantes matriculados W. Hinton e José Julio de Lemos.

O decreto de 11 de Março de 1911, publicado pouco depois da proclamação da Republica, manteve o monopolio sacarino estabelecido em 1904, mas o decreto de 2 de Maio de 1919 extinguiu-o, tendo-se dado com este ultimo diploma o caso de não agradar nem á industria nem á agricultura, por contar certas disposições que parecem destinadas a aniquilar a cultura da cana na ilha.

Esta cultura que ocupava a superficie de 1000 hectares em 1906, de 1100 hectares em 1911, de 1800 hectares em 1915 e de 1500 hectares em 1918, sofreu uma redução de 1920 para cá, podendo mesmo vir a desaparecer num futuro mais ou menos proximo, a não se lhe acudir com providencias protectoras.

Ha maneiras de proteger a nossa cultura e a nossa industria sacarinas sem recorrer ao monopolio, e uma delas é declarar livre de direitos de exportação na Madeira e de importação no continente, isto durante um praso bastante longo e susceptivel de ser prorogado, todo o açucar considerado desnecessario para o consumo no arquipelago.

REGIONALISMO

A Autonomia da Madeira

Ha quinhentos anos as Caravélas do Infante entregaram ás penedias da Ilha, os primeiros povoadores. Gente portuguêsa, o seu sangue e o seu génio transmitiram-se de geração em geração sem mistura sensivel. Os actuaes habitantes da Madeira são portuguêses, portuguêsa é a sua lingua, portuguêses são os seus costumes. Por cá passaram hespanhoes e inglezes, continuas caravanas de nómadas do cosmopolitismo, e a larga porta da emigração espalhou pelo mundo colónias de naturaes cujo numero d'almas deve ascen-

der presentemente a bem um milhão. Todavia, a natureza étnica deste povo permanece inalteravel. A fixidez dos caracteres especificos, antropologicos e psicologicos, resistu a todos os contactos, a todas as misturas, a todas as infiltrações. Em quinhentos anos a arvore genealogica dos primeiros povoadores desenvolveu-se em linha recta. Os madeirenses não podem renegar a Patria pela razão natural de não poderem negar a Raça.

Madeirenses e inglezes, madeirenses e americanos, são elementos que se repélem. Não é só o facto do sangue que impéde essa união fantasiada, essa osmóse repugnante de raças diferentes, mas uma civilisação secular com raizes profundas na vida e na historia.

Nestas circunstancias, é tão impossivel o separatismo ou independencia como uma substituição ou troca de bandeira nacional.

Autonomia, quer dizer descentralisação, ou melhor, desconcentração politica e administrativa, apenas. Isto significa que á sombra da bandeira de todos os portugueses se levantará a bandeira regional, particular dos madeirenses, com seu escudo e brazão d'armas.

Não é um grito de revolta, mas simples petição de justiça. Adquirimos direitos, exigimos que os reconheçam e nos garantam o seu livre gôso e exercicio.

Esses direitos,—e aqui está porque a nossa voz sôa a quebrado,—colidem de certo modo com os principios da democracia pura. E digo de certo modo, porque o sistema politico, dito democratico, que nos régе, é manifestamente hibrido. Em bôa democracia a centralisação é a regra. Todas as funcções se concentram nas mãos do Estado. A Nação resume-se numa abstrata consciencia colativa que se define pela lei do numero que, por sua vez, se concretiza nos poderes legislativo e executivo. Uma republica individualista e egualitaria, como parece ser a nossa, só aberrativamente comporta uma administração diferenciada e fraccionada por autonomias locaes. O Estado divide o Paiz em provincias, distritos, concelhos e freguezias. Administrativamente a provincia nada significa, é uma designação que ficou dos velhos tempos que se conserva em atenção á historia. As restantes divisões são arbitrarias. Criou-as o Estado para escalonar e facilitar a sua administração. A sua base é o cadastro populacional. O Estado define-as e limita-as pelo numero de habitantes, de contribuintes e d'eleitores. Por cada uma distribúe um numero certo de funcionarios que o representam e executam serviços em seu nome. Tudo isto é uniforme e puramente mechanico.

As camaras municipaes gosam hoje duma tenue autonomia que se traduz na consignação dum minimo e dum maximo de faculdades que se exercem no todo ou em parte conforme as necessidades locaes, criterio e vontade dos vereadores. Mas o seu estatuto é o mesmo para todas. O mesmo acontece com as Juntas Geraes, á excéção das das Ilhas a que foram dadas atribuições especiaes. Em tudo isto não se verifica a livre iniciativa ou a auto-determinação politica-administrativa, condicionadas, que, a meu ver, deve ser a essencial caracteristica definidora da autonomia.

O hibridismo do regimen reside na incompleta equação entre os principios e a pratica. A uma republica individualista e egualitaria deveria repugnar a exeéção e a diferenciação. Todavia, inumeros exemplos podem apontar-se do contrario, a começar no sufragio que é restrito, o mais restrito possivel, apenas extensivo aos dez ou quinze por cento da população masculina tida por saber lêr e escrever, e a acabar nos novos cavaleiros da Ordem de Cristo. Nem é preciso recordar a situação criada á Egreja Catholica, e, muito menos, a fenix dos tribunaes especiaes. Sob o ponto de vista administrativo, olhe-se para as Colonias. Quão longe estamos d'aquella voz de puritano que num dos ultimos parlamentos da monarquia bradava:—percam-se as colonias, mas salvem-se os principios!...

Não vem a preposito discutir se a republica neste andar de mala-posta aos solavancos para a esquerda e para a direita, corre bom caminho. O que importa, é constatar que este regimen politico em que se vive, deante do facto consumado ou inevitavel, põe de parte os principios para atender á realidade. Esta nossa democracia, mau grado as aparencias, é um regime de bem facil acomodação ás necessidades e idéas novas dos novos tempos. O regimen, á medida que se afasta do 5 d'outubro, (reprodução seródia de 89), mais se aproxima do século XX. E ainda bem.

Posto isto, podêmos esperar que sejam satisfeitas as nossas reivindicações sem duras resistencias por parte do Governo e do Congresso da Republica. Basta que todos os madeirenses queiram!

E todos os madeirenses hão-de querer quando tivérem uma consciencia esclarecida e forte dos seus direitos.

Mas não se póde querer, sem crêr. A fé transporta montanhas! E' preciso, pois, que este sentimento tenha a violencia da vára de Moysés batendo na rocha. O milagre virá depois.

Quaes são, porem, os nossos direitos?

Tem-se dito:—são os da maioridade. São, portanto, aqueles direitos definidos e comprendidos na capacidade de regermos a nossa pessôa e bens, ou seja a auto-administração da nossa pessôa e bens. Mas porque se trata duma pessoa colétiva, duma pessôa moral chamada de direito publico, esses direitos são determinados e limitados pela sua natureza e fins.

Dar autonomia á Madeira, é constitui-la em unidade politica e administrativa. E' ou-

torgar-lhe a carta constituicional dos seus direitos politicos e publicos, compativeis com os direitos de soberania nacional e em bases conformes com as condições d'existencia do agregado regional. E' reconhecer que a Madeira pela sua situação geográfica, pela qualidade e numero das suas relações com o mundo, pelos usos e costumes do seu povo, pelo grau do seu desenvolvimento moral, intelectual, agricola, industrial e comercial, adquiriu uma ficionumia propria e especiaes interesses colétivos proprios, que a individualizam como Região e como agregado social. D'aqui surge a necessidade duma diferenciação nos processos politicos e administrativos a aplicar-lhe.

Para que a autonomia que se pretende dar á Madeira corresponda a uma verdadeira carta d'alforria, tem il'assentar nestas ou semelhantes bases:

1.—**Função representativa:** desempenhada por um governador civil que não seja exclusivamente um *alter-ego* do Ministro do Interior, mas apenas um representante do Estado.

2.—**Função governativa:** compreendendo um *Conselho Legislativo* e um *Conselho Executivo*. As atribuições do *Conselho Legislativo* são especiaes, restritas aos interesses puramente regionaes, quer publicos, quer privados. São-lhe interditas as questões de Soberania (formas de governo, exercito e relações exteriores), a função judicial, a instrução secundaria e superior. Eleição indiréta. *O Conselho Executivo*, saido do *Conselho Legislativo* por eleição, recolhe e administra as receitas, orçamenta e fiscalisa as despezas. Sob a sua direção estão todas as obras de fomento e instituições de assistencia distritaes (Junta Geral, Obras Publicas, Juntas autonomas, 9.ª Região Agricola, serviços de saude e azilos).

3.—**Função Administrativa:** Camaras Municipaes.

4.—**Função educativa:** Liberdade d'ensino. Instrução primaria a cargo dos municipios. Proteção ás escolas livres sob forma de prémios ás que melhores provas dérem no seu ensino. Escolas industriaes e profissionaes. Museus regionaes d'arte e historia natural.

5.—**Função judicial:** alteração no numero de comarcas e da sua jurisdição territorial de modo a evitar-se a ausencia de magistrados de carreira e a facilitar-lhes o accesso dos povos das varias freguesias da Ilha. Uma possivel criação dum tribunal de 2.ª instancia no Funchal. Um juiz de paz em cada concelho que desempenhe a mais as funções dos atuaes administradores.

6.—**Função d'Ordem Publica**: *Guarda Fiscal* e *Guarda Civil*, compreendendo esta uma Policia d'Investigação Criminal, uma Policia de Segurança Publica. Uma Policia rural e uma Policia Florestal.

7.—Sobre o produto bruto das receitas criadas e arrecadadas no arquipelago, será deduzida uma percentagem fixa para o Estado.

8.—A organisação administrativa e social fundar-se-ha na familia (restrição do divorcio e creação do *homestead*), parochia e municipio e associações de classe.

9.—*Religião*: a catolica reconhecida e protegida como sendo a tradicional e a unica capaz de produzir a unidade moral do agregado regional. Liberdade de culto, d'ensino religioso e assistencia religiosa.

Estas bases são lançadas sem preocupações scientificas, apenas na intenção de focar pontos de vista que me parecem fundamentaes quando se trata de elaborar o estatuto autonómico da Madeira. Outros aspectos ha a atender e os que ahi ficam demandam um estudo mais detido e uma explanação mais detalhada. Isso, porem, não cabe nos limites deste artigo destinado a suscitar ideas e a interpretar sentimentos que andam na consciencia publica ainda em estado incoerente.

Na base 2.ª falo num corpo legislativo. Esta função é importante e essencial. Basta atender-se ao que se está passando com as questões que mais interessam a nossa vida economica. E' já vasta a legislação especial aplicada unicamente á Madeira. O regime sacarino, o regime dos trigos e farinhas, o regime vinicola, etc. Mas ha ainda o regime dos bordados, das manteigas, do turismo, das obras e exploração do porto, afora as questões d'aguas, de colonia, de baldios, de florestas e outras sobre que nos temos de pronunciar criando formulas juridicas que satisfaçam as suas especiaes condições e os seus fins. E não nos digam que tudo isso nos póde vir por meio dum parlamento nacional! A mecanica e composição do Congresso da Republica obstam a que taes assuntos sejam resolvidos a nosso contento. O sistema parlamentar, entregue a patrulhas partidarias, pouco mais produz do que intriga politica. Os nossos interesses, as nossas necessidades não são atendidas, porque se não cura do seu estudo e porque os senhores deputados nos ignoram completamente, quando nos não desprezam. Ora nós, se queremos viver e progredir, temos de fugir á intriga politica e acomodar-nos dentro de formulas politicas e administrativas que nos permittam regular as questões regionaes por nós mesmos, livres da ação imoral de agenciadores de votos.

A base 7.ª consigna uma percentagem fixa das nossas receitas para o Estado. E' a inversa do que se dá presentemente. Mas assim é que deve ser. O produto do nosso trabalho, das nossas riquezas, deve ser aplicado em nosso proveito. O que não faz sentido é que se esteja a contribuir para as obras do Porto de Leixões, para o sorvedoiro dos bairros sociaes e de todas as Revoluções que a irrequieta gente da Capital queira fazer e alimentar.

M. Pestana Reis.

A Lenda de Machim

A poetica e emocionante lenda de Machim, com os seus lances de tragedia, tem sido cantada em prosa e verso por escritores nacionais e estrangeiros, comovendo a sensibilidade doentia dos que acreditam ou facilmente se deixam impressionar por essas narrativas amorosas. Depois do trabalho exaustivo do dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, aplicando ao *caso de Machim* toda a severidade da critica historica, a ninguem é licito admitir a possivel realidade daquela encantadora mas fantastica invenção. Desde o ano de 1563, em que Antonio Galvão no seu *Tratado dos Descobrimentos* deu pela primeira vez curso a esta lenda, até alguns escritores nossos contemporaneos, tem sido ela descrita com muitas variantes, revestindo, porém, uma forma mais interessante e atraente na III *Epanaphora* de D. Francisco Manuel de Melo, sobretudo pela beleza da dicção e pitoresco da narrativa. A versão mais conhecida é, no entretanto a de Gaspar Frutuoso, que essencialmente não difere da de D. Francisco de Melo. Vamos transcrever a ingenua descrição do historiador das ilhas, para não cometermos a falta de omitir nestas paginas a noticia da tão conhecida lenda de Roberto Machim e Ana de Arfet.

«No tempo d'El-Rey Dunrte de Inglaterra houve hum nobre inglez, afamado cavalleiro, a que chamavam de alcunha o Machim, o qual, por ter altos pensamentos e ser tambem de honrosos feitos, andava de amores com uma dama de alta linhage, a que chamavam Anna de Harfet. Prosseguindo elle com extremo seus amores, veyo ella tambem a amar muito a quem a amava: porque em fim o amor, se não for com amor, não tem igual paga; e, como este (como as cousas odoriferas) se não pode encobrir aonde está encerrado, com mostras e suspeitas que de si deram, foram descobertos os amantes, por se quererem ambos muito (que ainda ás vezes a prohibição de uma cousa he causa de mayor desejo della, e he isca de mayor incendio o querer alguem apagar o fogo amoroso, pois nossa natureza mais incita, e aspira ao que mais lhe he vedado). Como os senhores de alguns campos regadios no tempo das grandes enchentes fazem ás agoas grandes valos no principio donde vem para as lançar para outra differente parte, e os medicos para curar a pontada de hum lado, mandam sangrar do contrario; assi os parentes, cuidando deitar agoa no fogo, e não alcatrão, que arde nelle, como senhores do agro e medicos de sua amorosa infermidade, para devertir a corrente do amor, que a alagava, e apartar o sangue da contraria pontada, como fazendo contrarios valados e sangrias, com aprazimento d'El-Rey a casaram em Bristol com hum homem de alto estado. Machim foi disto mui lastimado e ella muito descontente, e, não tendo nenhum meyo á paixão e dôr destes extremos com que ambos se viram, mostrando com lagrimas ardentes a lastima deste casamento, acordaram com grande segredo fugirem para França, com quem Inglaterra então tinim grandes guerras. E fadaram-se Machim com alguns agravados e parentes, a quem descobrio seu peito e todo seu talento e thesouro (que tinha encerrado onde estava seu coração e amor), deram-se as fees, e juraram de hirem todos com elle para França. E para melhor pôrem em effeito esta partida, foram secretamente poucos a poucos ter a Bristol, onde estavam certas náos de mercadores carregadas para Espanha, determinados a meterem-se em huma dellas, e, por força, fazendo-se á vela, passarem-se a França, fazendo saber com todo secreto este seu acordo a Anna de Harfet, para vir ter com elles e fugirem. E, ordenado o dia que as náos estivessem despejadas da gente principal, hum dia de festa, sendo o mestre e mercadores em terra, e estando Anna de Harfet avisada, cavalgou o mais secretamente que houve em hum palafrem, e, levando um crucifixo e todas suas joyas de preço, deo comsigo no logar ordenado, onde a estavam já esperando com hum batel. Meteo-se nelle com o seu Machim, que com seus criados e amigos a recolheram, e levaram a huma das náos que tinham prestes, a qual fizeram á vela: e cortadas as amarras, recolheram o batel. Acertou porém, de ventar uma tormenta grande, revolvendo as ondas, como invejosas daquelle desenvolto amor, com que logo se afastaram da terra; e, como anouteceo, havendo conselho que poderiam sahir as outras náos atraz ella, porque haviam de emender que passavam a França, desviaram-se desse caminho, esperando de hir tomar as derradeiras partes de França em Gasconha, ou Espanha. E, como o pilôto e mestre ficaram em terra, e os que hiam na náo não sabiam tomar a terra nem a altura della, achando vento prospero, correram para onde os levava a ventura com todas as velas, por não os alcançarem; e em poucos dias se acharam em huma ponta de huma terra brava, toda coberta de arvoredo até o mar, de que ficaram espantados e confusos. Logo detraz da ponta viram uma enseada grande, e metendo-se nella, deitaram ancora, lançaram batel fóra, foram ver que terra era; e não podendo sahir emn a quebrança do mar, forom-se a huma rocha que estava no mar da banda do Nacente, onde sahiram bem á sua vontade, e dahi se foram á praya entre o arvoredo

e o mar, até darem em huma formosa ribeira de boa agoa, que por entre o arvoredo sahia ao mar, não achando animal nem bicho nenhum; porém acharam muitas aves, e viram o arvoredo tão grosso e espesso, que os poz em espanto. Entre outras arvores, acharam junto ao mar humu mui grande e grossa, que da antiguidade tinha hum oco no pee, onde entravam como huma casa. Tornando com esta nova á náo, o Machim e os companheiros, entendendo que era terra nova, pozeram em vontade de a pedirem aos Reys de Espanha, Anna de Harfet, como hia enjoada e mareada do mar, rogou ao Machim que a levasse a terra a ver aquella ribeira, e desmarear-se alguns dias do enjoo. Felo elle assi: mandou levar roupa e mantimento a terra, para estar ali alguns dias de vagar em quanto o tempo lho desse, levando comsigo alguns companheiros para estarem em sua companhia na terra, e outros hiam e vinham á náo; mas, como a fortuna corre em alguem, não lhe dá vagar de ropouso. A terceira noute depois que chegaram, levantou-se um vento tão forte sobre a terra, que a náo se desamarrou; os que dentro estavam ficaram á vela, sem poderem parar; seguiram por onde o vento os levava, e em poucos dias, dizem, que foram dar á costa da Berberia, onde foram captivos dos Mouros, e levados a Marrocos.

Quando amanheceo, e os que ficaram em terra não viram a náo, quedaram-se mui tristes, dando-se logo por perdidos e desesperados de mais poderem dali sahir. A dama de Machim de se ver ficar ali, pasmou, e nunca mais falou, e dahi a tres dias morreo. Machim, pelo muito que lhe queria, arrebentava; e, vendo-se desterrado de sua patria, e seu amor morto, que era todo o conforte de seu desterro, não lhe lembravam ja saudades da terra; só as tinha insofriveis da sua Anna de Harfet, que diante de si tão prestes via feita em terra. Com estas com que ficava, e com ardentes suspiros e lagrimas, a acompanhava ali: onde estavam agasalhados, a mandou enterrar, e poz-lhe huma cruz de páo á cabeceira, e uma mesa ou campa de pedra com o seu crucifixo sobre ella, e aos pees do crucifixo poz hum letreiro em latim, em que contava todo o seu tristissimo sucesso, e o que naquella viagem tão sem ventura lhe tinha acontecido, pedindo que, se algum tempo ali viessem christãos, fizessem naquelle logar huma igreja da invocação de Christo. Acabado o que, pedio aos companheiros que, com a roupa que tinham e aves que tomassem, se fossem aonde a ventura os guiasse, pois elle a não tivera de lhe viver sua amiga; e que queria ali ficar e morrer onde matára Anna de Harfet, e só com sua saudade acompanhando o corpo morto, pois ella o acompanhára vivendo. Os companheiros movidos de piedade, lhe diceram todos que o não haviam de deixar, e que ali haviam de morrer e ficar com elle. O Machim, que muito lhes agradeceo aquelle amor e mais lhes agradecêra sua crueldade, se só o deixaram, de dôr e paixão de sua amiga não durou mais de cinco dias. Os companheiros, que não com pouca saudade da sua companhia o enterraram junto da sua Anna de Harfet, pozeram-lhe outra cruz á cabeceira, e, deixando o mesmo crucifixo como Machim o pozera, e estas duas sepulturas naquella terra herma por tristissimo espectaculo saudoso e amoroso, meteram-se no batel em que vieram da náo (posto que outros querem que o fizessem do tronco da arvore, que grossa era e capaz de muitas pessoas), e indo ter á costa de Berberia, foram lá captivos dos Mouros e levados a Marrocos, onde já estavam tambem captivos os outros companheiros da náo, tão sem prazer e sem ventura. Estes breves, momentaneos, e custosos gostos tem as grandes e compridas esperanças do mundo, cujo costume, condição, e natureza sempre foi e será descarregar com mui pouco ou nada a quem pede muito».

O dr. Rodrigues de Azevedo, em algumas anotações das *Saudades da Terra* e num desenvolvido antigo do *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, ocupa-se com a maior largueza deste assunto, não sómente para mostrar a inteira falsidade das afirmativas dos que julgaram vêr na lenda uma verdade historica, mas ainda para revindicar para os portugueses a prioridade no descobrimento deste arquipelago. As afirmações do escritor britanico Richard Henry Major na sua monumental obra sobre o infante D. Henrique, tambem levaram o anotador das *Saudades* a esse estudo, pois a reconhecida autoridade do sabio inglês podia induzir em erros graves os que lessem o seu notavel livro ácérca dos nossos primeiros descobridores maritimos. Quem quiser ter um conhecimento mais aprofundado deste assunto ha de principalmente socorrer-se da interessante e erudita dissertação do dr. Azevedo inserta na nota v das *Saudades* (pag. 340-429) e no *Diccionario Universal Illustrado Portuguez* (vol. da letra M. pag. 190), e tambem pode consultar a *Historia de Portugal* (vol. II, pag. 230 e seg.), de Pinheiro Chagas, onde se encontram elogiosas referencias ao anotador das *Saudades*, «um sabio madeirense e um dos mais eruditos escritores que Portugal possui.»

A mais brilhante narrativa da lenda ou romance de Roberto Machim e Ana de Arfet é a de Rebelo da Silva, publicada no vol. IX do *Archivo Pittoresco*.

Industria Vinicola

Nenhum vinho pelas suas qualidades tonicas, pelo seu valor nutritivo, pelo seu sabor e sobretudo pelo seu aroma delicioso e raro, póde igualar-se ao genuino e bem tratado vinho da Madeira.

Isto, embora o pareça, nem é uma tése que se passe a demonstrar, nem um brado, solto, de epicurista entusiasta. E' o relembrar duma verdade, que, infelizmente, para a economia madeirense, parece ter-se esquecido ultimamente.

Ele é «o leite dos velhos», dizia um antigo e experimentado medico extrangeiro, celebrando-lhe as virtudes nutrientes e reconfortantes verificadas em longos anos de clinica. Receita-se vulgarmente o «Madeira» para certos estados pneumonicos, e está indicado nas debilidades e longas convalescenças.

O sabor do «boal» antigo, cheio de corpo, que apetece mashgar para bem dividi-lo e subdividi-lo em partículas gustativas, carece de termo excelente para sua comparação; e o aroma do «Malvasia» ou «Sercial», que o amador inglês deita ás gotas no lenço, ou esfrega demoradamente entre as mãos, vai além das requintadas essencias com que os perfumistas acariciam as pituitarias elegantes: lisongeia voluptuosamente o olfato, estimulando em acção reflexa as papilas ávidas da lingua.

*

Os primeiros vidonhos plantados em terra madeirense, foram enviados pelo infante D. Henrique, dizem uns, em seguida á descoberta, ou trazidos á ilha pelos mercadores italianos, como dizem outros, e bem bôas razões persuadem. Seja como fôr, a tradição indica no «Malvasia» o primeiro vinho desta região que gosou um renome universal.

O periodo da opulencia vinhateira corresponde, aqui, ao ultimo quartel do seculo XVIII e primeiro do seculo XIX, ainda que as grandes exportações começaram por 1660, tempo do casamento da infanta D. Catarina com Carlos II de Inglaterra. Os privilegios concedidos aos mercadores ingleses atraíram-nos á ilha, e foi a sua actividade comercial, nem sempre honesta pelo que respeita á pureza do produto, que deu á exportação do «Madeira» o mais proficuo e decidido impulso.

O nosso «Malvasia», comtudo, já era bem conhecido em França nos principios do seculo XVI, na côrte de Francisco I, e, pouco mais tarde, na Belgica e outros países da Europa. Neste mesmo seculo era êle enviado para as Indias, voltando o que não era colocado ali, beneficiado por tal forma que, mais tarde, o vinho da «Roda da India» constituia uma famosa preciosidade vendida a preços fabulosos. A viagem, a sua passagem lenta sob as altas temperaturas do Equador, «envelhecia-o» a tal ponto, que nenhum outro o podia exceder ou igualar.

Além das castas indicadas, havia, até 1852, época em que o *oidium-tuckery* invadiu os vinhedos madeirenses, outras sub-especies, tais como: o «Listrão», o «Alicante», «Barrete de padre», «Tarrantrez» e a «Isabella», especie americana que resistiu um pouco á *mangra* e ainda mais, ao filoxera, e que alguns falsamente supõem ser casta nova adaptada ao nosso sólo depois desta ultima doença.

O *oidium* ou *mangra* deu um golpe terrivel nos vinhedos desta ilha, determinando uma crise que levou á emigração para o Brasil e Indias ocidentais, grande parte da população dos nossos campos.

*

Em quasi toda a ilha, o terreno se presta para a cultura da vinha que, preferindo o sul e os campos baixos, meira, comtudo, no norte, em vastas plantações de «Jacquez», casta exotica que produz um vinho relativamente rico em grau, pela feliz adaptação ao nosso sólo.

Campanario, S. Gonçalo e, mais especialmente, Camara de Lobos e Estreito de Nossa Senhora da Graça são as regiões, por excelencia, dos vinhos generosos, onde o «Verdelho» aloira, assucarado, e a «Tinta» de sumo dôce e casca de tanino, ostenta o belo negro azul, chamado «Aza de corvo».

A phylloxera, aparecida, aqui, em 1872, deu o golpe de misericordia nas antigas cepas já abaladas pelo *oidium*, sendo raras as varas que dão hoje o fruto «de seu pé».

A enxerita sobre cavalos de «Jacquez», «Riparia», «Herbemont» e outras videiras resistentes é que salvou o vinho da Madeira, hoje só em temerosa luta com os parasitas da especulação e da falcatrua que torpemente o desvalorisam e imitam tanto dentro como fóra do país.

As terras menos alagadas, como é natural, são as que dão melhores vinhos. Nas propriedades mais bem cuidadas, o sólo é aberto, até á profundidade de dois metros; o hacelo, plantado fundo, alonga-se pelo gavião a procurar a humidade do sub-sólo, unica que lhe dissolve os elementos necessarios á sua nutrição. Para que a vinha se não

tente com a alimentação, facil de inverno, mas improficua no verão, das mais altas camadas de terreno, as raizes superiores, as «Pastadeiras», são cortadas, permitindo-se-lhe unicamente esse arduo trabalho de mineiro que ha de garantir-lhe, por longos anos, o sustento, e a produção dos seus saborosos e abundantes cachos de ouro.

Só no fim de três anos é que o bacelo dá colheita apreciavel. O seu tratamento não é muito trabalhoso: dá-se-lhe uma cava em janeiro, para arejar a terra, metendo-se-lhe adubos, entre os quais o tremoceiro e a giésta que fornecem á planta grandes quantidades de azote, ajudando a acção do ar. Essas cavas, ou «mantas», permitem o empoçamento da agua das chuvas e o seu escoamento profundo, na direcção do pé.

Duas enxofrações, uma «esfolha» depois da flôr «vingada», e outra, mais tarde, para melhor amadurecer o bago, é tudo quanto se concede de mais privativo á vinha. Indirectamente, recebe ela outros beneficios que visam ao desenvolvimento de certas culturas, horticolas, medrando sob as latadas durante o tempo em que a ausencia da folha permite á luz do sol chegar ao terreno agricoltado.

*

O mez de setembro é o reservado ás vindimas que vão, nalguimas regiões, ate mais de meados de outubro. Uma faina alegre se nota, então, nas localidades vinhateiras, durante todo o ano silenciosas e pacatas.

Fazer um «pé de vinho» num lagar, é coisa interessante para vêr-se. As «uvas lançadas dos «cestos de vindima» sobre o «lastro» são esmagadas sem esforço, pelos pés descalços de quatros valentes latagões que agarrados á «vara» do lagar vão, por um movimento de marcar passo, fazendo sair, abundantemente, o primeiro môsto. Depois de espremidos os cachos, é necessario despoja-los do sumo que ainda lhes resta, por meio de mais violentos processos. Aqui é que vai começar a imervir a «vará», funcionando de alavanca inter-resistente.

O bagaço é arrumado ao centro, «posto em pé», e enrolado, helitoidalmente, por uma corda, que dá ao todo o aspecto dum tronco de cone de largas bases. Sobre a base superior como diametro, e na direcção da «vara» assenta o «juiz», decidindo, pela justa colocação, da proficuidade dos esforços que o todo se prepara a suportar. E' em cima do «juiz» que se colocam sucessivamente, as taboas, os «malhaes», a «porca», os «leitões» e por ultimo o «cachaço», pedaços de madeira de grossura variavel, sendo este ultimo que recebe directamente a acção da «vara». O extremo livre desta grossa trave é atravessado pelo «fuso» que se prende inferiormente á pesada «pedra do lagar». Pondo-o em movimento de aperto, atarrachando-o, a pedra, que descançava no sólo, levanta-se e fica exercendo a desejada pressão sobre o bagaço. E' a chamada *impésa*.

O môsto corre, denso, pela bica para dentro da grande tina, deixando a superficie liquida recamada de volumosas bolhas iriadas.

Cessou de sair o mosto; mas naquela massa dura de cascas e «engaços» ainda ha vinho.

Para extraí-lo é que se torna necessario recorrer a um meio inda mais violento, mixto de trituração e de pressão.

Vai, pois, começar a «repisa», a parte mais interessante, ou melhor, mais curiosa de todo o trabalho do lagar.

*

Extraído o môsto, é ele conduzido em «borrachos» para a adega do vinicultor que o adquiriu ao vinhateiro, afim de aí sofrer o tratamento necessario para entrar no consumo interno ou ser exportado para a França, Suiça, Alemanha e principalmente para os mercados de Inglaterra.

O «borracho» consiste numa pele de cabra inteira, curtida, e voltada do avêsso. Um mês antes das vindimas, os «borracheiros» começam a preparar os seus odres, na verdade, bastante, originais.

A cabra é morta pelo ouvido, para se não golpear a mais pequena porção de tecido aproveitavel. Com o auxilio das mãos é o animal completamente descarnado, separando-se a pele até dos proprios membros que veem aderentes aos cascos. O corpo inteiro, retira-se pela abertura correspondente á bôca que fica, depois de limpa e preparada, constituindo a bôca do «borracho». Cortado o pelo, cosidos os orificios naturais do envolucro, voltado com a carnagem para fóra, cheio de ar, e esfregado a sal, é exposto á luz solar por muitos dias.

*

Dentro das pipas e toneis, nas adegas ou nos vastos armazens dos grandes exportadores, começa a fermentação, o desdobramento da glicose em alcool, a transformação do mosto em vinho.

Para que êle não fique extremamente sêco e conserve algum assucar natural, junta-se-lhe uma porção de alcool, variavel conforme os tipos a obter, sofrendo depois o liquido varias trasfegas e colagens pela clara de ovo, leite, barro, sangue de boi ou gomma de peixe, conforme as preferencias do tratador. O carvão de urze, pulverisado, ultima toda a purificação.

Para que o vinho «envelheça», rapido, e se neutralisem os micodermes determinantes das fermentações, submetem-n'o muita vez á acção da estufa de sol e, frequentemente ao calor do fogo. Assim se prepara a maior parte do destinado a embarque, menos apreciado do que o que adquire as cans, natural-

mente, sobre os dormentes, e por isso denominado «de canteiro».

Ah! mas é o carvão, esse abençoado absorvente, que nos faz esquecer, ao pôrmos nos labios o copo de Malvazia ou Sercial, que aquele licôr dos deuses, cordeal, aromatico, côr de topasio e transparente, teve origem dum liquido sanguineo e tôrvo, onde estiveram de môlho as plantas nodosas e gretadas de quatro matulões ébrios e lanzudos.

***

Os vinhos da Madeira foram conhecidos e estimados na Europa desde o meado do seculo XVI. A sua exportação não seria então muito grande, mas já gozavam de fama mundial e tinham alguns mercados europeus onde eram vendidos. No segundo e terceiro quartel do seculo XVII tornou-se maior essa exportação e sabemos que no ultimo quartel deste seculo havia no Funchal 26 ou 28 casas exportadoras de vinho, sendo 2ft estrangeiras, das quais 10 inglesas, e 6 ou 8 portuguesas. Durante o seculo XVIII tambem foi notavel o comercio de exportação de vinhos, que no fim deste seculo e no principio do seculo XIX se tornou muito grande com a remessa daquele produto para Inglaterra, quando este país, no periodo das guerras napoleonicas, não se podia abastecer aos portos europeus. Por essa ocasião todas as reservas de vinhos armazenados se esgotaram completamente, tendo então o seu preço atingido quantias fabulosas para a época, chegando-se a vender aquele produto a 400$000 reis cada pipa.

Nada se sabe de positivo com respeito ás exportações de vinho Madeira relativamente aos seculos XVI e XVII, e sómente com relação ao ultimo quartel do seculo XVIII se conhecem alguns dados.

De elementos coligidos em diferentes fontes, podemos dar uma aproximada relação das exportações de vinhos da Madeira nos seguintes periodos, em numeros redondos:

1770-1779	media	anual	7.000	pipas
1780-1789	«	«	11.000	«
1790-1799	«	«	14.000	«
1800-1809	«	«	15.000	«
1810-1819	«	«	11.000	«
1820-1829	«	«	10.000	«
1830-1839	«	«	8.000	«
1840-1849	«	«	7.000	«
1850-1852	«	«	6.000	«

A invasão, nos anos de 1852 e 1853, das vinhas pelo *oidium tukery*, que ficou conhecido entre nós pelo nome de *mangra*, destruiu quasi completamente as plantações viticolas, causando uma das mais tremendas crises por que tem passado este arquipelago. A producção e exportação naqueles e nos anos seguintes foi muito diminuta, como se vê nos seguintes numeros:

1853-1860	media	anual	2.000	pipas
1861-1869	«	«	700	«
1870-1879	«	«	2.000	«
1880-1888	«	«	3.500	«

A exportação tem aumentado bastante desde o ano de 1888 e a media nos ultimos anos computa-se em 15:000 pipas anuais.

Convem dizer aqui que a fama mundial de que goza o precioso vinho da Madeira começou a ser notavelmedte prejudicada no principio do seculo passado com o estabelecimento das estufas destinadas a imprimir rapidamente aos vinhos um *cachet* de velhice, que sómente os anos lhes podiam dar. Nos seculos XVII e XVIII, em que aquela fama mais se radicou e espalhou, não eram conhecidas as estufas, e a velhice, o sabor e o aroma dos nossos vinhos eram adquiridos por processos meramente naturais.

Como corroboração desta afirmativa, transcrevemos o seguinte trecho dum notavel estudo do conde de Canavial:

«E' pois, evidente que, tendo sido por 1794 que na Madeira se *começaram* a aquecer vinhos em *estufas* similhantes áquelas em que ainda hoje são expostos, durante mezes, a uma alta temperatura, quasi todos os vinhos que esta ilha exporta, não eram, não podiam ser vinhos *estufados* os que já no seculo XVI tinham tornado tão celebres os vinhos da Madeira; não o podiam ser os vinhos tão estimados inda no seculo XVII já eram aqui embarcados em tão larga escala; não o podiam ser os que, por meado do seculo XVIII, eram tão elogiados em Inglaterra pelos oficiais que tinham servido nas West Indias e na America; não o podiam mesmo ser nenhuns dos que sairam desta ilha no ultimo quarto do seculo passado, até 1794,—quando a actividade do nosso comercio de vinhos póde ser julgada pela exportação dos tres anos de 1788 a 1790, que foi 10:819 pipas em 1788, 11.762 pipas em 1789, e 13.713 em 1790; isto é, quando a Madeira embarcava mais vinho, anualmente, do que embarca actualmente, e do que embarcou em ano nenhum desde 1825.

Eram vinhos genuinos, dos chamados de *canteiro*, tão famosos pelo sabor, pela finura, pelo aroma. Eram vinhos *de roda*, desses que, tendo viajado por regiões tropicais, haviam adquirido mais depressa as excelentes qualidades por que eram tão apreciados».

Bispado e Arcebispado

A primeira diocese criada nos dominios das nossas conquistas e descobertas foi a do Funchal. A nossa sempre crescente expansão colonial e maritima desde os principios do seculo XV e o povoamento e exploração das terras descobertas, determinarom a instituição de varios bispados fóra da metrópole, tendo o arquipelago madeirense a primazia na criação duma dessas dioceses. Quando depois se criaram os bispados de Angra, Cabo Verde, S. Tomé e Gôa, foi o do Funchal elevado á categoria de arcebispado e ficou constituindo a séde duma provincia eclesiastica, tendo como sufragâneas aquelas dioceses.

O aumento continuo da população e a importancia que notavelmente foi adquirmdo o Funchal, deram motivo a que D. Afonso v elevasse esta povoação á categoria de vila, pelos anos de 1451, e depois D. Manuel lhe désse fóros de cidade, por alvará de 21 de Agosto de 1508.

Era tambem indispensavel regularisar a situação religiosa do arquipelago duma maneira mais satisfatoria, pois pertencendo a Madeira á Ordem de Cristo, que tinha a sua séde em Tomar, era a ela que cabia superintender nos assuntos de jurisdição eclesiastica, tendo para isso delegado no vigario de Nossa Senhora do Calhau a direcção de todas as questões religiosas nesta ilha. Impunha-se, pois a criação duma diocese autónoma, que tivesse á sua frente um prelado que pudesse exercer todos os actos do culto e superintender livremente em todos os negocios da disciplina eclesiastica. Assim o compreendeu o rei D. Manuel, e solicitando a criação da diocese funchalense, foi esta estabelecida pelo papa Leão x, por Bula de 12 de Junho de 1514, desligando o novo bispado da jurisdição do mestrado da Ordem de Cristo.

A paginas 568 das *Saudades da Terra* encontra-se o texto latino duma bula, que ali se diz ser a da criação desta diocese. Não é exacto. A bula *Pro excellenti preeminentia*, que com este titulo se acha citada em diversos logares, é que é o diploma pontificio que instituiu o bispado do Funchal. Vem integralmente transcrita a pag. 257 do vol. 1.º do *Corpo Diplomatico Portuguez*, dirigido por Rebelo da Silva e publicado em 1862, e já antes tinha sido inserta, ao menos parcialmente, em outras obras mais antigas. A publicação de Rebelo da Silva é copia directamente extraída da Torre do Tombo, cujo original ou registo autentico se encontra no Maço das Bulas, sob o n.º 34. Este documento, que é bastante extenso, foi ha anos traduzido em português pelo distinto professor do nosso liceu o padre Ricardo Augusto de Sequeira e publicado em alguns numeros do *Correio do Funchal*, do mês de Novembro de 1897.

No mesmo volume do *Corpo Diplomatico*, já citado, encontra-se a pag. 261 outra bula, que começa pelas palavras *Gratiae divinae premium*, dirigida ao rei D. Manuel, em que se faz a participação oficial da criação da diocese funchalense e da nomeação de D. Diogo Pinheiro para bispo dela. A que vem transcrita nas *Saudades da Terra* é dirigida aos fieis e clero da Madeira. Teem todas a data de 12 de Junho de 1514. No antigo Paço Episcopal do Funchal, encontrava-se emoldurado e pendente duma das paredes da sala principal do palacio, o pergaminho contendo o proprio original duma Bula referente á criação deste bispado, que julgamos ser a que se acha transcrita nas notas das *Saudades*.

Em 1533 foi estabelecido o primeiro arcebispado nos nossos dominios ultramarinos, dando-se-lhe como séde a cidade do Funchal e como bispados sufraganeos as dioceses de Angra, Cabo Verde, S. Tomé e Gôa, que foram criados naquele mesmo ano. Teve pouca duração o arcebispado do Funchal, pois que foi extinto em 1551, passando a sua séde para Gôa, a capital das nossas possessões coloniais no extremo oriente.

INSTRUÇÃO

Superior—A instrução superior teve representação neste arquipélago com a criação da Escola Medica Cirurgica no ano de 1837, sendo extinta pelo decreto de 11 de Novembro de 1910. Durante os 73 anos da sua existencia, habilitou esta escola cêrca de 250 medicos, que teem exercido livremente a clinica, e por vezes com verdadeiro brilho e notavel proficiencia, não só em todo o arquipélago madeirense, mas tambem em muitas localidades do continente portugdês, Açores e colonias ultramarinas e ainda mesmo em alguns paises estrangeiros.

Nalgumas freguesias da Madeira, já se

está fazendo sentir a falta de medicos, que em breve será grande, impondo-se, talvez, dentro dum periodo de tempo que não virá muito longe, a restauração da nossa antiga Escola Medica. Este estabelecimento de instrução deveria ter sido remodelado na sua organisação primitiva e no quadro das disciplinas ali preparadas, mas não extinto, como então o aconselhavam e hoje mais ainda o persuadem as necessidades e circunstancias especiais dos distritos insulares.

Especial—A instrução especial foi representada entre nós e ainda o é com o ensino da teologia no Seminario Diocesano, criado no ultimo quartel do seculo XVI, e tambem igual curso funcionou no convento de S. Francisco e no Colegio dos Jesuitas, para uso privativo das respectivas comunidades.

Em 1810 foi criado no Funchal uma aula de desenho e pintura, que funcionou durante alguns anos, havendo a Camara Municipal desta cidade mantido uma aula de desenho ha cêrca de 40 anos, que não teve larga duração. Em 1889 se estabeleceu no Funchal uma escola industrial, que hoje tem o nome de *Antonio Augusto d'Aguiar*. São importantes os serviços por ela prestados no nosso meio industrial e comercial, pois que, além dos cursos de desenho, nela funcionam as aulas de português, francês, arimética e geografia.

Por decreto de 10 de Maio de 1900 se estabeleceu no Funchal uma escola de habilitação para o magistério primario, sendo convertida em 1901 em escola normal e extinta em 1919. Neste mesmo ano foi transformada em Escola Primaria Superior e funciona ainda com esta nova organisação.

Adjunta á Capitania do porto desta cidade foi criada uma escola de pilotagem, que foi aberta em 1917 e que ainda funciona com um numero muito reduzido de alunos.

No primeiro quartel do seculo passado existiu no Funchal um curso de estudos militares, cuja organisação, funcionamento e tempo da sua existencia nos são inteiramente desconhecidos.

A cargo da Junta Geral do Distrito, funcionou, no edificio do antigo Seminario da Incarnação, desde 1913 a 1916, um estabelecimento de instrução destinado a raparigas, que tinha a denominação de *Escola de Utilidades e Belas Artes*.

Secundaria—As primeiras aulas de instrução secundaria de caracter publico, que houve entre nós foram as que os jesuitas estabeleceram no Colegio de São João Evangelista no ano de 1570 e que constavam de latim, filosofia, retórica e literatura. Acabaram com a expulsão daqueles religiosos no ano 1759. Em 1772 criaram-se nesta cidade as aulas de filosofia, latim, retórica e matematica e por 1825 as de francês e inglês.

Pelo decreto de 17 de Novembro de 1836 foi criado o liceu do Funchal, que começou a funcionar no mês de Outubro de 1837.

No Seminario Diocesano, estabeleceu o prelado D. Manuel Agostinho Barreto, em Outubro de 1877, um curso completo de aulas preparatorias, para uso privativo dos alunos do mesmo Seminario.

Primaria—A verdadeira instrução primaria oficial só começou neste arquipelago no ano de 1772 com a criação de seis escolas, sendo duas no Funchal, e uma nas vilas de Machico, Santa Cruz, Ponta do Sol e Calheta. Em 1821 existiam nesta cidade quatro escolas publicas, sendo depois da implantação do governo constitucional, que a instrução primaria começou a ter nesta ilha uma mais regular organisação.

No periodo decorrido de 1834 a 1848 criaram-se 33 escolas publicas, além das mais escolas particulares que existiam. De 1841 a 1846 estabeleceu a Camara do Funchal 9 escolas.

Em 1849 havia neste distrito 42 escolas oficiais e municipais, em 1853 elevava-se esse numero a 47 e em 1863 a 51. No anno de 1870 funcionavam 53 escolas e em 1883 esse numero era de 65. Em 1904 e 1918 existiam em todo o arquipelago, respectivamente 73 e 108 escolas.

ARQUIVO DISTRITAL FUNCHAL

Industria dos Bordados

Os estrangeiros que escreveram ácêrca da Madeira nos principios do segundo quartel do seculo XIX não se referem á industria dos bordados, o que parece significar que ou ela não existia a esse tempo ou não tinha ainda importancia alguma na ilha. Em 1850 apareceram alguns bordados madeirenses numa exposição industrial que se realisou no Funchal, mas só entre 1854 e 1856 é que esses trabalhos principiaram a ser feitos em larga escala na ilha, devido á procura que já então tinham nos mercados de Inglaterra, onde Miss Phelps os fizera conhecer por intermedio de algumas pessoas das suas relações. Depois de Miss Phelps apareceram os negociantes ingleses Roberto e Franck Wil-

kinson, que passaram a fazer em mais larga escala a exportação dos bordados madeirenses para a Inglaterra, e assim se foi progressivamente desenvolvendo uma industria para a qual as mulheres dos nossos campos revelavam uma decidida vocação, e que ha cêrca de 60 annos constituia já uma importante fonte de riqueza para a nossa ilha.

Em 1862, segundo se lê na *Estatistica Industrial do distrito do Funchal*, de Francisco de Paula de Campos e Oliveira, havia 1029 bordadeiras na Madeira, sendo a importancia da venda dos bordados em toda a ilha de uns 100 contos de reis insulanos e empregando-se diariamente nesses trabalhos perto de 15 quilogramas de linhas. Os bordados, lê-se ainda na mesma *Estatistica*, eram vendidos na sua maior parte aos estrangeiros, que os levavam nas suas bagagens, tendo os que eram exportados directamente pela Alfandega um valor não superior a 6 ou 7 contos de reis. O salario das bordadeiras regulava nessa época por 100 a 150 reis diurios.

Até 1878 progrediu sempre, segundo crêmos, a exportação dos bordados, que nesse ano foi calculada em 55.252$000 reis, mas em 1880 estava ela reduzida a 12.937$000 reis, em virtude dos bordados de luxo terem passado um tanto de moda na Inglaterra. Eram, porém, avultadas as somas que ficavam na ilha, provenientes da venda de bordados aos numerosos estrangeiros que nos visitavam, e era isso o que mantinha e animava uma industria que, se não dava grandes proventos ás mulheres que a exerciam, concorria de certo modo para melhorar a situação de muitas familias. O estabelecimento de Madame Counis, á Rua de João Tavira, era o que mais vendas fazia então em toda a cidade, encontrando-se ali trabalhos das mais variadas qualidades, desde os bordados brancos, de desenho simples, até os bordados em seda e os de tapeçaria de ponto singelo ou dobrado.

Foi ha cêrca de 30 anos que se estabeleceram no Funchal as primeiras casas alemãs exportadoras de bordados, com manifesta vantagem para uma industria que se mantivera estacionaria por largo tempo, devido á falta de mercados consumidores. Os nossos bordados que até então só eram bem conhecidos na Inglaterra, começaram a espalhar-se não só pela Alemanha, mas tambem pelos Estados Unidos da America e outros paises, resultando daqui um aumento consideravel na produção, sobremaneira benefico não só á economia rural, como á economia de todo o distrito. A importancia exigida para o pagamento da mão de obra em todo o arquipelago, que era de 200 contos em 1893, subiu a 461 contos em 1906, em virtude da maior exportação e das vendas dentro do Funchal terem aumentado de um modo consideravel, mercê da vinda ao nosso porto de maior numero de vapores com passageiros em transito.

O mapa seguinte, em que só figura o valor das exportações feitas pela Alfandega, dá uma ideia da importancia que teve para a Madeira a industria dos bordados no periodo que vai de 1900 a 1919:

1900	229:928$090
1901	213:957$270
1902	190:719$700
1903	98:868$340
1904	58:735$200
1905	99:690$760
1906	242:342$180
1907	277:530$240
1908	186:194$810
1909	257:599$400
1910	287:551$000
1911	188:560$000
1912	79:950$000
1913	143:009$000
1914	156:767$000
1915	201:052$000
1916	29:140$000
1917	702:695$000
1918	766:128$000
1919	615:057$000

Supõe-se que em 1906 havia em todo o distrito 30.000 bordadeiras rurais e 2.000 profissionais, ganhando as primeiras o salario medio de 70 reis e as segundas o de 200 reis. As casas que davam ocupação a estas operarias, não falando nalguns pequenos negociantes nacionais, eram em numero de 8, sendo 2 portuguesas e 6 alemãs, e a importancia destinada por elas ao pagamento da mão de obra regulava em todo o distrito por 461:000$000. Computando em 151:000$000 reis o que as mesmas casas dispendiam com ordenados a empregados, distribuição de tecidos e recebimento de obras feitas, e com varios outros encargos, chega-se á conclusão de que eram entregues anualmente á economia do distrito cerca de 596:000$000 reis, não falando claro está no que tambem ficava aqui proveniente da exportação.

Em fins de 1918 havia no Funchal 34 casas exportadoras de bordados, que dispendiam com mão de obra e ordenados a empregados cerca de 1.500 contos. Em 31 de dezembro de 1912, isto é, antes de começar a guerra, eram essas casas em numero de 19, e dispendiam com mão de obra cerca de 600 contos.

Em 30 de agosto de 1920 existiam nesta cidade 61 casa de bordados. Calcula-se que em 31 de dezembro de 1912 havia em todo o distrito 32.000 bordadeiras rurais e 2.500 profissionais e que em 31 de dezembro de 1914 estava o trabalho produzido por essas bordadeiras reduzido a metade, dada a crise que resultou da conflagração europeia.

A industria dos bordados está agora florescente na Madeira e nem parece resentir-se já dos prejuizos que sofreu quando a guerra europeia fechou os mercados alemães aos produtos da ilha. Os Estados Unidos são o

pais que importa maior quantidade de bordados madeirenses, e a Inglaterra apesar das restrições que estabeleceu para a importação dos artigos de luxo, continua a ser um importante mercado de consumo para os mesmos bordados. Muitas mulheres funchalenses vivem exclusivamente da industria dos bordados, e nos campos, os lucros que muitas operarias auferem da mesma industria, concorrem bastante para tornar mais desafogada a vida de muitas familias.

Para que se mantenha, porém, uma industria que tantos beneficios traz á grande maioria da população madeirense e é hoje a mais importante da ilha, necessario é que os seus produtos sejam de natureza a encontrar larga procura nos centros consumidores. Sacrificar a qualidade á quantidade como muitas vezes se tem feito em se tratando de satisfazer encomendas vindas do estrangeiro, é promover o descredito dos nossos bordados e provocar uma crise futura que trará incalculaveis prejuizos á vida economica da nossa terra.

SÉ CATEDRAL

Para a epoca e logar em que foi construida, a nossa Sé Catedral é indubitavelmente um magnifico e grandioso templo, não só debaixo do ponto de vista do seu estilo arquitéctonico, mas ainda por algumas obras de arte que ali se encontram e que teem despertado a admiração de muitos ilustres visitantes. Por tal motivo, está incluida no numero dos nossos monumentos nacionais.

Ao traçar-se o plano da sua construção, contava-se para breve com a criação da diocese, como na verdade veiu a acontecer, e portanto com a élevação dêste templo á categoria de Sé Catedral. Teem assim facil explicação as proporções que lhe deram e o aspecto de grandeza que se nota em todo o edificio. Para uma simples igreja paroquial e naquela época, era uma construção demasiadamente grandiosa, que as circunstancias ocorrentes de modo algum permitiam ou aconselhavam.

Ficaram para nós ignorados os nomes do arquitécto que traçou o plano desta obra e de qualquer outro artista que ali tivesse posto em relevo as manifestações do seu talento. Em todo o edificio não se encontra um nome, uma data, uma inicial, que nos dêem uma indicação proveitosa para qualquer pesquisa, que se pretendesse fazer ácêrca dos obreiros que ergueram aquele majestoso templo. Apenas se descobrem pequenas siglas nas pedras lavradas, que talvez serviram para indicar detalhes convencionais de construção, como era frequente em outros tempos nos edificios que levavam longos ânos a construir.

No manuscrito «Noticia das cousas da Ilha da Madeira desde o seu segundo descobrimento pelo Zargo» se diz que a nossa Sé se fez pelas medidas da igreja do Carmo em Lisboa, que, como se sabe, foi mandada levantar por Nuno Alvares Pereira. Este magnifico templo, que era um dos mais belos exemplares da arquitectura gótica em Portugal, foi destruido pelo terremoto de 1755, mas por uma gravura antiga, que Oliveira Martins reproduziu na sua obra sobre Nuno Alvares, se vê que a frontaria do edificio era muito diferente do frontispicio da Sé do Funchal, a não ser o portico em ogiva com as suas arquivoltas e tambem a rosacea com os seus ornatos bordados em pedra. Quanto ao interior, nada podemos dizer ácêrca da semelhança que porventura podesse existir entre os dois temptos, por não conhecermos nenhuma das crónicas antigas que se ocupam de Nuno Alvares e do convento do Carmo, onde certamente se encontrará a descrição da sua igreja.

O documento mais antigo que se conhece referente á construção da Sé é a carta de D. Manuel, então duque de Beja e grão-mestre da ordem de Cristo, datada de 5 de Novembro de 1485 e dirigida ao senado do Funchal, pela qual faz cedencia do Campo do Duque para nêle se levantar uma igreja e construir as casas da Câmara. Outras duas cartas do mesmo duque já então rei, de 1493 e de 1500, mandaram aplicar ás obras do novo templo as imposições do vinho e de outros produtos do municipio do Funchal.

Diz o dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo que em 1502 já as obras iam em andamento e que nêste ano se lhes mandou tambem aplicar as imposições do vinho dos municipios da Ponta do Sol e da Calheta, mas vemos em outras partes que os trabalhos de construção só começaram em 1508, por mandado de D. Manuel, quando este fez cidade a vila do Funchal.

Tambem ha discordancia quanto ao acabamento das obras principais do templo e da sua consagração. O anotador das *Saudades da Terra* dá a igreja por concluida em 1508 e diz que foi neste ano sagrada pelo bispo D. João Lobo, emquanto que Gaspar Frutuoso assinála o dia 18 de Outubro de 1516 como o da consagração e afirma que foi sagrante o bispo D. Duarte. Neste ponto, estamos com o autor e não com o anotador das *Saudades*, pois julgamos que o dr. Alvaro R. Azevedo labora em erro, como não seria dificil prova-lo, se isso não nos levasse muito longe. Bastará lembrar que ainda hoje se ce-

lebra na Sé a festa da sua sagração a 18 de Outubro, o que ininterruptamente se faz desde seculos e que sempre se considerou o ano de 1516 como aquele em que o bispo D. Duarte a consagrou.

Apesar do templo ter sido sagrado em 1516, os trabalhos para o seu total acabamento continuaram lentamente, e ainda por aleados do seculo 17.º se fizeram ali obras importantes, como sejam a sacristia actual e a capela-mór, que em nada se harmonisa com o estilo manuelino do resto do edificio e que tem o cunho do gosto decadente do seculo XVII.

Para mais ainda quebrar a harmonia do estilo primitivo, vieram as grandes reparações feitas após o terremoto de 1748, que ali produziu consideraveis estragos, como já os franceses em 1566 tinham tambem causado danos irreparaveis Nos fins do seculo XVIII, o conego Jdão Paulo fez reconstruir á sua custa alguns altares, que estavam em adiantada ruina e mandou tambem abrir as actuais janelas da fachada principal, que notavelmente contrastam com a porta ogival e com a rosacea do alto, tirando áquele frontispicio as puras linhas do estilo manuelino, que lhe eram peculiares.

E' em extremo pitoresca a descrição que Gaspar Frutuoso fez da Sé Catedral, em 1590, nos seguintes termos:

«. . . he uma igreja mui populosa, bem assombrada e fresca, e tem huma formosa torre muito alta de cantaria, com hum formoso corochco de azulejos, que quando lhe dá o rayo do sol parecem prata e ouro, em cima da qual está hum sino de relogio tão grande,que levará em sua concavidade trinta alqueires de trigo, e de tão soberbo e grande som, que se ouve de duas legoas, onde acode a gente a qualquer rebate de guerra, quando elle se tange. E mais abaixo na torre ha tres janellas, onde estão quinse sinos. O corpo da igreja, que está sujeito á torre, he grande, com o seu adro tambem espaçoso, e cercado em partes de muro, e com dez degráos, por onde snbem a elle; fura do qual tem hum campo tão grande que correm nelle touros e cavallos, jogão ás canas, e fazem outras festas. Está está igreja (que he da invocação de Nossa Senhora da Estrella) arrumada de Leste a Oeste, com a porta principal para o Ponente, e as duas portas travessas de Norte a Sul. Estão guarnecidos os altares (que são nove) de ouro e azul, com tres ricas capellas, onde tem o côro do arco para dentro, com seus assentos custosos e bem lavrados de rica marcenaria. . . »

A nossa Sé Catedral é uma igreja gótica de três naves, de uma rara e notavel elegancia, divididas por altas e delgadas colunas, que lhe tiram o aspecto pesado e sombrio que teem muitos edificios similares. Sobre as naves assenta o famoso tecto fabricado em madeira de cedro indigena, em estilo arabe, com incrustações de marfim, que é tido pelos entendidos como obra de raro valor e que é sempre objecto da maior admiração por parte dos visitantes. Diz-se alguns que «nele se admira a musica complicada dos entrelaçamentos arabes, em que o geometra soube descobrir uma filosofia da forma, onde residem sensações estranhas, ora de sentimentos calmos, serenos e majestosos, ora impregnados duma vaga melancolia de misterio.

«Cobre a abside uma abobada pintada de fortes nervuras, rematadas por esculpidos fechos. A cercar as do eixo longitudinal, que representam o escudo das quinas, a Cruz dos Cavaleiros da Ordem de Cristo e a esfera armilar, ha outras interpretações da flora indigena. Os primeiros são tres belos simbios da nossa Historia ida. Num palpito o coração e alma dum povo livre; noutro uma fé generosa e forte de esperança; em outros então reverbera o loiro da gloria sobre a aza tremula e curva duma vela por entre vagas revoltas e espumantes.

«Na Sé do Funchal ha mais de cinquenta panos e táboas onde o pincel do artista fez, e em alguns deles belamente, vibrar as gamas iridescentes das côres. Dos fundos escurecidos aparece-nos, por vezes, o recorte puro de figuras tocadas dum tal sentimento e vida, animadas duma tal pureza e ternura, que apenas parecem quedar-se numa extática e mistica contemplação, envoltas em aurifrigiados mantos que em longas prégas classicas, caem sobre os corpos emagrecidos das longas e constantes inédias de sacrificio. . .

Algumas tábuas, das trêse que ornam o retábulo do altar da capéla-mór, merecem atentos minutos de estudo.»

A capela do Santissimo Sacramento é, no seu conjunto, de uma notavel beleza, com os seus finissimos marmores e preciosa entalhadura em madeira dourada. Apesar de pequena, tem tal aspecto de grandeza e majestade que impressiona profundamente o visitante.

O objecto mais precioso que se encontra na nossa Sé Cathedral é a celebre cruz oferecida por D. Manuel e que Pinheiro Chagas diz ser uma das maravilhas que figurou na exposição de arte ornamental realisada em Lisboa em 1882. E' uma cruz procissional de prata dourada, que mede 120 centimetros de altura, tendo em toda a orla um filigranado ou rendilhado de elegante trabalho e a superficie coberta por folhagem de carvalho. O pedestal, onde se veem em baixo relevo muitas figuras com diversos motivos decorativos, constitui só por si um dos mais raros e maravilhosos produtos da ouriversaria portuguêsa do seculo XVI, que tão preciosos objectos de valor artistico legou aos seculos vindouros.

ARGUIM

Entre o povo menos culto da Madeira, fala-se muito na ilha de Arguim, como sendo uma *ilha encantada que se encontra* a não grande distancia deste arquipelago. Alguns a *teem avistado*, num apartado horisonte, especialmente nas manhãs do dia de S. João, lá para as bandas onde demora a ilha do Porto Santo. Se a essas pessoas, ignorantes e mimiamente crédulas, fosse asseverado que na verdade exiate uma ilha com aquele nome, mas que dista da Madeira mais de 400 milhas, é bem possivel que não dessem credito a essa afirmativa e continuassem a acreditar na *existencia* da conhecida e encantada ilha.

O pequeno arquipelago de Arguim pertence á jurisdição eclesiastica do Funchal e faz parte integrante desta diocese, Por meados do seculo xvi foi ingregado á Madeira e por essa epoca começaram os prelados a intitular-se bispos da Madeira, Porto Santo e Arguim. Essa jurisdição passou ha muito tempo, talvez seculos, a ser meramente nominal e honorifica, principalmente depois que os portugueses abandonaram aquelas paragens e outros povos exerceram ali o mais absoluto dominio. O ultimo prelado que se intitulou bispo do Arguim foi D. Manuel Agostinho Barreto, que por 1890 deixou de o usar nos documentos oficiais que subscreveu como chefe desta diocese.

Ha nos confins das costas do Sahara e do Senegal, aí pela latitude N. de 22° e longitude O. de 7°, uma enseada, um arquipelago, um banco e uma faixa de litoral do continente africano, com a denominação de Arguim. A maior e mais importante das ilhas do pequeno arquipelago, e que tem tambem o nome de Arguim, é a que interessa á historia da Madeira, pois pertenceu á jurisdição eclesiastica da diocese do Funchal. A ilha de Arguim, que apenas dista da costa africana cerca de uma legoa, foi descoberta por Nuno Tristão, aproximadamente pelo ano de 1443. Começaram logo as transacções commerciaes com os indigenas do continente, reconhecendo-se sem demora que para assegurar o bom exito dessas transacções e o dominio dos portuguezes daquelas paragens, se impunha absolutamente a necessidade da construção duma fortaleza, que começou a levantar-se pelos anos de 1450. Com as novas descobertas e grandes centros do comercio que por toda a parte se estabeleceram, foi a pouco e pouco Arguim perdendo a importancia, sobrelhado depois do apparecimento das colonias e feitorias commerciaes do Senegal. Passou Arguim por sorte vária, estando sucessivamente sob o dominio dos inglezes, hollandezes e francezes, achando-se hoje de todo abandonada.

Industria das obras de verga

O aparecimento da industria das obras de verga na Madeira perde-se na historia da sua colonização, e os productos d'esta industria, na sua feição primitiva e rudimentar, devem ter acompanhado os primeiros trabalhos de agricultura madeirense, acomodando-se ás suas variadas necessidades.

Foram sem duvida os primitivos colonos vindos de Portugal, os portadores da especie de vimeiro *salix fragilis*, que facil e rapidamente se vulgarizou na agricultura madeirense, fornecendo a materia prima para a industria de que nos ocupamos, e desde o seu inicio.

Tambem a especie *salix vitellina*, que é abundantissima em Portugal, tem na flora da Madeira a sua representação ainda que pequena, e muito embora tenha havido discordancias ou confusões sobre a distinção das duas especies, é hoje opinião assente entre os mais autorisados, que os vulgares vimeiros madeirenses pertencem á primeira das especies citadas, tendo adquirido, com o tempo e condições particulares do sólo e clima da Madeira, qualidades notaveis, que os distinguem dos productos congeneres d'outras regiões e os recomendam de prefencia a estes, na confecção das chamadas obras de verga.

E' por isto que da Madeira se exportam, desde tempo, muitos vimes para diversos paises em que existe esta industria, para onde elles vão substituir, com roconhecidas vantagens de resistencia e duração, os salgueiros e cipós empregados na fabricação de productos similares.

A industria das obras de verga comprehende tambem muitos artefactos fabricados com a verga de giesta—*sarothamnus scoparius*—e com diversas aplicações, constituindo o fabrico d'essas obras um ramo especial d'essa industria, da qual tambem adeante nos ocupamos nesta noticia.

Os obreiros madeirenses, sem nenhuma

instrucção, educação profissional ou artistica, analfabetos na sua quasi totalidade, fazem prodigios de habilidade, executando já hoje modelos de certa fantasia e bom gosto, guiando-se exclusivamente em taes trabalhos pela observação de desenhos de catalogos e de jornaes estrangeiros.

Os modelos da industria da Madeira melhoraram consideravelmente pela elegancia das suas formas, e já hoje se encontram neste genero artigos de muito bôm gosto e de escolhidos desenhos.

Tem, pois, o operario madeirense aptidões excepcionaes, e se a par destas aptidões tivesse a precisa educação profissional e artistica, que por completo lhe falta, é-nos licito supor que suportaria com exito qualquer confronto.

A maioria dos artigos desta industria é vendida no Funchal ao avultado numero de passageiros em transito que aqui aportam. Ha por isso no Funchal grande numero de casas que negoceiam com os productos desta industria, fazendo-se este negocio de mistura com o de outros artefactos madeirenses.

Destas casas algumas mais importantes fazem tambem o respectivo comercio de exportação.

A grande produção de obras de verga é em cadeiras, sofás e mesas, e ainda em outros artigos de mobiliario. Fazem-se muitos outros objectos, mas são estes os que teem maior procura.

Ha países que encomendam e pagam bem os artigos de mobiliario em vime na Madeira, mas que no fabrico doutros objectos, como sejam cestos, gigos, etc., trabalham por mais baixos preços e oferecem ao comercio produtos mais baratos.

Com o mercado de Lisboa sucede isso:— a mobilia em vimes da Madeira é hoje muito procurada e a exportação para ali feita é compensadora: todavia o artigo «cestos» é sempre muito mais barato ali do que comprado no Funchal.

Com a verga de giesta trabalha-se, porém, na Madeira bem, no fabrico de variados objectos de factura delicada, como sejam cestos de costura e de papeis, açafates e floreiras, pequenos moveis para brinquedos de criança e variados cestinhos e outros artigos de modelos escolhidos.

Esta industria, segundo podemos averiguar, apareceu na Madeira ha proximamente 80 anos, sendo uma rapariga de habilidade da freguesia de S. Martinho, do concelho do Funchal, a primeira que procurou imitar em modelos pequenos e com verga de giesta, primeiro por descascar e depois descascada, os trabalhos primitivos da industria de cestos de vimes que ela viu fabricar.

Vendo o exito da sua ideia, aperfeiçoou-se nos seus trabalhos, e com o tempo e a cooperação de outras mulheres, criou esta nova industria, que ainda hoje ocupa somente pessoal feminino, em numero não inferior a 120 mulheres, e que, como então, está circunscrita á referida freguesia de S. Martinho.

O principal centro produtor dos artefactos de vimes é a freguesia da Camacha. Ali se empregam nesta industria cêrca de 500 individuos de ambos os sexos.

A industria dos moveis de vimes teve o seu apparecimento ha aproximadamente 60 annos, e começou pelo trabalho em cadeiras, copiados os processos de factura, do fabrico de outras cadeiras construidas então na Madeira com palha de centeio, por presos da cadeia do Funchal. Supõe-se ter sido algum preso da freguesia da Camacha quem levou, ao sair para esta freguesia, os conhecimentos que havia adquirido na aprendizagem feita na cadeia, e assim se foi lenta e progressivamente desenvolvendo a industria naquele meio, que foi durante muitos annos o unico ponto em que ela se exerceu. Um subdito inglês, de nome William Hinton, importante industrial ha poucos annos falecido na Madeira, em avançada idade, parece ter tambem influido nas tentativas iniciais desta industria, auxiliando os primeiros obreiros com os conhecimentos que tinha da industria destes moveis, já fabricados na Inglaterra e Alemanha com hastes de cipó, por cuja flexibilidade e outras propriedades se assemelham muito aos vimes madeirenses».

Informação recebida directamente desta freguesia, de pessoa que ali se dedicou a algumas investigações sobre o assunto, não contradiz estas noticias, acrescentando-se apenas que «foi Antonio Caldeira o introdutor do trabalho de vimes, o qual desmanchando uma esteira que tinha vindo do estrangeiro por intermedio dum membro da familia Hinton, estudou a forma e fabrico dela, tomando como ponto de partida, para atingir o seu ideal, a flexibilidade do vime».

Afirma-se que esta industria, embora em estado muito rudimentar, começou nesta freguesia pelos annos de 1812. Foi depois de 1870 que ela começou a ter um notavel incremento, tendo nos ultimos 25 annos atingido um movimento extraordinario.

Na economia da Madeira tem, pois, grande valor a industria de que nos ocupamos, pela importancia da sua principal produção em moveis e artefactos de factura escolhida, e ainda pelo importe em todo o distrito dos produtos de fabricação mais grosseira, destinados ao consumo local, e que deve sempre supor-se representado por algumas dezenas de contos de réis.

Tem, pois, a industria das obras de verga na Madeira condições excepcionais para o seu desenvolvimento e progresso:— a materia prima de optima qualidade, cuja produção é grande e pode aumentar, e dispõe de obreiros habeis que decerto muitissimo mais dariam quando convenientemente educados.

A Cidade do Funchal

O Funchal, capital da Ilha da Madeira e de todo o arquipelago, dista 535 milhas de Lisboa, 360 do Cabo Cantin, na costa de Africa, 1215 de Plymouth, 1332 de Southampton e 1429 de Liverpool, e tem por limites actuais o Hotel Reid, na Estrada Monumental, a ponte do Ribeiro Sêco, a intersecção da Rua do Arcebispo D. Aires com a Levada de Santa Luzia, a intersecção da mesma Levada com a Avenida de Pedro José de Ornelas, a intersecção do Caminho do Palheiro Ferreiro com o Caminho do Terço e a foz da Ribeira de Gonçalo Aires. A sua população que em 1793 era de 12.000 habitantes, era em 1864 de 17.677, em 1878 de 19.752, em 1890 de 18.778, em 1900 de 20.844, e em 1911 de 23.291, não pode ser inferior hoje a 25.000 ou 26.000 habitantes, distribuidos pelas freguezias da Sé e de S. Pedro, quasi toda a freguesia de Santa Luzia e uma parte das freguesias de Santa Maria Maior, S. Martinho e S. Gonçalo.

O Funchal tem 97 ruas, 6 avenidas, 22 caminhos, 50 travessas, 54 becos, 2 azinhagas, 16 rampas e calçadas, 17 largos, 2 campos, 2 estradas e tres praças publicas e jardins, e «ocupa, dizem os srs. Adriano e Anibal Trigo no seu *Guia e Roteiro do Funchal*, uma area de proximamente 500 hectares, em que se veem espalhadas milhares de edificações de construção simples, mas muito confortaveis, e numerosissimas quintas e vilas de requintado gosto e surpreendentes vistas, elegantemente dispersas em volta do grande nucleo central, onde as habitações mais se aglomeram, onde a vida é mais activa e laboriosa, por ser a séde principal do seu grande comercio e da sua industria e navegação.»

O Governador Civil, o Bispo da Diocese e o Comandante Militar teem residencia no Funchal, e aqui estão aquarteladas as tropas que guarnecem a ilha, as quais são constituidas pelo regimento de infantaria n.º 27, pela bateria n.º 3 de artilharia de montanha e pela companhia n.º 1 da guarda fiscal. O Governador Civil e o Comandante Militar residem no Palacio de S. Lourenço; o Bispo da Diocese no Largo do Conde Ribeiro Real, tendo tido outrora o seu passo na rua Gomes Freire, no edificio onde está agora o liceu.

O Funchal tem 4 fortalezas: a de S. Tiago, onde está aquartelada companhia de artilharia; a de Nossa Senhora da Conceição, do Ilheu, no porto e em frente da cidade; a de S. Lourenço; e a de S. João, do Pico. Tem tambem 27 templos catolicos, sendo 8 igrejas e 19 capelas, 3 templos de diversos ritos, 3 teatros, um dos quais de primeira ordem, 2 mercados, 4 cemiterios, 1 hospital civil, 1 hospital militar, 1 hospicio para tuberculosos, 1 asilo de mendicidade e orfãos, 1 asilo de velhos e dois recolhimentos, havendo a mencionar no tocante a estabelecimentos de instrução o seminario episcopal, o liceu central, a escola primaria superior (antiga escola distrital) e a escola industrial. Existem ainda na cidade uma bibliotéca publica, nos Paços do Concelho, um museu de historia natural e um posto meteorologico.

Os serviços civis da segurança publica estão a cargo de um corpo de policia, dirigido por um comissario, e de uma companhia de bombeiros voluntarios.

Conhecemos no Funchal 7 fabricas de espremer cana doce, 1 de cerveja, 2 de bebidas gazosas, 4 de bolachas e biscoitos, 6 de moer cereaes, 1 de telha, ladrilhos e outros artigos de cimento, 1 de tabacos, 2 de velas, 2 de sabão, 2 de pregos, 1 oficina de fundição, 2 de construções e reparações navais, 5 fornos de cal, 3 olarias e 4 oficinas de serração de madeiras. O corpo comercial é numeroso, estando o comercio de vinhos representado por 14 grandes casas exportadoras, 7 das quais são portuguesas e as restantes estrangeiras. O Banco de Portugal, o Banco Ultramarino e a Companhia Geral do Credito Predial teem agencias no Funchal, existindo ainda nesta cidade o Banco da Madeira, que abriu a 23 de Junho de 1920.

A cidade é iluminada a luz electrica, mas o serviço de esgotos deixa muito a desejar, não havendo tambem um bom serviço de abastecimento de aguas potaveis. Entre as fontes que fornecem boas aguas ao publico, mencionaremos as de João Denis, a do Torreão, a de S. Pedro, a do Colegio e a do Largo do Comercio.

Ha na cidade lindas quintas, as mais notaveis das quais são a da *Vigia*, a *Lambert*, a *Bianchi*, a *Magnolia*, a das *Maravilhas*, a da *Achada*, a das *Cruzes*, a do *Deão*, a de *Santa Luzia*, a da *Levada*, a da *Palmeira*, a *Sarmento* e a *Margarida*, e entre os jardins que se recomendam pela beleza e variedade da sua vegetação, merecem ser mencionados o Municipal e o do Hospicio da Princesa D. Maria Amelia.

O platano, a figueira da India, o canforeiro, a caneleira, a grevilea, a sementeira *(Celtis)*, o carvalho, o corinocarpus, o ligustro e o jacarandá, são as essencias mais usadas na arborisação de largos, campos e vias publicas, mas só as seis primeiras podem ser consideradas boas arvores de sombra para o Funchal. O jacarandá conserva-se despido durante uma parte do verão, tendo sido um erro, portanto, plantá-lo na «Avenida Manuel de Arriaga» e noutros pontos da cidade.

A Sé Cathedral, notavel pela belleza da sua arquitectura, puramente manuelina, a Igreja do Colegio, antigo templo jesuitico, cuja capela mór e altares são guarnecidos de obra de talha de estilo renascença, a Igreja da Santa Clara, fundada por Zarco para seu jazigo, e o Hospicio da Princesa D. Amelia, são edificios que merecem ser visitados; e entre os locais dentro do

Funchal, que se recomendam pelas excelentes vistas que deles se desfrutam, são dignos de especial referencia o Castelo do Pico, o Largo das Cruzes, a Levada de Santa Luzia e o Largo do Socorro.

O Funchal está ligado ao Monte por um caminho de ferro de cremalheira, e a Camara de Lobos, Estreito, Ribeira Brava, Santa Cruz e Machico por estradas onde transitam automoveis. Os vapores costeiros fazem viagens entre o Funchal e varios portos das costas de leste e de oeste, em todos os dias uteis da semana.

«O Funchal, dizem os srs. Adriano e Anibal Trigo no trabalho a que já nos referimos, não é uma cidade moderna que se recomende pelas suas amplas avenidas, grandes monumentos, variadas distracções e outros atractivos que distinguem as mais importantes cidades da Europa; ha todavia dqui um conjunto de circunstancias naturais, verdadeiros privilegios da criação, um modo de ser tão particular e típico, um conforto tão agradavel, uma hospitalidade tão atraente por parte dos seus habitantes, que dão á cidade uma feição muito caracteristica, recomendando-a como estação sanitaria por excelencia, especialmente aos estrangeiros que aqui acorrem em elevadissimo numero, principalmente na estação de inverno para gozarem as delicias deste clima sem rival ou para procurarem lenitivo aos seus padecimentos».

«A impressão do viajante que pela primeira vez desembarca no Funchal, é sempre marcada duma agradavel surpresa, quer pela claridade dos objectos e limpidez atmosferica, quer pelo aparato original tão simples e grandioso que brota da pouca Arte como a muita Natureza. Donde quer que seja a procedencia do turista e a quadra do ano que atravesse, não deixa de ser sensivel a uma emoção particular, emanada de uma doce temperatura que rege este clima sem igual. E se acaso é no inverno e vem fugido ás pesadas brumas do norte, a sua admiração toca as raias, vendo tão prestes mudado o scenario, transformado o continuo manto de gelo em tapetes de verdura, matizados de flores».

O notavel e sempre crescente desenvolvimento do Funchal em antigos tempos, tornando-o um importante emporio comercial e um centro de grande actividade industrial e mercantil, plenamente justifica a medida tomada pelo rei D. Manuel na sua Carta Regia de 21 de Agosto de 1508, elevando a vila do Funchal á categoria de cidade. Havia 50 anos que de simples povoação se fizera vila, e decorrido apenas mais de meio seculo passa a ter os fóros de cidade, a primeira que se criou nos nossos dominios ultramarinos.

Poucos dias antes de ser expedida esta Carta Regia, ordenara D. Manoel, com data de 17 de Agosto de 1508, enviando um alvará, determinando que a camara do Funchal «seja regida e governada pella maneyra que se rege a camara da nossa cidade de lixboa».

As Levadas da Madeira

A irrigação dos terrenos da Madeira faz-se principalmente por meio das levadas. E' certo que ha terras de cultivo deixadas apenas á contingencia das chuvas, mas as chamadas culturas ricas, isto é a vinha e a cana de açucar, e ainda mesmo a maior parte das verduras e hortaliças, são irrigadas pelas numerosas levadas que se acham dispersas por toda a ilha. Não póde considerar-se um sistema de irrigação inteiramente privativo desta região, mas é quasi unico no nosso país e tem suas caracteristicas proprias, que o distinguem dos outros sistemas seus congéneres. Em alguns paises, os canais de irrigação constituem trabalho de maior vulto sómente quanto á sua capacidade e volume de aguas que conduzem, sendo quasi sempre praticados no proprio solo, e sem outras obras de arte de mais avultada importancia. Não são geralmente de grande extensão e destinam-se a fertilisar terrenos por vezes vastos, mas de elevação pouco consideravel. Não admira que alguns funcionarios tecnicos de obras publicas vindos do continente, confessem que as descrições escritas ácêrca da irrigação madeirense lhes não davam uma ideia segura da rede das nossas levadas e particularmente da maneira como recebem e conduzem as aguas, e ainda como se faz a distribuição destas pelas terras de regadio.

Os aquedutos a que chamamos levadas, são uns estreitos e extensos canais abertos no sólo e geralmente construidos de sólida alvenaria, que não chegam em geral a atingir um metro de largura e cuja profundidade poucas vezes vai além de 50 a 70 centimetros. Ha levadas que teem algumas dezenas de quilometros de extensão. Na generalidade partem de pontos elevados e centrais da ilha e encabeçam nas mais caudalosas ribeiras, alimentando-se dos abundantes mananciais que correm abandonados nos leitos pedregosos das mesmas ribeiras. Para isso costeiam, por vezes, elevadas e alcantiladas serras,

atravessam aprumadas ravinas, transpõem abismos, perfuram os montes, num perigoso e titanico trabalho de longos anos e com o dispendio de avultadissimos capitais e até de bastantes vidas, dando á terra o sangue que a fertiliza e ás plantas a seiva e a vida que as fazem abundhantemente produzir. Quem de perto conhecer o inveresimil acidentado do nosso terreno, o caprichoso relêvo das suas lombas e encostas, as suas elevadas montanhas a par de profundos vales e despenhadeiros, avaliará facilmente o colossal esforço que representa essa gigantesca e utilissima obra, que sobremaneira honra o país que a empreendeu e executou.

A origem e necessidade da construção das levadas ficam bem assinaladas nas palavras que se seguem, publicadas ha anos numa revista da capital:

«As condições naturais da ilha fizeram compreender aos seus primeiros povoadores, não só que a agricultura tinha de ser a base da economia da sociedade, que iam constituir, mas tambem que ela só podia tomar grandes proporções e oferecer largos interesses nas encostas, colinas e vales da beira-mar, onde a composição do sólo, a fertilidade do terreno, a suavidade da temperatura e o regimen brando dos ventos assegurariam produções intensas e preciosas, com vantagens infinitas para a população, para os donatarios, para a Ordem Militar de Cristo e para a corôa. Era ali que estava, especialmente, a zona das melhores culturas — a da vinha e a da cana de açucar, — que já então foram iniciadas e que fizeram depois a celebridade, a fama e a riqueza da Madeira, garantindo á metropole, sem interrupção, avultados rendimentos, ainda nos periodos mais criticos e adversos de Portugal. Tais terrenos, porém, não podiam ser explorados com intensidade, constancia e vantagem, sem que fossem dotados com aguas de irrigação, que regularmente humedecessem e fecundassem o sólo, mantendo verdes e cheias de seiva as plantações, fortalecendo-as e opulentando-as, não só durante o verão mas ainda em parte da primavera e do outôno e em geral durante as estiagens, possiveis no proprio inverno. Ao mesmo tempo quasi todas as fontes e nascentes estavam nos pontos elevados, nas serras, correndo para os regatos e ribeiras e por meio destas para o oceano. Desde logo surgiu a necessidade e o pensamento de interceptar, em certas altitudes, o curso natural das aguas, derivando-as para utilissimos canais, construidos desde grandes distancias, ao longo de rochedos escarpados, através de imensas obstaculos, apenas vencíveis por uma tenacidade heroica, até ás regiões mais férteis e prometedoras. Tal é a instituição admiravel e proficua das levadas, factor primacial da agricultura e portanto de todas as condições economicas e financeiras da ilha da Madeira».

Será para estranhar, e sem um mais detido exame parecerá á primeira vista, que estes canais de irrigação, tão dispendiosos e de tão dificil execução, não ofereçam uma compensação remuneradora aos grandes capitais empregados, mas a verdade é que êles constituem o principal elemento de prosperidade da agricultura madeirense e um dos factores mais apreciaveis da economia de todo o arquipelago.

E' muito variavel o volume de agua que conduz cada levada. Algumas, dando passagem a um manancial muito abundante, dividem-se em quatro caudais, indo simultaneamente irrigar os terrenos em quatro pontos afastados. Outras, de menor volume, repartem-se apenas em dois ou tres caudais, regando-os ao mesmo tempo em dois ou tres logares diferentes. E ainda existem outros canais de irrigação, que constituem o maior numero, destinados a fertilizar as terras com a totalidade da sua agua, por ser pouco volumoso o caudal que os alimenta. Quando principia o periodo das regas, em que as aguas são mais abundantes, permitem, por vezes, os mananciais das levadas ter ainda uma maior divisão, o que dificilmente se póde conseguir nos mezes de mais adiantada estiagem. A estas divisões se dá comumente o nome de ramais ou lanços da levada.

E' tambem bastante variavel, embora dentro de determinados limites, o volume de caudal destinado a irrigar em cada ponto.

Pelas medições realisadas em muitas levadas, as quais costumam ser feitas no periodo da maior estiagem, vê-se que um fluxo continuo de 12 litros de agua por segundo constitui já um pequeno caudal suficiente para a irrigação de certas culturas. Ha levadas de volume ainda menor, mas são em numero muito restrito. Cada um dos quatro ramais ou lanços da levada dos Piornais tem um fluxo continuo de cêrca de 30 litros por segundo, que é abundante e mais que sufficiente para qualquer especie de cultura. Entre estes limites, que, duma maneira aproximada, podemos considerar como maximo e minimo, se devem compreender as medições dos caudais que separadamente irrigam os terrenos em cada ponto.

As mais importantes levadas pertencem ao Estado, e embora sejam estas em pequeno numero, constituem pela sua extensão, pelo volume dos seus caudais, pela vasta área de terrenos que irrigam e pelos grandes capitais nelas empregados, um dos mais poderosos auxiliares da nossa industria agricola. A elas nos referiremos no decurso deste artigo.

Os canais de irrigação pertencentes a particulares, alguns dêles de limitada importancia, são, em geral, propriedade de um numero consideravel de individuos. Outrora dava-se o nome de *hereo* a todo o agricultor ou colono que cultivava terras regadias; hoje applica-se esse nome ao proprietario de qualquer numero de horas de agua duma levada.

As primitivas explorações agricolas co-

meçaram nos litorais e não podiam distanciar-se muito das linhas de agua ou das nascentes que tinham que fertilizar os terrenos arroteados. Essas explorações tiveram em breve que alargar grandemente a sua área, nascendo logo a necessidade de conduzir as aguas a maiores distancias por meio das levadas. As dificuldades e os obstaculos a vencer foram sempre e ainda são verdadeiramente extraordinarios e por vezes quasi insuperaveis, mas ao longo periodo de cinco seculos não deixou nunca de trabalhar-se activamente na tiragem das levadas, tendo-se ha pouco iniciado um novo e gigantesco empreendimento nas serras da Ribeira da Janela.

Existem na Madeira cêrca de duzentas levadas, sendo muitas delas de pequena importancia e destinadas a irrigar limitados tratos de terreno. As de maior importancia pertencem ao estado, destacando-se entre elas a do Rabaçal, que representa um trabalho gigantesco, e a chamada Levada da Serra, que tem algumas dezenas de quilometros de extensão. São tambem pertença do estado as levadas do Furado, Juncal, da Serra de S. Jorge, de S. Vicente e Ribeira Brava.

Merecem especial referencia, pelo seu valor o beneficio que prestam á agricultura, a levada particular dos Peornais, de todas a mais importante, Nova do Curral e Castelejo, Madalena, Bom Sucesso, D. Isabel, Hortas e outras, todas no concelho do Funchal.

Disseminadas por todas as freguezias da ilha existem inumeras levadas, de maior ou menor importancia, que são o principal auxilio da industria agricola madeirense.

Industria de lacticinios

E' hoje uma das mais importantes industrias do arquipelago e uma das suas mais avultadas fontes de receita. Espalhada por todas as freguesias, ela não sómente produz a manteiga, que se exporta em grande quantidade, mas ainda promove a industria da criação dos gados, que é actualmente muito prospera e um notavel elemento de riqueza. A industria dos lacticinios quasi se limita entre nós á produção de manteiga, sendo de pouca importancia o fabrico dos queijos, que não tem atingido grande desenvolvimento.

De ha muito que se fabrica manteiga na Madeira, mas a principio era bastante rudimentar a maneira como ela era confeccionada. O leite, pouco abundante quasi sempre, era demorado nas vasilhas até se perfazer a quantidade de nata indispensavel para se obter a coagulação dos principios butirosos, o que reunido á falta de asseio e á ignorancia no metodo de salgar, fazia com que o produto obtido fosse em geral de baixa qualidade.

Em todo o caso, já em 1870 se fabricava na Madeira alguma manteiga que rivalizava com a que vinha do estrangeiro, a qual costumava ser vendida no Funchal a 300 reis a libra. O preço da manteiga de segunda qualidade regulava entre 180 e 240 reis a libra (459 gramas).

Nos principios do segundo quartel do seculo XIX quasi toda a manteiga que se consumia no Funchal vinha da Inglaterra, mas quarenta anos depois já a ilha produzia a manteiga necessaria para o seu consumo, podendo mesmo exportar alguma para Lisboa. A exportação da manteiga que em 1881 era apenas de 129 quilogramas, subiu em 1885 a 1932 quilogramas, em 1887 a 9:897, em 1889 a 25:554 e em 1890 a 42:476, baixando nos dois anos imediatos a 1775 e a 2580 quilogramas, para subir em 1893 a 48:124.

Por 1895 montou Adolfo Burnay uma fabrica de laticinios em Santo Antonio da Serra, a qual tendo começado um tanto modestamente, pois que apenas aproveitava o leite produzido pelas suas vacas, alargou mais tarde o campo da sua exploração, passando a adquirir todo o leite que os criadores de gado da localidade podiam ceder e pagando-o a 20 reis o litro. Os criadores ficavam com direito ao sôro, o que constituia para eles uma grande vantagem, visto esse produto, em virtude dos processos rapidos de desnatação, não ter tempo para fermentar e poder portanto ser aproveitado na alimentação do homem.

A fabrica do Santo da Serra, alem de excelentes manteigas, que eram vendidas na ilha e exportadas para Lisboa, produzia tambem queijos, mas estes tiveram pouca aceitação, devido a ser pouco esmerado o seu fabrico. Só muitos anos depois é que esta ultima industria pôde aperfeiçoar-se e tomar um certo incremento na Madeira, devido aos estudos e experiencias do engenheiro-agronomo João da Mota Prego.

Em 1920 existiam dispersas pela ilha 22 fabricas e 30 e tantos postos de desnatação, que pagavam cerca de 600 contos pelos 11 a 12 milhões de litros de leite comprados anualmente ao lavrador. O preço do leite, que era

outrora de 2 centavos o litro, foi fixado em 1918 em 5 centavos, e mais recentemente, em 4 de janeiro de 1921, em 10 centavos quando para o fabrico de manteiga e em 14 centavos quando para o fabrico do queijo.

A Madeira exportou para a metropole e Africa em 1920 cerca de 450.000 quilogramas de manteiga, tendo sido o consumo local de cerca de 110.000 quilogramas. O preço da manteiga no deposito do Funchal, que era a principio de $72 e $80, passou para 1$20 em dezembro de 1919, em virtude duma portaria solicitada pelos exportadores, para 3$00 em setembro de 1920 e para 4$00 em novembro de 1921, mas sucede muitas vezes o consumidor não poder obter ali aquele genero de primeira necessidade, visto os exportadores nem sempre fornecerem convenientemente o unico estabelecimento onde o publico pode ser fornecido em condições vantajosas.

Sendo precisos em media 25 litros de leite para se obter um quilagrama de manteiga, é claro que o lucro dos negociantes está principalmente na exportação, visto aquele genero atingir em Lisboa e Africa preços muitissimo superiores aos do Funchal. A manteiga destinada aos usos industriais; mas de que se abastece ás vezes uma parte da população do Funchal, é vendida hoje a 8$00 o quilograma, tendo-o sido antes a 7$00, a 5$00, a 4$80 e a 1$80. Este ultimo preço vigorou até agosto de 1920.

ARQUIVO DISTRITAL FUNCHAL

A Indumentaria Madeirense

O vestuario do camponês da Madeira nada oferece hoje de extraordinario, pois consiste geralmente numas calças de linho, seriguilha, *marafuz* ou qualquer outro tecido, numa camisa de linho ou algodão e num colete e casaco feitos muitas vezes do mesmo tecido das calças. Nalgumas partes da ilha está muito em uso um casaco de *marafuz* ou seriguilha, sem mangas, ficando os braços cobertos apenas pelas mangas da camisa. O agricultor emquanto trabalha despe de ordinario o colete e o casaco, mas conserva o chapeu ou o barrete, que lhe protegem a cabeça contra os ardores do sol.

O barrete do camponês não tem semelhança alguma com as antigas carapuças; é feito de lã, adapta-se bem á cabeça e tem no alto uma pequena borla e nos lados dois apendices que, ou se deixam cair sobre as orelhas, ou se levantam, prendendo-se ás vezes num botão. Este barrete, a que chamam de *orelhas*, parece ser criação madeirense e já era usado em 1857.

Os antigos trajos das mulheres dos campos quasi que desappareceram, tendo sido substituidos por vestidos e corpetes ou *polcas* de chita ou de lã, perfeitamente identicos aos que usam as mulheres das classes baixas do Funchal. Na Camacha e nalgumas outras localidades as mulheres amarram na cintura um rolo de pano e vestem sobre ele varias saias, do que resulta as ancas tomarem uma forma arredondada e o vestido, que é um tanto curto, mover-se de um para outro lado, durante as marchas. Este movimento não é destituido de graça quando a mulher é alta e elegante, e anda com passo desembaraçado.

O lenço, cujas pontas são amarradas sob o queixo, é a cobertura da cabeça mais usada pelas camponesas, mas freguesias ha onde o uso da mantilha e do chapeu tende a generalizar-se, sobretudo entre as mulheres que veem frequentes vezes ao Funchal. Um chale lançado sobre as costas, completa muitas vezes o vestuario da mulher dos nossos campos.

Os antigos trajos dos nossos camponeses eram incontestavelmente muito mais engraçados e pitorescos que os actuais. Umas calças largas de linho terminando nos joelhos, onde eram franzidas, e uma camisa e uma jaqueta do mesmo pano, constituiam o vestuario dos homens, ao passo que as mulheres vestiam saia listada de um tecido de linho e lã, fabricado na ilha, camisa de linho e capa de baêta azul e encarnada, descendo até abaixo da cintura, tendo a mesma capa recortes agudos, debroados ás vezes de fita. Muitos homens possuiam casacos ou capotes de lã grosseira, com que se cobriam em dias de frio.

Para os dias festivos tinham os homens os seus jalecos e casacos de fazenda azul, e as mulheres lindos coletes ou espartilhos de côres vistosas, ás vezes engenhosamente bordados, que vestiam sobre as camisas. Homens e mulheres abotoavam as camisas de fino linho com botões amarelos, ás vezes de oiro, e cobriam a cabeça com um pequeno barrete de pano azul (carapuça), forrado de encarnado, o qual apresentava a forma dum funil invertido. As mulheres abastadas reconheciam-se pelos cordões de ouro com que se enfeitavam, os quais depois de darem duas voltas em torno do pescoço, vinham prender-se na parte inferior do espartilho.

E' de crer que as saias listadas e os espartilhos bordados procedessem de antigos trajos mouriscos, tanto mais que se sabe que houve outrora muitos mouros, principalmente no Funchal e Ponta do Sol, mas pelo que respeita á ca-

rapuça, dificil é conjecturar qual fosse a sua origem, se bem que White nos diga que nalguns quadros de Rubens se vê na cabeça das senhoras um objecto semelhante a esse antigo barrete madeirense. A carapuça protegia tão mal a cabeça, que causa admiração que o povo a usasse nesta ilha.

Sloane, Ovington, o capitão Cook, Forster e Barrow não aludem á carapuça nas relações das suas viagens, o que nos leva a crêr que esse barrete só no primeiro quartel do seculo XIX principiou a ser usado na Madeira. Paulo Dias de Almeida na sua *Descripção da Ilha da Madeira*, escrita em 1817 e publicada no *Archivo da Marinha e Ultramar*, apresenta duas estampas em que figuram as carapuças, mas sem as longas pontas que davam a estes barretes a forma de funis invertidos.

Antes de conhecerem a carapuça em forma de funil, usavam os camponeses um barrete de lã encarnada ou azul, cuja forma se pode vêr na estampa que acompanha a obra sôbre o clima da Madeira, publicada pelo dr. Nicoláu Caetano Pita em 1812. Este barrete ajustava-se á cabeça e era por certo muito mais comodo do que a carapuça terminada em ponta, que pouco depois se generalizou na ilha.

Diogo Vieira de Tovar e Albuquerque num trabalho inedito escrito em 1807 e que tem por titulo *Descripção politica e economica da ilha da Madeira*, diz-nos o seguinte com respeito aos trajos usados na ilha: «Os homens de trabalho vestem sempre uma carapuça de pano, unida á cabeça com duas pequenas orelhas, uma casaca comprida, ceroulas de pano de linho largas, e curtas pelo joelho, ao que são unidas, botas justas da côr natural do couro, de que são feitas. Acredito que este costume he conservado talvez do uso dos primeiros habitantes portuguezes da ilha, pois que os portugueses desse tempo vestião quasi da mesma maneira, ao menos na forma: tambem acredito que o uso das casacas compridas, efectivas na gente de trabalho, he fomentado e mantido pelos ingleses, afim de favorecerem o maior consumo dos seus panos, pois toda a ilha se fornece de panos de Inglaterra. As mulheres usão das mesmas carapuças, saias de algodão ou chita, e botas. A gente polida veste inteiramente á portugueza.»

Na freguesia do Carliço os homens usam uns chapeus feitos de folha de palmeira, que, embora tenham grande duração, se não recomendam pela elegancia ou pela maleabilidade. Ignoramos em que epoca começaram a ser usados esses chapeus.

As carapuças com a forma de funil invertido foram usadas em certas freguesias até 1870; no entretanto ainda por 1880, e mesmo depois, apareciam uma vez por outra no Funchal alguns velhos camponeses trazendo na cabeça esses extravagantes barretes. Algumas carapuças tinham nos lados dois apendices, ao passo que outras eram desprovidas deles.

Dos antigos trajos madeirenses só restam hoje as botas de couro branco ou amarelado, desprovidas de salto e tendo o cano voltado no meio, e as capas de baêta azul, com recortes agudos, que ainda são usadas por algumas camponesas, mesmo nas freguesias limitrofes do Funchal.

Barrow, que esteve na Madeira em 1792, diz que a classe média, isto é os lojistas e os trabalhadores mecanicos, usavam chapeu, sapato e meia, e um comprido casaco para lhes esconder os remendos das calças, e que as mulheres da mesma classe vestiam invariavelmente fato preto e traziam um capacete na cabeça. Ovington que visitou a ilha em 1698, notou que o povo afectava uma certa gravidade no vestuario, trajando de preto para imitar o clero, e que o uso da espada estava tão generalisado, que até os criados a traziam consigo, emquanto serviam á mesa.

Os homens de certa categoria social usavam outrora coletes de seda bordados, e os medicos ainda em 1870 se reconheciam quasi sempre pelas longas sobrecasacas pretas e pelo chapeu alto. Durante a semana santa e na epoca das confissões, as senhoras substituiam os chapeus por veus pretos, que lhes cobriam a cabeça e ás vezes a cara, tendo esta moda, que remontava a antigos tempos, começado a cair em desuso pouco depois de 1880.

Pelo meado do seculo XIX os vereadores da Camara Municipal do Funchal usavam capas e calção e meia nas cerimonias oficiais, sendo ainda com este trajo e os obsoletos chapeus de plumas que os membros da Municipalidade se apresentaram nas exequias de D. Luiz I e na aclamação de D. Carlos I, realizadas em 1889, não obstante o uniforme municipal se achar reduzido nessa epoca ás referidas capas, que eram de seda preta e forradas de branco. Estas capas foram substituidas por faixas de seda azul e branca nos principios do seculo XX, as quais se usaram até á epoca da proclamação da Republica nesta ilha.

Afora pequenas particularidades locais, o vestuario dos habitantes da Madeira em nada difere hoje do vestuario usado na Europa. As modas de Paris são rigorosamente acatadas no Funchal, rendendo-lhes principalmente o belo sexo a mais fiel vassalagem, ás vezes á custa de grandes sacrificios.

Se no tempo de Barrow as mulheres das classes médias vestiam sempre um fato preto, sabe Deus em que estado, hoje são elas as que mais culto prestam á moda e as que mais tendencias manifestam para o luxo, não obstante o alto preço dos tecidos de qualquer natureza, e em especial dos tecidos finos. São os *novos ricos* de um e outro sexo, criaturas geralmente vaidosas e sem educação, quam exibe os melhores trajos, emquanto as classes superiores vestem ás vezes modestamente, já por falta de recursos, já para se não confundirem com aqueles que, por meios nem sempre licitos, conseguiram aumentar de um modo assombroso os seus capitais.

Balada da Ausencia

O povo madeirense, apesar de *apegado* á terra como poucos povos de Portugal, tem sido — mercê das condições economicas da Ilha nos ultimos dois seculos — um povo de Emigração.

E' que a Emigração nunca teve entre nós o caracter colectivo, raras vezes praticando-se sobre a Familia.

O *chefe* da casa, o *peso maior*, como se diz na linguagem expressiva dalgumas povoações serranas, ou o filho casadoiro, quando não vê no fundo da *caixa* da roupa domingueira e da *louça fina*—de uso exclusivo para os *dias da Festa* e do orago da freguesia—uma *maquia* de dinheiro que dê para *pegar* num *telheiro* e um *poio* de terra adjacente, vai de abalada por esse mar fóra para onde o levar o vento das melhores das ultimas novas.

Partir, para o Ilheu, é praticar um milagre de Amôr: de amôr de familia e de patriotismo.

O sunr que lhe cai nas terras extranhas é o ouro que salda os orçamentos nacionais, que traz sempre verde a terra natal e faz florir a vida no coração dos que cá ficam na dôce esperança do seu regresso.

Entre cá e lá trocam-se então as mais lindas cartas de amôr, a mais delicada, a mais *grave* poesia de Portugal.

Quem conseguisse reunir esses pergaminhos da Alma em que o coração da Ilha canta e chora, expontanea e bela, sacrificada e crente, teria composto o melhor poema da nossa Raça.

Dizes que te vais embora,
amôr de meu coração.
Se tu vais é por teu gôsto,
por minha vontade não.

Adeus, varanda do cais
onde o meu bem embarcou !
Foram os olhos mais lindos
que a onda do mar levou.

Eu subi aos altos montes
para te vêr embarcar.
Meus olhos são duas fontes,
deitam ribeiras ao mar.

Já lá vai pelo mar fóra
pelo mar fóra lá vai;
já lá vai o meu querido
a quem eu chamava Pai !

Nunca quebram, porém, os laços que prendem essas duas metades do coração da Ilha.

S'eu embarcar para fóra
da barra t' hei-de acenar,
Não ponhas os olhos noutro,
qu' eu vou mas é p'ra voltar.

Eu não sei o que me deste
para eu te qu'rer assim.
Nem de dia nem de noite
nunca de apartas de mim.

Vou-me embora para o alto
qu' eu do alto vejo bem:
para vêr o meu amôr
de que lado é que me vem.

E assim o Mar faz parte da nossa Terra. E' o correio amoroso que une uma pequena metropole ás suas numerosas colonias: que as tem em todas as partes do mundo.

O seu vai-vem caprichoso se umas vezes significa Dôr, outras tambem significa a maxima Alegria.

A persistencia das tradições sebastianicas, a crença popular da existencia do infelicitado Rei de Alcacer Quibir numa Ilha de encantamentos, que misteriosamente ora se afunda ora se levanta, com ribeiras caudalosas onde lavam mulheres de formosura extranha, leva a musa saudosista do Ilheu a colocar no meio das ondas postos que lhe recordam o amôr ausente.

No meio daquele mar
nasceu uma laranjeira
Eu só hei-de comer dela
Quando el' vier p'rá Madeira.

Lá fóra naquele mar
tem uma casa de vidro.
Entra o sol pela janela
e a lua pelo postigo.

No meio daquele mar
eu vejo uma vela ácêsa :
hei-de manda-la apagar
com beijinhos *á francesa*.

Por vezes criam-se pequenas tragedias maritimas que o Povo com o seu grande poder de sintese traduz num dos seus poemas de quatro linhas:

Dizem que está no mar alto
um navio que não bole :
E' de certo o meu amôr
que quer falar e não póde.

Mais interessante ainda que toda essa poesia descritiva que o Povo expande nas romarias á claridade da nossa paisagem, é a literatura admiravel das cartas que *mandam escrever para saber da saude*, que a deles é sempre *boa graças a Deus*.

O' Pedro pega na pena
escreve qu' eu vou notando:
«um dia eu hei-de ser tua
um dia, mas não sei quando...

Este papel em qu' escrevo
sai-me da palma da mão.
A tinta sae-me dos olhos
a pena do coração.

Dei um ai tu não m' ouviste
suspirei, não *deste fé*.
O meu coração é teu.
O teu não sei de quem é.

Esta carta q'eu t'escrevo
vou escrevendo, vou chorando.
Cada letra qu' eu t'escrevo
são saudades qu' eu te mando.

Quero cantar, mas não posso
falta-m'a respiração.
Falta-me a luz dos teus olhos,
prenda do meu coração.

Carta vai p'ra onde te mando.
Que lindos olhos que vais vêr!
Carta, põe-te de joelhos
quando te quiserem lêr.

Ninguem como o Povo na singeleza da sua fala clara e pura traduz esse «sentido do coração» que D. Duarte chamou á Saudade.

Perante tanta delicadeza d'alma, dos Ilheus em especialidade, diremos o que o sr. Jaime Cortezão referia genericamente acerca do povo português:

Quando surgirá a geração, que reconhecendo a seriedade e arraigada profundidade afectiva deste povo, lh'a saiba encaminhar para os nobres destinos?

.....

(Excerto da introdução do livro *Folclore da Madeira*). E. ANTONINO PESTANA.

Madeirenses mais notaveis

Apresentamos uma rapida resenha dos madeirenses que mais se notabilisaram nos diversos campos da actividade humana e cujos principais traços biográficos se pódem encontrar na obra intitulada *Elucidario Madeirense*, destinada tambem a comemorar o 5.º centenario do descobrimento dêste arquipélago.

Seculo XV.—No *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende, publicado em 1516, encontram-se algumas composições poeticas dos madeirenses Tristão Teixeira, João Gonsalves, Pedro Correia e Manuel de Noronha.

Seculo XVI—Antonio d'Abreu, navegador e descobridor, padre Manuel Alvares, gramatico e humanista, padre Luiz Gonsalves da Camara, aio de D. Sebastião, padre Martim Gonsalves da Camara, ministro e escri-

vão da puridade de D. João III, padre Manuel Constantino, escritor e lente em Roma, Antonio da Gama Pereira, escritor e jurisconsulto, Baltazar Dias, poeta cego, cujas obras teem sido imaressas dezenas de vezes, e Sebastião de Morais, bispo do Japão.

Seculo XVII.—João Fernandes Vieira, guerreiro, restaurador de Pernambuco, Francisco de Castro, orador sagrado, conego Antonio Veloza de Lira, escritor, Troilo de Vasconcelos da Cunha, poeta e Belchior de Teive, lente.

Seculo XVIII.—Henrique Henriques de Noronha, genealogista e historiador, dr. Julião Fernandes da Silva, medico e escritor e Francisco Alvares de Nobrega (Camões Pequeno) poeta.

Seculo XIX.—Primeira metade:—Joaquim José Ferreira de Freitas, escritor, José Anselmo Correia Henriques, diplomata e escritor, dr. João Antonio Monteiro, lente e mineralogista, dr. Lourenço José Moniz, professor e parlamentar, Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, poeta, dr. João Francisco de Oliveira, medico e diplomata, dr. Nicolau Caetano Betencourt Pita, jornalista, Caetano Alberto Soares, jurisconsulto, conde de Tojal, politico e parlamentar, José Manuel da Veiga, lente e advogado, Manuel Caetano Pimenta de Aguiar, poeta e dramaturgo, dr. Justino Antonio de Freitas, lente e escritor juridico, visconde de Atouguia, lente e ministro.

Seculo XIX—Segunda metade:—José Ferreira Pestana, lente e ministro, D. Luiz da Camara Lume, politico, parlamentar e escritor militar, dr. Francisco Joaquim Camelo Lampreia, professor e parlamentar, José Antonio Monteiro Teixeira, poeta, viscondessa das Nogueiras, escritora, Luis da Costa Pereira, professor e escritor, dr. Antonio da Luz Pita, medico, José Julio Rodrigues, quimico e lente, visconde das Nogueiras, diplomata e escritor, Francisco Clementino de Souza, poeta e jornalista, conego Alfredo d'Oliveira, orador, politico e jornalista, Conde de Canavial, medico e escritor, dr. Luiz da Camara Pestana, lente e bacteriologista, dr. Patricio Moniz, orador e filosofo, João Augusto de Ornelas, jornalista e romancista, D. Aires de Ornelas de Vasconcelos, arcebispo de Goa, Jaime Moniz, lente e orador, Agostinho de Ornelas, diplomata, parlamentar e escritor, padre Manuel Fernandes Santana, escritor, Francisco de Andrade, gramatico, Marceliano Ribeiro de Mendança, professor e escritor, Francisco Justino Gonsalves de Andrade, lente e jurisconsulto, José Vicente Barbosa du Bocage, zoologo, lente e ministro, Maximiliano de Azevedo, comediografo e escritor, Luis de Ornelas Pinto Coelho, poeta e jornalista.

Seculo XX—Dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira, antropologista e escritor.

Origem do nome "Madeira"

Falando da descoberta, diz Gaspar Frutuoso: «...á qual chamaram da Madeira por causa do grande e espesso arvoredo de que era coberta...». Infere-se desta narrativa que foram os proprios descobridores que, á ilha desconhecida a que aportaram, deram o nome de Madeira. Noutro logar diz o mesmo Frutuoso: «O infante vendo as mostras e ouvindo a relação que da ilha eles lhe deram, lhe poz o nome, que agora tem, de ilha da Madeira...», Deve, por certo, entender-se que o infante D. Henriqne se limitou a confirmar o nome com que os primitivos navegadores denominaram a terra que tinham descoberto. Em outra passagem das *Saudades* se afirma expressamente que foi o descobridor João Gonçalves Zargo que a esta ilha chamou Madeira: «a que o dito capitam poz nome da *Madeira*». E ainda mais terminantemente o diz em outro logar da obra citada: «... lhe poz o nome assi o felicissimo capitam primeiro dela João Gonçalves Zargo, por causa do muito espesso e grande arvoredo de que era coberta, e ser toda cheya de infinidade de madeira».

Ao contrario do que sucedeu com outras

ilhas e terras descobertas, nunca foram esta ilha e arquipelago conhecidos por outro nome além daquele que primitivamente tiveram. E' certo que o dr. Gaspar Frutuoso afirma «que por ser assi mui fragosa dizem que seu nome era *ou devia ser* ilha das Pedras», mas desta maneira enfatica de dizer do historiador das ilhas se conclui que ele não quisera asseverar ter tido esta ilha aquele nome. E alem desta passageira referencia de Frutuoso, que não chega a ser uma afirmação, não se conhece em quaisquer outros escritos antigos ou modernos aquela denominação para designar a ilha ou arquipelago da Maaeira.

Ouçamos uma pergunta de Pinheiro Chagas: «Era esse nome que mais naturalmente lhe ocorreria?

Quando o termo *madeira* designa especialmente os troncos de arvores já derrubados e preparados para usos proprios, não era estranho que fosse esse nome que servisse imediatamente a Gonçalves Zargo para designar a ilha, em vez de ilha do *Arvoredo*, ilha das *Flores*, ilha das *Matas?*»

Esta pergunta do ilustre historiador não invalida a simples e ingenua, mas verdadeira narrativa de Gaspar Frutuoso.

Principais datas historicas

1420—Data geralmente adoptada do descobrimento.

1433—Doação feita por D. Duarte da Madeira ao infante D. Henrique e da mesma ilha á Ordem de Cristo quanto ao espiritual.

1440—Doação da capitania de Machico a Tristão Vaz.

1446—Doação da capitania do Porto Santo a Bartolomeu Perestrelo.

1451—O Funchal é elevado á categoria de vila.

1461—Morreu no Funchal o descobridor João Gonçalves Zarco.

1497—D. Manuel I.º torna realengo e faz reverter para a coroa o arquipelago da Madeira.

1501—Criação da vila da Ponta do Sol.

1508—E' a vila do Funchal elevada á categoria de cidade.

1514—E' criada a diocese do Funchal.

1515—O logar de Santa Cruz é elevado á categoria de vila.

1533—E' criado o arcebispado do Funchal.

1566—Terrivel saque dos corsarios francêses á cidade do Funchal.

1590—Escreve o dr. Gaspar Frutuoso a afamada obra *Saudades da Terra*, morrendo no ano seguinte na ilha de S. Miguel.

1654—Começa a Madeira a ter representação nas antigas cortes gerais.

1681—Morreu e jaz sepultado na cidade de Olinda, no Brasil, o ilustre madeirense João Fernandes Vieira, o restaurador de Pernambuco.

1770—Alvará regio adoptando grandes providencias acerca da ilha do Porto Santo.

1801—E' a Madeira ocupada por tropas inglêsas. Segunda ocupação em 1807.

1803—Grande aluvião que produziu os maiores estragos e vitimou algumas centenas de pessoas.

1821—E' proclamada a Constituição na Madeira.

1821—Sai o *Patriota Funchalense*, o primeiro jornal que se publicou na Madeira.

1828—A esquadra miguelista bombardeia a vila de Machico, proclamando-se em seguida o governo absoluto.

1847—E' conhecido pelo nome de *ano da fome*, em virtude da pavorosa crise alimenticia por que passou este arquipelago.

1856—E' a Madeira assolada por uma das maiores calamidades que a tem afligido —a epidemia da colera-morbus, que vitimou cerca de dez mil dos seus habitantes.

1901—Os reis de Portugal D. Carlos e D. Maria Amelia, visitam esta ilha.

1906—Ataque ao Lazareto, pondo em liberdade os doentes atacados de peste.

1916—Bombardeamento da cidade do Funchal por um submarino alemão, e que se repetiu no ano imediato.

Advertencia—Não era possivel, nem se procurou fazer, qualquer selecção na distribuição das materias contidas neste opusculo. Foram-se compondo e imprimindo os diversos artigos á medida que deram entrada nas oficinas. Alguns vieram já tarde e outros, com que inteiramente se contava, não chegaram a ser recebidos. Daí lamentavelmente resultou uma maior deficiencia no conjunto dos assuntos a serem versados neste logar, o que em boa parte se deve atribuir á grande escassez de tempo de que se pôde dispôr.

Coordenador: P.e Fernando A. Silva

Tip. Bazar do Povo - Funchal - 1922

Comissão de ornamentações publicas

Nicasio de Azevedo Ramos (presidente)
Eduardo Ferreira Leitão
Joaquim Nunes de Carvalho
José Ferreira
Luiz Ferreira

Comissão de turismo e recepção de forasteiros

Henrique Augusto Vieira de Castro (presidente)
Alfredo Cesar de Oliveira
Alvaro de Sá Gomes
Alferes Armando Pinto Correia
Dr. Eduardo Antonino Pestana
Capitão Eduardo dos Santos Pereira
Dr. Ernesto Pelagio dos Santos
Francisco Bento de Gouveia
Capitão Jaime Leal
Capitão Jaime Nunes de Oliveira
Luiz da Costa Pinheiro
Tenente J. Augusto Correia de Gouveia

Comissão de concertos e festas musicais

Dr. Manuel dos Passos de Freitas (presidente)
Tenente Cristovão de Ascenção
Tenente Carlos Silva
Capitão Edmundo da Conceição Lomelino
Capitão Eduardo dos Santos Pereira
Francisco Bento de Gouvêa
João Augusto Fernandes
Julio Camara
Luiz da Costa Pinheiro
Tenente J. Augusto Corrêa de Gouvêa

Comissão de Exposição Industrial e Feira

Tenente Coronel dr. Antonio da Cruz Rodrigues dos Santos (presidente)
Engenheiro Antonio Egidio Henriques d'Araujo
Eduardo Paquete
Dr. Elmano Vieira
Engenheiro agronomo Emilio Botelho Moniz
Francisco Figueira Ferraz
Frederico Quirino Soares
Henrique Figueira da Silva
Henrique Augusto Vieira Castro
Henrique Rodrigues
José Soares de Andrade
José Theodoro Corrêa
Julio Albuquerque de França
Luiz Portugal Rodrigues dos Santos
Manoel dos Reis
Raul Quintino de Souza

Comissão Bibliografica e de produtos da "Escola Industrial,,

Engenheiro Vitorino José dos Santos (presidente)
Comendador Adolfo J. Sacmento de Figueiredo
Professor Candido Pereira
Professor Emanuel Ribeiro
Feliciano Soares
P.e Fernando Augusto da Silva
Dr. Manuel Gregorio Pestana Junior

Comissão de Festejos Desportivos

Antonio Vieira de Castro (presidente)
Abel Romão Gonçalves
Alvaro Reis Gomes
Antonio Nunes
Aquino Batista
Carlos Nelis
Fernando de Figueiredo
Joaquim Travassos Lopes
Leonel Luiz
Manoel Fernandes
Tomás Teodoro Caldeira

Comissão de Festejos Nauticos

Capitão de Fragata Romano Vital Gomes (presidente)
Afonso Coelho
Alvaro Reis Gomes
Carlos P. de França
Major João Carlos de Vasconcelos
João de Araujo
Humberto Machado

Comissão de Jogos Hipicos e Cavalhadas

Capitão Manoel Leovegildo Rodrigues (presidente)
Antonio Vieira de Castro
Tenente Carlos Moniz Teixeira
Tenente Fernando Lomelino
Fernando Figueiredo
Joaquim Travassos Lopes
Tenente José Maria C. Macedo
Julio Albuquerque Rodrigues
Julio Escorcio